

POESIA REUNIDA
Ana Paula Arendt

2014-2018



Ana Paula Arendt

POESIA REUNIDA

2014-2018

1ª edição

São Paulo-SP
Junho de 2019



Só Livro Bom Editora
R. Barão de Itapetininga, 273-06ºK
01042-913 República, São Paulo-SP
BRASIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arendt, Ana Paula

Poesia reunida : poemas 2014-2018 / Ana Paula Arendt. -- São Paulo
: Só Livro Bom Editora, 2019.

ISBN 978-85-920794-1-3

1. Literatura lusófona 2. Poesia brasileira I. Título.

19-25011

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Corpo editorial

Capa: Stephan Schmitz

Vencedor do *Applied Arts Photography & Illustration Awards 2016*

Edição e projeto gráfico: Só Livro Bom Editora

Revisão: a própria autora e Cindy Nagel

Ilustrações do miolo: Luíza Costa

Aquarela com imagem da autora: Rodrigo Nardotto

Agradecimentos: Ministério das Relações Exteriores

Foi realizado o depósito legal.

Junho de 2019.

*Uma parte de mim vai
Uma parte de mim fica
Qual é a parte que vai?
Qual é a parte que fica?
Uma parte de mim sai
Uma parte de si bendita
E fica doendo o que se esvai
Fica doendo o que me estica.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11	OS ANOS CAMINHAM CONOSCO	53
		FEITOS UM PARA O OUTRO	55
		LIVRE, BUSCO A REDENÇÃO	56
		O DIA DE HOJE, SEMPRE	57
		MEMÓRIAS ESCAVADAS DE SER MÃE	58
		VIDA ELOQUENTE	61
		O REMÉDIO DA MEMÓRIA	62
		PRECE DOS PECADORES	63
		TODO AMOR É VERDADEIRO	64
ESTUDOS		O POEMA VIVO	
UM ESTUDO SOBRE O SOM DAS ÁRVORES	14	BLASTEMA	67
UM ESTUDO SOBRE A LUZ	15	SÚPLICA	70
UM ESTUDO SOBRE O MILAGRE	16	QUINTESSÊNCIA	71
UM ESTUDO SOBRE O BEIJO	17	INFINITAMENTE	73
UM ESTUDO SOBRE A QUEDA DAS FOLHAS	18	CORAGEM DE SOLIDÃO	79
UM ESTUDO SOBRE O VOO DAS AVES E DOS PÁSSAROS	19	HIERÓSGAMO	80
UM ESTUDO SOBRE O SILÊNCIO	20	NUME	82
UM ESTUDO SOBRE A CONFORMIDADE DAS NUVENS	21	A ARTE DE BUSCAR RESPOSTAS	83
UM ESTUDO SOBRE AS GOTAS DE CHUVA	22	FLOR DO TEMPO	85
UM ESTUDO SOBRE A DELICADEZA DA NOITE	23	O ETERNO RETORNO ENRUGADO	86
UM ESTUDO SOBRE AS SOBREMESAS	24	POEMA AINDA VIVO	90
UM ESTUDO SOBRE A ÁGUA	26	O LUGAR DE ENCONTRO	92
UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO	27	RELEVÂNCIA	93
UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO II	28	MEDO DE SER SOZINHO	97
UM ESTUDO SOBRE A AUSÊNCIA	29	CONVENCER-TE	99
UM ESTUDO SOBRE AS FLORES	30	O QUE CAI, TOMBA	100
UM ESTUDO SOBRE OS HOMENS VIOLENTOS	31	CAMINHOS	102
UM ESTUDO SOBRE O AZUL	32	GRADAÇÕES	102
UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO III	33	UM MAPA DE FRONTEIRAS E DE LIMITES	103
UM ESTUDO SOBRE AS ESTRELAS	34	EXOSFERA	104
UM ESTUDO SOBRE A CORAGEM	35	O MAR E O MEL	106
UM ESTUDO SOBRE O FASCÍNIO DA POESIA	36	TALVEZ	107
UM ESTUDO SOBRE A LIBERDADE	38	RUMO AOS CAMPOS DE SÁLVIA	111
UM ESTUDO SOBRE OS HOMENS	39	BOA SORTE	112
UM ESTUDO SOBRE A REDENÇÃO	40		
UM ESTUDO SOBRE O SOSSEGO	41	POEMAS ESPANHÓIS	
		EM CÉU NUBLADO	114
ACALENTO		PREENCHENDO ESPAÇOS	115
PODERES ENTRE PAREDES	44		
NEM TUDO ESTÁ PERDIDO	45		
LER O MAR	46		
A MINHA INSIGNIFICÂNCIA	47		
ROCIO AMARGO DA ÁRVORE	48		
SAUDADE	49		
O ÚLTIMO DEGRAU DA VIDA	51		
UM DIA VEJO VOCÊ	52		

O RIO DE FEVEREIRO	116	POEMA HONESTO	162
A FELICIDADE É A ÚLTIMA GOTA	117	A DEMANDA DO POVO	163
UM BEIJO SELA DOIS ROSTOS	118	MULHERISMO	165
SÊ MEU POR INTEIRO	119	VOCÊ É A MINHA PÁTRIA	166
O SOLO SAGRADO DO SEU PEITO	120	UM BOM DIA	167
BEIJO PULCRO	121	BUENAS NOCHES	167
HASHEM	122	OMNÍVORA	168
A MULHER QUE TINHA VERGONHA DAS SUAS NÁDEGAS	123	SÓ SOBROU VOCÊ	169
QUANDO O CÉU ENCONTRA A TERRA ABERTA	124	MANHÃ DE CHUVA	170
POEMA DO PERDÃO	125	AS NECESSIDADES DE UMA MULHER	171
CHAMA	126	SEMPRE	172
JÁ ÉS UM MENINO?	127	FILIGRANA	173
SER DE NOVO	128	MÁTRIA LUSA	174
POESIA, MÚSICA DA ALMA	128	PRATARIAS FLORESCEM	177
VIGÍLIA	129	A NATUREZA EGOÍSTA DE UMA MÃE	178
POEMA DO ATUAR MENOS E VIVER MAIS	130	O SOBRENOME DA REALIDADE	181
AMAR SEM DÚVIDA	131	VINICIUS BATE À MINHA PORTA	182
REMEMORANDO UM AMOR	132		
UM SONETO QUE QUERIA SER PORTUGUÊS	133	A MENINA E O MALANDRO	
O MUNDO ADENTRO	134	O MALANDRO	184
DEITAR NO CHÃO, NADAR NO MAR	134	EU SÓ QUERO SER MULHER	185
QUERO A LUA DOS TEUS OLHOS	135	O AMOR É PARA OS COMUNS	186
O CORPO É MEU	136	NÃO SOU FEMINISTA, SOU FEMININA	187
AS LÁGRIMAS ESCONDIDAS	136	A OBRIGAÇÃO DE SER FELIZ	188
O FRACO PODER DA AMEAÇA	137	MULHER É BICHO, MALANDRO É DE NADA	189
IMPUGNAÇÕES	138	VIDA PLENA	190
AS DORES DO PARTO DE CADA DIA	138	VERSO DE BALANGANDÃ	191
SOBREVIVENTE	139	AQUELE VINTE DE OUTUBRO	192
SER SEMPRE NOVOS AMANTES	141	REFORMA ORTOGRÁFICA	193
UM SÓ GRÃO FAZ A AREIA	141	CANSEI DE ESCREVER BONITO	194
POR UM VERDADEIRO AMOR	142	A MAIS-VALIA DA PALAVRA	195
NOS TEMPOS DA FACULDADE	143	NA VIDA A GENTE SEMPRE PRECISA DE ALGUÉM	196
CARTA À ALMA MINHA	144	PUDERA TER SIDO INFINITO	197
		O JEITO INÚTIL DA BORBOLETA	198
		O VESTIDO ESVOAÇANTE	199
		O AMOR É DE GRAÇA	200
		POBRE DE UMA ARLEQUINA, QUE SÓ SABE AMAR	201
		A SUPERIORIDADE DAS MULHERES	202
		FARTA DOS MONÓLOGOS	203
		O AMOR É UM CLÁSSICO	204
		POEMA DE SÁBADO	205
		SACRIFÍCIOS DESNECESSÁRIOS	
		CARREGO TODAS AS TRISTEZAS	208
		MERITOFAGIA	209
		VISITA DA MANHÃ	210
LOUSA VERDE DA VIDA			
MAESTRA	148		
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA	149		
ESCRAVA DE MINHAS CONCLUSÕES	150		
QUANDO QUEREM BRIGAR	151		
SEJAMOS POBRES	152		
PODER ESFÉRICO	153		
A SAGA DA BARONESA MARIA AMÉLIA	154		
O MUNDO NÃO É MAIS ROSA	156		
CHEGA!	158		
O QUE ERA DOCE ACABOU-SE	159		
ESCREVO PORQUE HÁ UMA CANETA E PAPEL	160		

EU, MURO, SEI O QUE SOU	211	SONETO XXXVI	260
A ESCARCHA DO DIAMANTE AZUL	212	SONETO XXXVII	261
INTEIRA	213	SONETO XXXVIII	262
SOBRE A FUNÇÃO DE UMA ESTRELA NO CÉU	214	SONETO XXXIX	263
O QUE SIGNIFICA AMAR	215	SONNET XL	264
A VERDADE SE ESCRVE A LÁPIS	217	SONETO XLI	265
POEMA DE ACÁCIAS	218	SONETO XLII	266
AO MEU FILHO JÁ NÃO IMPORTA	219	SONETO XLIII	267
A PULSEIRA DO BRAÇO DIREITO	220	SONETO XLIV	268
É UMA TAL PROMESSA DE CHUVA EM AGOSTO	221	SONETO XLV	269

SONETOS DE VERDADEIRO AFETO

SONETO I	225	SONETO XLVI	270
SONETO II	226	SONETO XLVII	271
SONETO III	227	SONETO XLVIII	272
SONETO IV	228	SONNET XLIX	273
SONETO V	229	SONETO L	274
SONETO VI	230	SONETO LI	275
SONETO VII	231	SONETO PARA UM HOMEM (LII)	276
SONETO VIII	232	SONETO LIII	277
SONETO IX	233	SONETO LIV	278
SONETO X	234	SONETO LV	279
SONETO XI	235	SONETO LVI	280
SONETO XII	236	SONETO LVII	281
SONETO XIII	237	SONETO LVIII	282
SONNET XIV	238	SONETO LIX	283
SONNET XV	239	SONETO LX	284
SONETO XVI	240	SONETO LXI	285
SONNET XVII	241	SONETO DE BEM LONGA VIDA (LXII)	286
SONNET XVIII	242	SONETO À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (LXIII)	287
SONETO XIX	243	SONETO LXIV	288
SONETO XX	244	SONETO LXV	289
SONETO XXI	245		
SONETO XXII	246	OUTROS SONETOS	
SONETO XXIII	247	SONETO DA ROMÃ	292
SONETO XXIV	248	LONGO SONETO DA DEVOÇÃO TOTAL	293
SONETO XXV	249	SONETO DA FALTA DE AMOR ALHEIA	294
SONETO XXVI	250	SONETO DA LONGA DEVOÇÃO	295
SONNET XXVII	251	LONGO SONETO DO BAILE DA CORRUPÇÃO	296
SONETO XXVIII	252	SONETO DA RECONCILIAÇÃO	297
SONETO XXIX	253	UNÇÃO ALVICELESTE	298
SONETO XXX	254	O LABIRINTO E A VOZ	299
SONETO XXXI	255	SONETO DA MÃE DESESPERADA	300
SONETO XXXII	256	SONETO DO AMOR MANIFESTO	300
SONETO XXXIII	257	SONETO DA SAUDADE	301
SONETO XXXIV	258	SONNET TO THE ALMOND TREE	302
SONETO XXXV	259	SONETO DA COMPANHIA AUSENTE	303
		SONETO BREVE	304
		SONETO SÓBRIO	305

Sobre escrever:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”

Graciliano Ramos

PREFÁCIO

Dentre as diversas artes relacionadas à linguagem humana, a poesia foi minha primeira grande paixão.

Ainda criança, por volta dos meus 10 anos, fui apresentada às obras do grande poeta romântico, Castro Alves, me conectando de uma forma avassaladora ao seu poema, Navio Negreiro.

Aquela narrativa de uma travessia de escravos, cujo sofrimento é retratado de forma tão intensa, me abriu para a possibilidade de transcender do mundo real, por meio da escrita e leitura, navegando, não num navio repleto de homens privados da sua liberdade, mas num mar de brumas, perfumes, sons e cores, conduzida pela métrica e força de cada palavra.

O poeta inglês, John Keats, ao escrever uma Ode a uma urna grega, ele chamou-a de “Inviolada Noiva do Silêncio” e afirma que, mesmo sem falar, por ser um objeto inanimado, ela pode, com suas inscrições ali retratadas, relatar uma história mais bela que seus versos.

E assim fez Ana Paula Arendt... cada história em forma de poema é fruto de uma visão vasta de mundo que com muita destreza ela nos premia, onde os estudos sobre os mais variados assuntos nos aproxima da sua essência, num misto de delicadeza e força em cada frase.

Nas minhas aulas de literatura inglesa e portuguesa, no Departamento de Letras da Universidade de Brasília, recebi como definição que poesia é arte, a obra é poema, e o poeta o artífice.

Este livro, Poesia reunida, desnuda a alma das várias poetisas, a mulher, a mãe, a cientista política, a diplomata e a artífice.

Estou certa de que o leitor encontrará nesta coletânea o prazer de mergulhar, como eu mergulhei, no universo de Ana Paula Arendt e se deixar levar pela emoção.

Boa leitura.

D. Hélvia Paranaguá
Brasília, 15 de março de 2019.

ESTUDOS

(Julho de 2014)

Para todos os sonhadores.

UM ESTUDO SOBRE O SOM DAS ÁRVORES

ESCORRENDO a água de chuva: contínuo e trépido, escorregadio
Eucaliptos me caem como luva: à beira da estrada recitam desafios.
Ecoando aves canoras: nas ruas longas e estreitas, de eco abafado
Sobre mil folhas oscilam as copas: os galhos pendulam, ondulados.

Se o som brilha, e a sombra faz trilha: estalos de tríptica memória
Se espalham flores e o amor fervilha: antes se criou uma história.
Com o som de espuma e de colarinho: regadas por um jardineiro
Ociosas produções de passarinhos: maritacas se encantam por inteiro.

Se habitam ares e brisas por entre o meio: sopra o assobio uivante
Na janela previnem de ecnéfia o anseio: árvores largas, no topo gigantes.
Umidade antes da melodia: plantas pequenas e médias orquídeas.
Se amparam num filó de cortesia: cipós longevos sacodem as mídias.

UM ESTUDO SOBRE A LUZ

LÍQUIDA cresce ao horizonte, refletida no vidro do mar
Oblíqua surge na fronde da casa em que eu passar.
Rutilante em pedra dourada, enche a sala de amarelo
Do verão anuncia o começo, pelas flores de um carmelô.

Derrotada na noite, a luminosidade reflete a branca lua
Raio de ruído que ouve o mar e deixa a estrela falar nua
Brilho molhado em roupa de peixe à superfície branda;
Milagre esparzido em madrepérôla de concha branca.

Pequena purpurina fluorescente das flores de fadas vadias
Luminária de amôres estica em supercorda as alegrias.
Concêntrica e ardente flama derrama lágrimas de cera
Fervorosa, comunica incandescente a jura da rezadeira.

Chama azul cozinha e frita, faz calor com o gás da terra
Escarlate queima a lenha em abrasador forno de guerra.
Nas florestas, cintila transiente, em sendeiros de fogo fátuo
Nas capelas, queima rubra, de paixão ao rito estátuo.

És fim e meio, relâmpago e pensamento, metáfora alada
Instantânea, ilumina por dentro, jamais pode ser dilacerada.
Se acendes num canto, do outro lado já és história contada.
O sol é tua fonte, em montanha de labaredas ao olho veladas.

Nos espelhos refletidas, ideias em lâminas rememoram
Autênticas ou retorcidas, dão imagens que nos incorporam.
E nas gotas se refrata, em muitas cores rebotam no mundo
Não se pega e não se cata, toda luz é um mistério profundo.

UM ESTUDO SOBRE O MILAGRE

(Para o Embaixador Francisco Carlos Soares Luz)

CRENÇA firme no valor da esfera:
empenho líquido no ímpeto frustrado.
Triste ensejo de uma pura espera:
graça de um novo tempo anunciado.

Razão revisada sobre o riso, rei da mágoa:
rápido recavém de radicais irrisórios.
Afonía de escuro preparo da água:
gestos de súplica em rios divisórios.

Preparo em desterro, surdos de cetim:
segue na teia de um prévio cálculo.
O que o universo preparou para mim:
alma de criança clamando o cenáculo.

Miragem de sonho na narrativa do tempo,
Amor dito em palavras por dentro
O milagre é a visão do primórdio que se desejou.

Suprema vitória sobre escarmentosas dificuldades,
Idedutível memória sobre o doce bem da idade,
Surpresa admirável que Ninguém antecipou.

Ardor efluído em discreta jaculatória,
De gesto que acende uma maravilhosa glória,
Movimento que a estrela tanto aguardou.

Fruto encadeado de excelentes sacrifícios,
Fulgor que é restante de um lígio mesmo ofício,
Indecifrável mistério que a fé fez no que sou.

UM ESTUDO SOBRE O BEIJO

OLHOS translúcidos, lábios tão macios: beijo de amor filial
Gestos tão súbitos num seio bem febril: beijo lúbrico e carnal.
Se enverga a lágrima ao fim da guerra: beijo pedindo perdão
Se enxergo a rápida súplica terna: que feliz beijo de ligação!

Se sugere passear de mãos entrecruzadas: ósculo ao pé do ouvido
Se roga cheirar minha pele rosada: com língua, entre bocas sem sentido.
De olhares fitos, quando tudo desaparece: beijo de amor estalado
Estalido do outro lado do mundo, em uma prece: onírico anseio irrefreado.

Figo molhado em que sobe o homem, buscando o pássaro verde
Vazio em que se move o canto insaciável da minha sede...
Com lábios se sente o contorno da boca que diz à amada:
De um beijo não há retorno, essa porta é uma empírea entrada.

UM ESTUDO SOBRE A QUEDA DAS FOLHAS

FOLHAS tremilicando no topo das árvores: o tempo passa.

Folhas agitando sob o sol: o tempo é graça.

Esfrego uma folha com a mão e ponho na ponta do nariz: uma mãe cai.

Chuva de folhas pela manhã: eu sou pai.

Folhas esvoaçantes sobre mim: Ave Maria.

Mil folhas sopradas pelo vento: sorria.

Quatro folhas caindo na água: recebi sua mensagem.

Uma folha dependurada e molhada: selvagem.

Uma folha cai, a outra a segue: olhe para o céu à frente.

Dois pássaros e uma inteira revoada: mulher apaixonada não mente.

Uma folha espirala no vento: dance.

Uma enorme folha flutua no tempo: o universo ao seu alcance.

UM ESTUDO SOBRE O VOO DAS AVES E DOS PÁSSAROS

EM CURVA, bem íngreme, em trajetória, inclinado:

Ondulante, curvilínea, tortuosa, enjeitado.

Súbita, arremetido, plainando, retomado:

Em salto, rente e límpida, de flanco, alçado.

Repentina, de talude, errante, disciplinado:

Cérceo, contíguo, num ímpeto, inesperado.

Envergada, movido, erguida, sequenciado:

Decolado, convexa, dinâmica, sincronizado.

Ríspida, revolução, em evolução, revoado:

Arqueio, flectida, avergada, envergado.

Entortada, zumbrindo-se, fletida, flexionado:

Dobrada, aprumo solto, alacando, em corcovado.

Retilínea, num côncavo, sinuosa, deslizado:

Livre, libertino, lindo lume, capturado.

UM ESTUDO SOBRE O SILÊNCIO

SILÊNCIO das dores: profundo espasmo arrefecido.

Silêncio de amores: olhos límpidos, embevecidos.

Silêncio indignado: terrível demais pra ser dito em palavras.

Silêncio calado: medo, o degredo das pontas das travas.

Silêncio pacífico: sinto o ar impermisto entrar no meu peito.

Silêncio epistemofílico: penso como tudo pode estar direito.

Silêncio hesitante: os olhos antecipam com uma expressão.

Silêncio irritante: quero saber logo, e você não me diz não.

Silêncio em protesto: dói-me dizer, não quero saber.

Silêncio honesto: não sei quê dizer, gostaria de saber.

Silêncio funesto: sofre o homem, sem nada fazer.

Silêncio de um gesto: sofro com o homem, e isso é fazer.

UM ESTUDO SOBRE A CONFORMIDADE DAS NUVENS

SOB O SOL a pino: espessas e fofas, reentrâncias muitas;

Sob turvo céu divino: silhuetas fulvas gratuitas.

Se o vento freme: entrelaçadas por seis andorinhas;

Em curtas sobras solenes: rarefeitas, traçadas em linha.

Contra o horizonte distante: empoeiradas de pôr-do-sol;

Em pétalas soerguidas e errantes: esparzidas no arrebol.

Ao amanhecer imanente: esparramadas e quase esmaecidas;

Tempestade anunciada ressentida: adiabáticas e empedernidas.

Em mais de uma (em duas, ou três): bem franzidas, rente às outras;

De frente pr'um mar de mercês: volumosas, sensualmente loucas.

Do alto cume, de um avião: oceano sossegado de ondas imperturbáveis;

Perfurada a camada, em ascensão: vero nevoeiro, bem trepidáveis.

Detrás das copas das sibipirunas: transparecidas, quase invisíveis;

Vistas de olhos ao só se ter uma: cores nascidas, em formas incríveis.

UM ESTUDO SOBRE AS GOTAS DE CHUVA

VÉU cinza e largo; um mormaço balança os cardos:
Gotas espessas.

Céu turvo e nublado; ar frio, congestionado:
Indeléveis, me pedem: adormeça.

No sol de fim de tarde, chuva nos olhos arde:
Gotinhas de luz explodem no chão.

Nuvens formando bigorna, soprando brisa morna:
Em tempestade, com raio e trovão.

No vidro do carro, escorrendo e em desgarro:
Longas como um cometa.

Em rosto amargo, chorando um encargo:
Uma lágrima acoleta.

Em noite vazia, a umidade esfria:
Iluminam poste.

Chuva ao meio-dia, se um banho anuncia:
Não há quem não goste.

UM ESTUDO SOBRE A DELICADEZA DA NOITE

TÃO BREU que qualquer rajada de luz faz a diferença
Se estendendo aos olhos para que em corda acordem
O céu é estrelado e também o chão de luzes pensa
Pois brilham as casas onde as pessoas dormem.
Para a coruja, o chão também é constelado
E do avião, se enxergam no céu dois lados
A noite arremessa o turbilhão da poesia,
O sonho atravessa a estrada que nele se adia.

Escuridão em que as mulheres escondem desejos
Quando acham que a noite oculta o que se quis
O que se deixou de viver então num beijo
Se irrompe no corpo, cresce na alma feliz.

A noite esfacela as dores morais, e livres são os homens
Para atender pedidos que às mulheres pudicas consomem
E teus olhos escuros me contam o silêncio da madrugada
N'outra metade a noite ergue leve tecendo a alvorada.

Alça a manhã em que se poderá cantarolar o que se quis dizer
O que a noite esclareceu com a calma e maturou com o sofrer
A manhã em que se poderá dizer que é breve, falha e culta
A beleza no ar que a ave de olhos fechados respira e ausculta.

Noite leve, que restaura no corpo o meu estado de espírito
Delicada, deixa o tempo acariciar, pausado e cíclico
O gesto prudente do mundo em se fazer de novo
Generosa, encerra à chave e chama ao dia o povo.

UM ESTUDO SOBRE AS SOBREMESAS

PAPOS-DE-ANJO em conversa dão baba-de-moça
Açucarados escorrem em calda no céu calado da boca.
Batendo seu papo doce, abatem dali do céu
Toucinho coberto em glaúcar, manando amêndoa e sorvendo mel.

Abade Prisco fez pudim bem liso em forma de flor
Mascando não é ruim, ser firme é prova de amor
A barriga-de-freira, grávida de ovos consagrados
Na hóstia de trigo em poeira, o Cristo em dulçor redobrado.

Bolinhos-de-amor, esquecidos, melindres, paciências, brevidades;
Raivas, sonhos, beijos, suspiros, caladinhos, casadinhos, saudades.
Beijos-de-freira, triunfos-de-freira, fatias-de-freira, creme-da-abadessa;
Cabelos-da-Virgem, orelhas-de-abade, sopapos, velhotes, te-emudeça.

Celestes, manjar-real, marqueses, morados, bolo-rei, amêndoas carameladas;
Fartes-da-Beira, torta-de-Santiago, rebuçados no bolso para as namoradas.
Bolo busca-marido, engorda-marido, orelhas-de-burro, come-e-cala;
Nega-maluca, beijo-de-estudante, bolo-de-beata, pastel de Santa Clara¹.

Alcaçuz gruda nos dentes, gengivas e lábios rosados
Da criança que corre estridente, atrás de ovos achocolatados
Cacau disfarçado em coelho, em conchas-do-mar e em corações
Cobertura de bolo e recheio, bem puro cacau rende emoções
Tão grandes quanto as que abrem em um beijo.
Se é presente, oferta, lembrança, prêmio, homenagem
O doce faz visita, amizades, carpe e festeja² em tantas viagens.

E em formas curvas, pastilhas douradas adornam o creme aerado
Terá gosto de morango, de maracujá, de baunilha ou amargo?
Rocambole tem doce de leite, ou goiabada, no pão-de-ló
Era a sobremesa que meu avô pedia de tempos em tempos à minha avó

1 Márcia Pinna Raspani e Mary del Priori, no artigo “Já existia sobremesa nos tempos coloniais?”.

2 Referência a Câmara Cascudo.

E fios de ovos, por cima cerejas, açúcar bem fino pra decorar
Como o verso não sai da cabeça, depois que se prova o sabor do lar.

Cookies crocantes de mascavo, gengibre em estrelinha ao lado de flan
E há os charutos embrulhados, por dentro o natal e o marzipã
Banho de chocolate para sementes de amendoim, gergelim, nozes, nenúfar...
Poesia sem rima, memória que não imprima, é como um doce sem açúcar.

UM ESTUDO SOBRE A ÁGUA

LÍMPIDA, sacia goles, absorve enormes impactos
Cristalino lugar onde a luz mergulha buscando para si reparos.
Joia de curvas macias, sacia por dentro e recobre a pele
No corpo o brilho lapida, água que outrora também se bebe.

Envoltório e solução da vida, ofertório de nobres altares
Nas taças seus sons vibram, na Terra circunda os mares.
Movimento elástico absoluto, jaculatória que no ar espalha
Gotas sempre de mesmo atributo, reiniciando a vida involuntária.

Se a altura das ondas dizem a largura das margens que lhe limitam
Os seres retornam aos seus olhos, pois sua escassez e falta interditam
Sobre ela apenas flutua o que é muito forte e leve
Cujo fôlego resguardado refresca, circula e ferve.

Reflexo versátil, elíptico, cíclico e maleável
Na água nos diz o que é puro, suave e desejável.
Em forma de nuvens, garoa, em gelo, neve ou vapor
Suas mãos lisas convidam a lua a querer lhe elevar de amor.

Por que de sal se absorve, mas é doce por cima da terra?
Como é que sobe nos montes, e nos vales contorna as serras?
E guarda em si muitas muitas cores, toma as dores, no rosto escorre
Molha varais, arbustos de flores, quando em excesso no ar cura e chove.

Renova eras em celeste, cobalto, turquesa, safira
Passe que enxuga no corpo o fel, a fadiga e as brigas
Incêndios apaga em ciano, marinho e azul tequelete³
A água reflete instantânea, transparece o que o céu repete
Fluindo e flanando fitas, nas fontes, gramados, cachoeiras
Ergue cidades em palafitas, abastece civilizações inteiras.

3 Tekeleth, azul judaico de ornamentos sagrados.

UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO

DE PROPÓSITO não se faz tudo que se repete
O depósito de coisas tampouco por si faz sete
Cores suficientes para a vida não passar em branco.
Por que o mundo prossegue, regando pra secar seu pranto?

Todo o campo por dentro se reflete
Microcosmo do que se vê nos cantos e
Arredores de uma mesma prece
São contumaz realidade em encanto.

E o sentido então reaparece
Desposa o medo de falar, festejar, fazer
Pergunta qual é afinal o propósito
Em vez de calar, copiar e colar, conceder.

O que é maior na balança pesa,
o orgulho latente muito move e reza,
Gira as coisas todas ao nosso redor
Mas reduzidos aos nossos propósitos,
Nos escapa o que mais nos preza
E o vento não sopra o que nos explica melhor.

O propósito se encontra então nas pernas
Que em passos bem fundos nos fazem cair
De bruços com o novo e com a descoberta
Externa ao trajeto de aonde se pensava ir.

UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO II

SE AS COISAS sucedem, umas após as outras:
Algumas se alinham, mesmo que sejam poucas.
E se a mão organiza, para que tudo seja de proviso:
Algumas escapam do controle, eis aí um aviso.

E se as coisas existem, as reais e as aparentes
Buscamos nelas o que nos toca e nos parece diferente.
E se algo não nos dobra, é irreverente, é irrelevante?
A alma requer algo que ainda não foi dito antes...

Mas se o sol faz nascer o mesmo dia, e tudo é igual na Terra
As coisas só mudam conforme as dores por dentro de cada era
E era após era, as ondas rebotam apenas na praia
Onde o bicho, o peixe e a concha levantam com o vento a saia
Da fêmea que abrigou e nutriu, meio ao feio e ao incerto
À ela se perguntou, pra que serve, afinal, o universo.

E dividido em muitas partes, em oito, não em seis
Duvidou pra sempre e em aberto deixou de fazer o que fez
E tudo que é vivo brotou, a moça correu, o sorriso abriu
Em comum se fez de novo um tempo que não se viu.

UM ESTUDO SOBRE A AUSÊNCIA

BURACO macio no peito aonde rolam os seixos e as pedras
Algo que não se sabe direito, um mal que arranha e não quebra
A altura intransponível de uma distância involuntária
Destino que se afastou a despeito da busca invária.

Dia que não se acaba, hora erma de duração incerta
Empuxo que retrai o corpo de frente a uma porta aberta
Compacidade da lágrima seca, preenchimento de uma obstrução
Papéis amassados às pressas, sobre a mesa e pelo chão.

Deslocamento de todas as aparências, um pensamento sucumbido
Perguntas não respondidas pela ciência, um sentimento esquecido

Exaustão de um sopro sem hálito
Exatidão que onera o hábito
Escudos acumulados em um depósito
Estudos sem nenhum propósito.

UM ESTUDO SOBRE AS FLORES

EVÓLVULO invisível aos olhos, transparente e azul
Se abre do nosso espólio, são as iniciais de elul.
E se há flores que limpam mágoas, há rosas de igual sobrenome
No centro se tingem de rubro, alvas por fora, passariam fome.

Na alba há botões de caliandra, o pincel pra criança pintar
No rosto um céu de carinho, tão leve quão pluma é o ar
Se eu cavar muito fundo, não brota dali o bulbo
Do lírio que ornou o mundo, vestido qual sol de fulvo.

Se a água é quieta e parada, nadam nenúfar, lótus e vitória-régia
Três aves que limpam florestas, com água que o verão sonega.
E para os tempos tempestuosos, há flores que espalham no chão
Estrelas-de-Jerusalém aos ciosos, àqueles que negam o não.

E há tantas mais flores, essas cujos nomes desconhecemos
Mas bromélias entoam suas dores e nos perdoam com um belo louvemos.
Antúrios e callas bem brancas nos cercam de autoridade
O fruto maduro dos anos, o silêncio e a si lealdade.

Bicos-de-papagaio cantam vitórias dos outros a vida inteira
Ainda que sejam só folhas, alegram da mesma maneira.
Flor-de-cera é daquelas bem raras, de tão perfeita é difícil de crer
E duram mais que amores-perfeitos, pensados sem nenhum porquê.

Lobelia, oaxaca, miosótis e hortênsia
Congeia, wysteria, allamanda catártica, florência.
Meus muguets, muscari, estrelizia, flor-de-maio e lavanda
Boca-de-lobo, glicínias, flor-de-jade, véu-de-formanda.

As rosas são as mais desajeitadas,
Reclamam e riem as tolas petúnias
Mas pior que dizerem que eres piada
É ninguém dizer nada, e seres uma.

UM ESTUDO SOBRE OS HOMENS VIOLENTOS

AQUELE HOMEM disse que as flores só podem ser brancas
Mas nasceu uma flor rosa.
Ele chicoteou a pobre planta
E raspou todas as suas pétalas.

Nasceu outra flor, vermelha.
E o homem violento
Arrancou a rosa vermelha de seu jardim.
As flores só podem ser brancas.
Ele não pediu flores brancas?
Apenas o vizinho anti-ético gosta de rosas vermelhas.

O juiz veio então ver a gritaria dele
O juiz concordou que as flores têm de ser brancas
Também o bispo longínquo comemorou a ideia do homem violento.
Não, as flores não podem ter outras cores
E é bom que todas voltem a ser brancas.

As flores nunca foram todas brancas,
Mas com essa atitude de correção do homem violento, há esperança.
Foi o que disse o bispo.

Ordenaram à planta que melhor seria não florir.
Ficaram sem flores, e suas dores não passaram.

As flores brancas não ornaram.
Coitadinhas!
Apiedaram-se os homens violentos.
Parte mais íntima delas não era totalmente branca...

Pelo menos,
No jardim do Éden, florescem todas as cores.
Mas os homens violentos se recusam a sorrir com isso.

(Publicado no Correio Braziliense em 19 de setembro de 2017).

UM ESTUDO SOBRE O AZUL

TONS dos meus netos, sabor de ares, matiza-me, kyaneos
Voa como folha e pluma; és glaukos, envolve-me suma, depois de Deus.
Sim, aerius, sim, caeruleus, norte dos magnetismos escuros
Caesius porque tomba e mesmo o mar diante de ti é mudo.
Tintura de sangue nobre, ciano apenas em água se mistura
Acero de um apelo inoxidável, cobalto de minha porcelana pura.

Para a dor o purpúreo, para lavar o anil, à oração o celeste
Bígaro nas superfícies, índigo no profundo, záfiro que arrefece
Teus mirtilos alimentam, tua lavanda perfuma,
Das palissandras esticas a pele
Valsas recobrem a aura que expeles

Orcela da túnica vestida em canção de Rávena⁴
Petróleo servido e a tinta de Curação em uma chávena.

Promessa das buscas turvas
Topázio de meu anel, isátis⁵ de meu sutiã
Curvaturas que banham os lagos de náutico,
Contorno da esfera, sumo de estrela, aroma de harmattan⁶

Gradiente da magia, do encanto, da verdadeira prece
Quero te dar o azul que te escapaste, o éter que tudo engrandece

Ferreus, patmos, lividus, venetus
Muda o meu caminho, diz para sempre o tempo
Com teus vieses lázulis, com os teus riscados marinhos
Azul é a cor do que é sesgo, dos caudais e do meu destino.

4 Cidade italiana na qual se localiza a Igreja de São Vital, onde foi preservado mosaico de Justiniano I em que aquele imperador veste túnica de cor orcela.

5 *Isatis tinctoria*.

6 Névoa branco-azulada nos meses de dezembro e janeiro na costa da África Ocidental.

UM ESTUDO SOBRE O PROPÓSITO III

APREENDER o inefável
Somar o aprazível
Pisar os caminhos reprisados
E encontrar neles mônada incrível.

Reler pergaminhos encontrados
Rolar diante o intransigente sísifo
Dispensar mediadores da fé consumados
Esquecer atravessadores do espírito

Correr até ficar cansado
Descansar pra amanhã estar nos trilhos
Vencer o fardo
Confiar no invisível
Refutar o que é amargo
Contestar o infalível.

Combater glorificadores da morte
Testemunhar que às más línguas se reserva a má sorte
Viver simples, todo dia do mesmo depósito
Buscar a vida e encontrar nela o seu propósito.

(Publicado no Correio Braziliense em 27/12/2017 e na coletânea “New Brazilian poems – a bilingual anthology after Elizabeth Bishop”, editada e traduzida por Abhay K., editora Ibis Libris, 2019)

UM ESTUDO SOBRE AS ESTRELAS

PROPENSÃO de ter no peito desejos raros
Pisca falando ao mundo que ainda há reparos.
Descanso fundo para os teus olhos fatigados,
Alívio da mente apinhada em dias alvoroçados.
É o tal brilho que desejam as preciosas pedras
Queimam nas pontas e acendem à noite as velas.

Perfuram camadas fulgurando num limpo céu letárgico
Celebram nos olhos um acordo entre o real e o mágico
Não aparecem em regiões, não se amontoam, nem se definem
As estrelas participam, criam estações e com luz se imprimem.

Pouta dos sonhadores, resposta aos senhores, são eternos os seus segundos
Dizem futuros, sobrepõem muros, são janelas para outros mundos.

Quando se juntam constelam, formam desenhos, contam histórias
Que viajam por anos sem ventos, e quando nos chegam cantam vitórias

Quando morrem não desaparecem, mas se dobram em buracos negros
Rojam tudo até que se explodem, criam de novo os começos.

Gigantes vermelhas, cefeidas, supernovas, hipervelozes
Anãs-negras, estrelas-conchas, de ferro, de nêutrons, de bósons.
Há pulsares e quasares, umas menores, outras maiores
Mas nenhuma brilha ao redor mais do que os olhos dos meus amores.

UM ESTUDO SOBRE A CORAGEM

ENTENDER que há perigo e sentir na espinha o medo;
Prosseguir e criar em tempo real o enredo.
Não gritar, quando o tapa encontra a face;
Olhar nos olhos, enfrentar sem recurso ao disfarce.
Passar a mão no queixo e sentir o corte do ferimento
Aguardar que cicatrizem a memória e o momento.
Fincar o pé na areia meio ao tormento,
Quando tudo se esvai e parece perdido
Esperar com temperança o tempo
Necessário para lhe socorrer um ouvido.

Rumar pra longe, aonde as águas são mais profundas
Desviando das ondas que esgarçam a tudo em espumas
Manter o foco e o esforço no seu próprio objetivo
Ouvir o homem mais moço, que fez o mesmo e está vivo.
Depois de um pesadelo, rezar um Pai-nosso e sozinho
Dispersar do mal o apelo, combater os seus moinhos.

Picotar uma carta de amor não retribuído
Apagar todas as mensagens de um sórdido inimigo.
Viver do tempo presente, cogitar caminhos futuros
Corrigir os homens mais fortes e quem sabe os mais maduros.
Espiralar-se depois de errar uma pirueta
Afastar-se de covardes que têm medo de uma careta.
Saber-se sozinho, e nem por isso se desesperar
Lembrar que o caminho sempre nos leva a algum lugar.

Guardar no cofre e não abrir nunca mais um segredo
Anotar os próprios erros, acordar muito mais cedo.
Carregar nas costas a si mesma e aos vários filhos
Sem saber se proverá o passo largo de andarilho
Não esmorecer com o desafio, o difícil, o demorado e o desconforto
Saber que mais dia, menos dia, todo homem estará morto
Conhecer bem no seu fundo que frente à coragem hesitarão
A onda, o ultra, a faca, a fúria e até o furacão.

UM ESTUDO SOBRE O FASCÍNIO DA POESIA

FONTE que jorra palavras novas nos soando reconhecidas
Jarra que arremedos entorna, arremates, troféus e saídas.
Arrebatado em pensamento. Arremeter mesmo o vento.
Templo de descanso entre a tribulação e o Armagedom
Visão que a mulher arremessa no peito do homem bom.
Dom de sublimar problemas, coleção de inúteis acasos
Idílio de pulcritude, conchas que o mar trouxe ao raso...

Reunião em que se encantam pessoas de outras atitudes
Calor que canta o verso, quando os corpos se tocam amiúde.
Vinho e alívio certo para aqueles que buscam a virtude
Companhia de cada ser humano, filha das dores de magnitude.

Sonho da verdade filosófica.
Pontada no peito espasmódica.
Labirinto de eterno retorno em que o poeta se confunde com a arte
A lágrima que escorre no rosto quando um amor preferido parte.

Amor que fazem os pássaros loucos rolando no chão
A palavra que antes de ser pensada nos falou diretamente ao coração.
Porta sem trava que o ar fica batendo, martelando e abrindo
Minuto que a boca leva para notar que está sorrindo
Tudo que se faz e se sente, e anotando se torna mais lindo.

Mesa bamba e sem calço, sem pretensão de conserto
Compasso, sextante, bússola, invenção, mapa e acerto.
Cadafalso de onde se pula, patíbulo de onde se joga
Roupa que vende e admira mesmo não estando em voga.

Intuito que faz parar o tempo
E devagar derrama o momento.
O ouro que o alquimista transmuta, sintetiza e dá liga
Declaração de guerra santa à pérfida burocracia inimiga.

O que não está separado, sincronizado inexplicavelmente
Caminho que se abre andando para achar uma vista diferente.
A música que se escuta sambando, por dentro ao cantarolar
Jardim de infinitas flores, de céu estrelado, a poesia é um lugar.

A válvula de escape das pendências deste e do outro mundo
Espelho em que a alma enxerga o que dói no seu lago fundo
Narrativa dos que escrevem sendo autor e ator da própria história
Coleção de tempos com ritmo que afiaram o fiasco em glória.

UM ESTUDO SOBRE A LIBERDADE

PEDRA que me atiram e aproveito para construir meu castelo
Um esposo sem segredos, sem olhos para corpos mais belos.
Dizer palavras que antecedem a forma estética ou concepção
Pensamentos que não cedem frente a ameaças de desaprovação.

Raio que corre nas ruas, zona de soldadura da eletricidade
Mulheres vestidas de luas, sambando com seios de idade.
Torre larga, de acesso estrênuo, contínuo, aleatório e alado
Cabelos ao vento, certezas do tempo, euforia de ter amado.

Canção da sarça erma, cariz ádvena do andarilho errante
Perambular vadia nas resmas com mofo de ideias brilhantes.
Uma folha de papel em branco, dinheiro na conta do banco
Reputação de homem santo, sensação depois do pranto
Na África ser muito negro e na América ser muito branco.

Amar no topo da ponta da cúpula gótica de cristal translúcido
Riscar no céu de angústia a linha de Lato, o perímetro cúbico
Sair pra um sorvete na rua, esquecer de aparar as arestas
Soltar os cabelos bem nua, comparecer a todas tuas festas.

UM ESTUDO SOBRE OS HOMENS

CORAÇÕES nus que se debruçam altivos sobre o mundo
Tendência a dispensar em galões do que arrisca ser mais profundo.
Uma metade cheia empenhada em ocultar sua metade vazia
Solidão que acha em vão dispersar e desgasta sua própria energia.

Conforto de receber sem culpa, sem calos, sem medo
Orgulho que se regozija em fazer amor com excesso de zelo.
Alvos de precedência, gritos de independência, heróis da paixão
Criadores de diferenças, cobradores de deferência, professores de autossujeição.

Amigos da paciência, norteadores felizes da simples sabedoria
Iniciadores de esforço e ciência, ourives da minha ousadia
Trabalhadores da proficiência, prestígio de ser a companhia
Remédio à tristeza e ausência, obreiros de todas as rodovias.

Salva-vidas treinados pelos irmãos, pais, avôs e ascendentes
Santos protetores das causas femininas, sejam corretas ou urgentes.
Engenhos de perfume, pavios de encencas, agricultores de caprichos
Matilha de famintos enciumadores, criadores de atávicos e feios bichos
Corregedores num canto fartos de assimilar a vida em pequenos nichos.

Constância que entorna cada vez mais numerosas e maiores decepções
A capacidade de elucidar voz da alma sem necessidade de explicar razões.
Protetores da vida, sãos e obedientes a quem os pariu e os engendrou
Dores das parturientes, suspiro que a mulher dificilmente memorizou.

Princípio e fim dos nomes, paramentos de morte das mais comedidas
Barba, loção, gravata, aquela vaga noção de não estar arrependida.
Gestão de servir mais um copo num enredo do qual não se quer saída
Corretores verdadeiros aos quais entregam as mulheres as suas feridas.

UM ESTUDO SOBRE A REDENÇÃO

CAPACIDADE de sofrimento

Habilidade de ficar mudo

Flexibilidade do movimento

Credulidade do coração puro.

Veracidade de um sentimento

Realidade de um fato duro

Caridade de um avarento

Tempestade com um céu escuro.

Idade que reduz com o tempo

Felicidade de colher fruto maduro

Amenidade de alguém por dentro

Cidade em que no tempo eu pulo.

Galhos respirando o vento

Flores superando um muro

Banco de praça no qual eu me sento

Vista de graça que constrói o meu apuro.

UM ESTUDO SOBRE O SOSSEGO

MADRUGADA fresca entre a noite e o dia,
O que se disse ontem e ainda se diz hoje;
Foz de aconchego e rito de calma
Conversa bem mansa de manhã e às doze.

Cura da dependência e da imposição do sucessivo,
Sorriso maroto frente a imputações demolidoras;
Ceticismo redondo de milagrosos paliativos
Polaridade oposta a ideologias e suas sucessoras.

Palavras crescidas no quintal, às quais se diz: amém.
A máscara que nos fica depois de acenar a alguém.
Selo de paz nas cartas, um vocativo carinhoso
Introito velado de um livro que te faz sentir precioso.

Cédula de bom tamanho.
Acâmato, movimento da prata.
Vinho num cálice de estanho,
Ser a um amigo grata.

Terra úmida e própria às raízes de um ensinamento
Vento aplacado nas folhas, sereno golpe do tempo.
Alívio desprovido de dúvida, fios bem desenrolados
Cadeira de escuta sem súplicas, um cós bem costurado.

Remédio de gosto doce, viagem e leituras leves
Uma casa com aroma de um dono que voltou mais breve.
Sopa borbulhando no fogo, o estalo de lenha em lareira
Estado de tranquilidade, consenso sem dizer besteiras.

Mar nivelado com a terra rente à linha do nosso horizonte
Séculos sem vulto de guerra, gado correndo nos montes.
Cortina oscilando na sala, de frente a uma porta aberta
Jardim com flores e gente, ter feito uma coisa certa.

ACALENTO

(Dezembro de 2015)

Para os filhos.

PODERES ENTRE PAREDES

ENTRE paredes, poderes são podres
Podem poderes,
Mas poderes não podem flores.
Podem poderes,
Mas poderes não têm cores.
Podem poderes?
Se poderes não têm amores?

Se puderes, venha.
Quando quiseres.
Ver a cor das mulheres
Saber seus sabores.
Sentir e servir o que é reles
Amar as cores das flores.

NEM TUDO ESTÁ PERDIDO

NEM tudo está perdido,
embora muito esteja piorado.
Nem tudo está partido,
embora muito esteja parado.
Nem tudo está falido,
embora muito esteja falado.
Nem tudo está enfraquecido,
embora muito esteja enfeitado.
Nem tudo está redimido,
embora muito esteja redatado.

Nem tudo está perdido,
pois muito nos é perdoado.
Nem tudo está partido,
pois muito participar nos é dado.
Nem tudo está falido,
pois muito nos foi fantasiado.
Nem tudo está enfraquecido,
pois muito só é enfatizado.
Nem tudo está redimido,
pois muito há que nos há de ser recuperado.

LER O MAR

LÁ EU li o mar
lindo
lá eu vi o lar
rindo.
Lá eu fui chorar
vindo
vindo lá, do seu lugar
findo.
Findei o meu folgar
fundo
falei o que é sonhar
o mundo
falei fazer cantar
profundo
na terra além do mar
punto.
Punto nada.
Falei que fui pro mar
ia.
Falei que fui cantar
pia
a onda faz sonhar
ria
o lar frente pro mar
fia.
Fia Maria.

A MINHA INSIGNIFICÂNCIA

A MINHA insignificância, insignífica
não faz qualquer diferença magnífica
na mente dos homens e dos altos cargos.

A minha insignificância, insignífica
não faz sombra alguma específica
e até o vento consome antes os calmos cardos.

Mas minha insignificância, insignífica
me consola serena e pacífica.
É o que me faz contemplar os vastos prados.

A minha insignificância, insignífica
torna o mal uma tênue onda insípida
e o errado um irrisório enredo derogável.

A minha insignificância significa
torna um gesto que é terno coisa explícita
tão maior é a verdade inexplicável.

ROCIO AMARGO DA ÁRVORE

FOSSE eu uma árvore fóssil
a faina seria mais fácil.
Com galhos sutis ao vento dócil
só a gota de chuva penderia grácil.

Fosse eu uma árvore... Posso?
Estender-me como relva ao lácio?
Não enterrariam lá na frente os ossos
de mansidão me elogiariam o traço.

Flamboyant e trepadeira em ócio
resedá e donairosa acácia
à caliandra e à aroeira o rócio
manacá, só amavio em cássia.

Fosse eu uma árvore dócil
preservaria a sombra e a minha flor, bem forte
enquadraria a paisagem com o meu lindo porte
não quereria a dor de amor no lábio.
Ah, fosse eu uma árvore, tivesse eu essa sorte!
Tardaria tão mais a morte
de frente a um não, ser totalmente inábil.

SAUDADE

SAUDADE é quando o amor existe
e adormecido, chora.
Saudade é sensor do que viste
e não esquecido, ora.

De você tenho sempre saudades
e lhe vejo no rosto de um ou de outro
nos meus olhos, e em minha idade,
num anel que eu quis fosse de ouro,
no movimento que às vezes há em minha cidade.

Mas não sinto saudades de tudo.
De você eu me lembro apenas em parte
lembro apenas dos seus modos sérios
e o jeito de dizer as coisas com arte.

Lembro de como era apenas comigo
tão gentil e um pouco medroso
eu me lembro do seu zelo corretivo
e dos risos que eu dava, era tão gostoso.

Eu me lembro do dia que beijei sua testa
e como eu gostava de lhe respeitar
como se nada devesse acabar sua festa
e o amor dispusesse um efeito no ar.

Eu me lembro como era tão bom
jamais temer a falta de razão alheia
dos cordiais momentos, seu belo tom
com que especulava se eu era sereia.

Eu me lembro de como me incluía sempre nas conversas,
da missão que se atribuía, proteger-me de falsas promessas.

Me lembro de uma despedida na escadaria.
Por que me seguiu? Ia sempre de elevador.
Mas havia eletricidade no ar daquele dia,
e um colega interrompeu quase um beijo de amor.

Mas eu me lembro que eu jamais lhe beijei.
Eu me lembro que eu jamais lhe toquei sem antes ponderar.
Eu me lembro que falava dos seus filhos,
toda vez que começava a lhe gostar.

Eu me lembro que na despedida, chorei diante de todo mundo...
Oras! Eu podia. Afinal, você era o que havia de bom no meu mundo.

O ÚLTIMO DEGRAU DA VIDA

MENTIRA inventada,
ou mentira de verdade?
A morte não existe,
não há única realidade.
O meu corpo está aqui,
mas a mente que quer bem
pode estar aqui e ali,
no seu corpo aí também.
Se eu penso, sinto e existo,
se eu respiro o ar da cidade
minha vida eu conquisto,
conurbada por felicidade.
Tanta gente que não busca e não vive
perde a alma na beira da estrada
mas eu vivo os momentos que eu tive
e inclusive os que eu não tive, nada.
Ouço a voz de quem subiu o aclave
e os meus olhos piscam jornadas
ela me disse, Senhor, me cativa
assim com os anos não fico cansada.
Longa é no tempo a praça em que estive
onde as crianças deram risadas
ali, onde tudo que é bom se revive
depois do último degrau dessa terna escada.

UM DIA VEJO VOCÊ

NO CANGOTE um cheirinho,
vou beijar devagarinho
o seu rosto doce e gentil
vou sentir na face o vento
e nele o gosto de um novo tempo,
em que a água é ter sede de um céu anil.

Quando o véu da lua é branco, doce e reluzente
flutua e sustenta as estrelas de um jeito diferente
e o escuro da noite contorna a luminosa flor de ipê

quando as folhas voam no ar transparente,
o chão seco dá no pé da gente,
sem ter de explicar muito o nó dos porquês.

Dei três pulos e girei na beira da porta,
surrupiendo o desejo de quem me importa
e chorei de pensar que um dia nasço em você

Desse olhar que de fé me transporta,
do amor que se esvai rumo à aorta,
de um aperto no seio pra não te perder.

OS ANOS CAMINHAM CONOSCO

O SOL se levanta,
seus olhos também
Mamãe se adianta
e põe no dia o bem.

E lembra da sua avó,
do cheiro de chá mate
e quando aprendeu,
bem criança, xeques-mates
nos tabuleiros mudos muitos,
de que são feitos nossa vida
que se expandem e se escondem,
conforme as nossas feridas.

E o café está pronto,
o pão e o ovo estão na mesa
agradeçamos pelo alimento
e que não falte nenhuma clareza
nas manhãs de pés descalços,
na luz que atravessa janelas
no canto de cada pássaro,
nas rezas da nossa capela.

E é hora da escola,
vamos lá aprender algo novo
que os adultos preparam pra gente,
pra saber onde é que eu me movo
e que delícia, meu Filho,
mais um dia após dia se eleva
pra trás ele deixa o espinho,
A dor, o sofrimento e a treva.

Cresça forte, sábio e humilde
os dias continuam nascendo
relembre que os anos põem tildes,
escrevem nossos palpites estupendos...

E quando chegar minha velhice,
você e eu poderemos inverter
você saberá como é bom cuidar,
e a Mamãe, ser cuidada por você.

E dos seus filhos virão netos,
dos sobrinhos, ainda mais
virão os bisnetos, com o carinho
de um tempo bem longo de paz.

FEITOS UM PARA O OUTRO

EU SOU o café, você é o leite
pinheiro em pé, você o enfeite
eu sou o feijão, você o arroz
se quatro, então, você o dois.
você é o pão, eu sou o vinho
você é o chão, eu sou o caminho

se for pêra, sou gorgonzola
a linha e o carretel que enrola
lápiz de escrever, folha lisa de papel
ave que abre as asas, e eu o azul do céu
um braço e o outro abraçados nas costas
brigadeiro enrolado e o menino que gosta.

Você o ar e eu o som
chocolate e eu, o bombom.
mudas floridas e o jardim
um não indisposto e eu o firme sim.
mãe coberta e recheio de filho
pé-de-feijão ao redor do milho
você o beijo e eu a boca
o Tejo e Maria, a louca

de abraçar, de beijar até o fim dos tempos
a história por contar e você, o acontecimento.

LIVRE, BUSCO A REDENÇÃO

JÁ NÃO busco a liberdade
talvez busque a redenção
não dos meus banais pecados
mas de versos que me reconstituirão.

Já não busco as amizades
que me cabem num jargão
nos seus braços de verdade
eu me entrego com paixão.

Eu só busco a mão suave,
das palavras que te acalmam
só o amor sincero e grave
é o alívio de minh'alma.

Eu só busco uma criança,
que no colo a mim assente
no seu sono terno e doce,
cresce ao mal indiferente.

Sem concessões pretensiosas,
o céu alumia em clarão
a flor de ipê cor-de-rosa
cai na palma de minha mão.

Mais um dia de orvalho renova
a sutileza de amar sem senão
sempre que ouço a sua preciosa
vozinha divina no meu coração.

O DIA DE HOJE, SEMPRE

SE APENAS fosse o mundo
um lugar assim bem doce
se apenas se viesse ao mundo
e cada um vivesse o que fosse.

Se apenas fosse o mundo
num canto o isqueiro e noutro canto o pavio
se ninguém jamais o acendesse
nem quisesse encontrar novos feitios.

Se apenas fosse o mundo,
sem tirar, nem dar, nem pôr
se apenas fosse o mundo,
e a só isso se desse valor!

E os homens não buscassem mais falhas,
e as mulheres não dessem pra ter
se a gente entendesse, é passagem,
mais cedo ou mais tarde se vai morrer

poderíamos viver várias vidas,
dizer tudo que sente o coração falar
poderíamos saber o que viria,
porque isso já não importará
poderíamos amar todo dia,
ser felizes no agora bem já.
poderíamos dar nossas mãos, meu filho,
para nunca mais soltar.

MEMÓRIAS ESCAVADAS DE SER MÃE

ESCAVEI minhas memórias,
lembrei de novo, que mãe eu sou.
que além de terna e bem morna,
trabalhei para ser quem se doou.
Eu me lembro do primeiro dia,
o fim da maior dor do mundo
que alívio, que harmonia,
o céu rutilado de cântico profundo...
Ali estava, do lado de fora,
quem antes vivia por dentro
Meu Deus! Era verdade,
os filhos não são só um pensamento.
E então aconcheguei, abracei cada um deles
estavam com fome, queriam meu seio
e esvaziou-se todo o erotismo no meio
do peito que amamentou,
pois bem, muito mais forte é a sede
e um ou outro dente que despontou.
Buscaram em mim a solução,
e desde então foi sempre assim.
Sempre havia jeito pra tudo
e para tudo eu sempre disse sim.
Veio a fralda, a papinha e o olhar mudo
e que tanto sorriam eles pra mim?
E depois o boneco do Elmo,
do Pica-pau e da Kyubi
o vídeo de musiquinhas,
as preces e as historinhas,
os sons dos animais e o ciúme.
E então quiseram ir para o parquinho,
andar um pouco de gatinhas,
fazer castelo de areia,
espirrar a água na banheirinha...
Mais rápido, Mamãe, você é muito devagarinha...

Uma falou lendo livro:
cadê o urso? “Cadê”.
Era muito tarde da madrugada,
e eu nem sabia mais o que era o quê.
O segundo falou com dor de ouvido
enquanto eu telefonava ao pediatra
no colo, bradou o bebezinho
“Mamã!” Que surpresa meio a um gemido.
O terceiro foi schopenhaueriano
desde logo soube o que é Vontade
perguntei, quer papa ou quer suquinho
e “Qué” foi a resposta naquela idade.
E aprenderam a andar, sambando
cambaleavam prum lado e pro outro, se amparando
e depois, eu não podia mais ajudar.
“Não, Mamãe, eu já sei, Mamãe, eu já sei andar”.
E tantas músicas escolhi cantando
ao som da própria voz adormeci
com o filho acordando antes
do despertador de que eu me esqueci.
E congelava para o mês as papinhas
era importante a esterilização
parecia um hospital, a cozinha,
e uma chef em pleno plantão.
“Eu quero aprender a nadar
Para nadar com meus irmãos”
“Empurra, Mamãe a bicicleta
mas por favor não me solta, não!»
E vamos aprender a soletrar
e vamos desenhar e escrever
“Mamãe, ninguém na escola sabe!
E eu disse que aprendi com você”.
E não podia ir ao banheiro
e não podia ir trabalhar
e não podia ler os meus livros,
pois diziam, “quero-te já!”.

Agora que já estão um pouco maiores
eu já posso enfrentar os meus medos
leio, trabalho, rezo, teço e faço
as necessidades nos meus enredos.
“Mas mãe que é mãe não namora.”
“De quem são essas mensagens?”
“Mamãe, por favor, mais massagem”.
“E desde quando alguém escreve a essa hora?”
“Mamãe, eu prefiro ficar, sem viagem
porque você chora quando eu vou embora.”
Ainda dormem por cima do meu corpo
ouvindo minha respiração
se alternam no sono e uns nos outros
pedindo a leveza das minhas mãos.
“Mamãe, quando eu tiver 80 anos
Ainda assim vou querer teu carinho”...
“Mamãe, eu quero pra sempre você,
jamais vou querer morar sozinho”.
“Mamãe, pega um chá pra mim,
vai lá ser mamãe direitinho...”

VIDA ELOQUENTE

A ELOQUÊNCIA do amor
é dizer com a vida
querer pelo que for
lamber tua ferida.

Viver sem dúvida
ser junto o sentido
sem resposta à súplica
ser um abrigo.

E semear novas terras
amassar o pão
chorar pelas guerras
segurar tua mão

Em silêncio persistir
até que tu acredites
sem ter para onde ir
ser canto de Afrodite.

Dizer com a vida,
contar devagarinho
sentir a tristeza,
fazer carinho
saber que a certeza
se encontra no caminho
nem tudo é uma beleza
há dias de ser sozinho.

Dizer e viver com a vida,
meio a prestidigitação
sem contar o que consiga
e me fazer de plantão.

Dizer que sou amiga,
esperar na ilusão
esconder uma briga
preservar a paixão.

Dizer para ti com minha vida,
te chamar de minha vida,
meu verdadeiro, eterno amor
cada distância sofrer escondida
esquecer no teu abraço a dor

E com amor redobrado que liga,
escorrer beijos molhados de lágrimas
das conversas e nós à moda antiga,
quando de ti eu estava grávida
cheias de histórias e de cantigas,
mãe e filha no mundo impávidas.

O REMÉDIO DA MEMÓRIA

SOB OS tecidos flácidos sinto um movimento
era um espasmo, ou era o momento?
era você, chutando por dentro.

Andei na rodoviária e lembrei da universidade
dos textos xerocados, do tenro início da idade
do meu beijo descendo por dentro,
de uma mãozinha me afagando de verdade.

PRECE DOS PECADORES

ERA QUASE meio-dia
quando eu escorreguei
perto ao muro da agonia
onde a um homem eu encontrei.

Despedindo-se da jovem
a ventura em voz chamou
e suas lágrimas escorrem,
foi o que o destino reservou.

Foi a flecha do cupido
carestia que me fez
o culpado é o meu amigo
de roubar-me amor de vez.

Seu cabelo é longo e liso
os seus olhos negros, sei
só encontro a alegria
quando eu vou aonde é rei.

Desde o Porto até à Matriz
vou entoar, cantar, chorar
e apenas meu amigo
vou por anos aguardar.

Foi a flecha do cupido
carestia que me fez
o culpado é o meu amigo
de roubar-me amor de vez.

O meu pai é um mercante
a verdade eu vou contar
vou cantar que sou do Largo
e opulência é o meu lar.

Sua fortuna já se excede
em 500 mil tropéis
e ele está amargurado
pela filha aos seus pés

Dou uma figa à fé mesquinha
que só forja prata e ouro
o amor me deu propina
e propôs ser o tesouro.

Foi a flecha do cupido
carestia que me fez
o culpado é o meu amigo
de roubar-me amor de vez.

TODO AMOR É VERDADEIRO

TODO AMOR é algo inteiro.
Todo amor é verdadeiro,
mesmo que depois se apague.

Todo amor mesmo ligeiro,
tem momentos derradeiros,
se há quem me beije e afague.

O amor que se deu de graça
e depois se viu ainda mais livre...
Os beijos e mãos dadas na praça,
é memória que, linda, se vive.

E é menos duradouro que a recusa,
que a insistência de se ter razão?
É menos que o longo escoadouro
de mútua cobrança e insatisfação?

Todo amor é verdadeiro,
sempre se dá por inteiro,
mesmo que depois se apague.

São momentos derradeiros,
nem um pouco ligeiros,
duram como a eternidade.

E a exigência de quem não soube
agradecer pelo que se tinha pra dar
desinteligência de quem não ouve
o coração doer triste, a te amar.

Esse sim, não amou ninguém.
Escondeu de medo, pequeno...
Ao não dizer, te amo, também.

Deixe livre o aventureiro,
mesmo que depois se apague
só o amor nos faz inteiros
e nos dura na fita da idade.

O POEMA VIVO

(Janeiro de 2017)

Para meu anjo da guarda.



BLASTEMA

Eu queria escrever algo muito especial para meu anjo da guarda. Queria escrever algo mais que especial: místico. Algo que dito, ficasse gravado. Que fizesse a flor desabrochar no galho. Que fizesse a nuvem ter forma. Que de tão delicado ele quisesse tocar com a mão. Que quando estivesse cansado ele se lembrasse e sorrisse. Algo que ninguém ainda escreveu, que ninguém ainda sentiu. Que fosse uma surpresa. Queria escrever algo que ele não esperasse ler. Queria escrever algo transparente que rodopiasse no ar e piscasse que nem estrela. Eu queria escrever um verso do qual eu achasse ter tido sorte de achar. Algo que fizesse ele achar que só escrevi isso para ele e para mais ninguém. Que ele dissesse, que coisa pequenina esse poema, parece uma criança, esse poema! Ainda é criança, esse poema... Eu queria que o poema tivesse asas. E que não quisesse ser comparado com outros poemas.

Eu queria um poema que quando eu terminasse de escrever, ele me perguntasse: “o que é isto que me escreveste?!” Eu queria fazer um poema que caísse do telhado. Pá! Que doesse. Eu queria um poema que doesse no coração dele e eu sentisse, para ter certeza absoluta de que ele gostou. Eu queria dar pra ele um poema que fosse um louva-a-deus-orquídea. Um *hymenopus coronatus*. Melhor que escrever, eu queria engendrar. Engendrar um poema! Pra ele dizer: “a-ha, só porque você é mulher, né?” Eu engendraria esse poema por muitos meses. Aí ele teria vida quando nascesse. E teríamos na nossa vida em comum o poema. Pra quê? Pra ele saber: realmente, ela conseguiu retribuir o poema que enviei a ela, agora consigo sentir o que ela sentiu quando leu o meu poema. Eu queria um poema para que eu enviasse para ele primeiro, mesmo depois de ele já ter enviado o poema dele. Queria um poema não muito curto, algo um pouco longo, pra ele poder se cobrir com o poema quando fizesse frio. E quando alguém desse um fora nele, ele se lembraria: “ah! Mas tem aquele poema”. E quando as coisas estivessem um pouco confusas, ele pensaria consigo: “mas aquele poema, aquele poema, oras, faz completo sentido!”. E aí ele recita uma parte do poema para não enlouquecer. Um poema que não fosse repetitivo, nem cansativo. Um poema que não aborrecesse, quase invisível. Ou que cada linha fosse como um pão de queijo saído do forno e que, quando ele estivesse satisfeito, o poema parasse. Um poema que fosse chope, um chope que relaxa os músculos e não engorda. Um *frozen marguerita* na forma de um poema. Um poema que não seja frustrante.

Eu queria fazer um poema que chovesse. Que tivesse cheiro de flor de laranjeira, quando ele olhasse para o poema. Um poema que atingisse o âmago da questão da nossa dúvida. Um poema que não fosse uma insistência. Que fosse um gesto simples de agradecimento. Eu queria escrever um poema que fizesse sentir, a cada vez que se lê, um novo conhecimento na veia. Eu queria um poema que não fosse questão de gosto, nem de escolha; que espocasse como algo tímido, como uma simples bolha. Um poema que vai mais longe do que supostamente deveria ir; algo que dura bem mais do que cada um por si. Eu queria um poema, eu disse que eu queria um poema? Disse. É só um poema. Será só um poema. É uma pena, que seja só um poema, mas é um poema que em sendo lido terá valido a pena.

Eu queria escrever um poema tão bonito, versos com gosto de ferida sarada. Gosto de soro efervescente, na pele sensibilizada. Eu queria poema com libido, que se recolha com palavra exagerada. Um poema tão leve, que leve deslize na mão... Um poema que não pondere nem pese, mais leve até que o perdão.

Eu queria um poema em prosa, que reinasse absoluto. Que conjugasse a estrela, o pretérito, a flor e o minuto. Eu queria um poema que o fizesse enamorado. Não por mim, pela vida, que pareça às vezes estar do seu lado. Uma dolência de amor, que não se cura, plantada pelas mãos em páginas de espessura. As palavras que sintonizam, simplificam, adormecem... As palavras que, sendo ditas, os salgueiros embevecem.

Eu queria umas palavras, uns substantivos tão substanciais

Que quaisquer adjetivos não serviriam pra dizer algo a mais.

Eu queria uma prosa que lhe parecesse madura.

Que em arabescos ao redor da fala, alertasse: amigo, a minha alma é pura.

Queão em arabescões ao redorão da falão, alertassão: amigão, a minhão alhão é purão.

Queinho em arabesquinhos ao redorzinho da falinha, alertassezinha: amiguinho, a minhainha almazinha é purinha.

E nas histórias que o poema dissesse,

Os olhos se perdessem

O calor soprasse embaçado

No vidro do carro

Na dúvida estilhaçado

Noite que chega e já não sei

Se pensei no que disse

Ou sonhei

Queria que fosse que nem o Brasil. Algo sen-sa-cio-nal. Algo que contivesse um rio, um mar, um oceano abissal

Que ouviria minha súplica tão banal, meu pedido tão fácil de atender

E que me assentisse: amor, logo, logo você vai me escrever.

E foi assim que nasceu o poema. Em carne viva, ele nasceu. De frente prum mar bem vazio, o poema recém-nascido me preencheu. Entreguei-me às águas e ele me encheu de ideias, de suaves tentações e de cores esmaecidas no torvelinho do mundo sem final. Foi Romeu, foi Apolo, foi Dionísio, que me encheram de desilusões na Metamorfose de Ovídio. E feito então num dia nublado, num espaço vago, nada especial

Abriu no corpo minha alma de um modo fundamental

A meu escrutínio, respondeu ofertando o mundo, o poema vivo me deu mudo um sentido pra ser genial...

Perguntei ao poema vivo:

Poema Vivo, que queres saber? Assim, só assim saberei

O que és.

O que hei de crer.
Escrínio da minha alma que se abre
E no cadre, me mostra o universo
Nos seus olhos eu rememoro
Tudo o que um dia eu já fiz certo.
E se a vida for, e sendo, apenas, será?
E tudo que ontem foi plano

Com o passar dos anos, arredondar?

E este Poema saiu andando, por si mesmo, sozinho, em direção ao nada.
Poema, poema vivo,
Poema que eu fiz para um amigo anjo...
Venha cá! Deixe-me anotá-lo, pra se acaso morras, venha a viver de novo!

SÚPLICA

ESCRÍNIO da tua alma se abre
nesse catre, se mostra o universo
nos teus olhos eu rememoro
tudo o que um dia eu já fiz certo.

Mas e se a vida for, e sendo será?
E se tudo que ontem foi plano
com o passar dos anos, se recurvar?

E se existir bastasse,
e tu me amasses,
seríamos livres?

E se o vendaval cessasse,
desfaria disfarces,
rasgaria os alvitres?

Mas viver é querer
algo a mais por dentro
e nos leva adiante,
a novas terras, o vento.

Poema Vivo,
naquele dia tão lindo em que te criei
falou-me o destino muitas cousas,
muitas lousas que ainda serei.

Quietas as coisas e seres crescem,
e na noite estrelada, adormecidos
sonham promessas e vestem
o mundo de um tempo perdido...
E tudo brota mais raro,
cada grão que morre é caro,
dele nasce mais forte a seiva
que corre qual luz do céu claro,
alimentado na insensatez que há.

Poema Vivo, naquele dia,
naquele dia tão lindo em que me recebeste
em que eu me disse, corajosa
eu sou tanto quanto este...
Sussurrou meu ventre uma certa arctitude
esperei que te ter fôsse algo amiúde
mas me vieste todos os dias,
exatamente como juraste.
Me vieste em sinfonia,
em silêncio e também em aparte.
E quando fiquei judiada,
deitaste ali ao meu lado.
Até que desse cabo a madrugada,
aguardaste o fim de meu enfado...
E como foi bom beijar-te, Poema, pela manhã
ser teu sujeito e tu, meu predicado em Itapuã.

Mas Poema, lembra que és meu amigo?
És aquele cujo coração no peito
é o meu tão ferido.

Responde,
tu que estás no peito do meu amigo.
No coração quebrado, há muito pisado,
de amar arrependido.

Coração no peito, que bate perfeito
no meu ouvido

Diga a ele que só quem tem um desses
é assim, tão prontamente sabido.

Vivo o Poema, e sei portanto
que meu presságio é teu sonho assíduo.

QUINTESSÊNCIA

BEM LONGE das querelas,
um contorno de querência
a noite é bela
e me faz lembrar da quintessência.

Nas correntes de ar suave,
há arabescos em teus abraços de ternura
os volumes de nuvens invisíveis
consubstanciam na tua alma forte e pura;
pavio primordial cintilante
que molha celeste a minha noite escura...
E quem disse que tudo invisível
perdura?
Foi Deus.
Foi essa parte bonita
e perfeita
do eu.

Então detrás do fogo, da terra, da água e do arvoredado
Poema Vivo, surge do céu o espagírico segredo...
Por isso te digo que muito maiores
são os éteres imolados
no tempo vazio,
no descer do rio fatigado,
quando ouvi ao meu lado
esse teu canto do bem-te-vi
de Poema vivo, dizendo-me fada,
que ainda ontem me viu estar por aqui...
Extraído, refinado, quinhoadado de antemão,
de fato me fizeste contrair contrariada satisfação
surpreendida naquela dor prolongada, infante...
Aquele mecha de vela torcida que canta o instante.
Sim. Assim me disseste muito mais!
Do que se em outro tempo, outrossim
eu estivesse saciada demais.

Poema, há tantas coisas que te digo,
que há pouco eu nem refletia
apenas para que tu me saibas, e ria...
Quem sabe, nunca se sabe se algum dia
as nossas brincadeiras,
que ocupam da gente apenas as beiras,
terão resumido tudo o que há para saber.
Pois nesse espelho em que te vejo,
eu pergunto antes de te dizer.
E na quina do desejo em que te beijo,
desponta a estrela a crescer.
O que vem depois do teu beijo, Poema,
aurora rosada de prazer profundo?
Alvorçamos? Recriamos? Só o lazer do mundo?
Poema Vivo,
um querigma continua a me dizer, no fundo
que de mistérios o mundo já está bem cheio;
mas se bem me recordo, Poema,
para os santos não há fins, há apenas meios...

E quero a essência que me descobre além da tua opinião
quero religar-me com o Todo, abandonar-me em tua mão.
e sendo todo tolo, sendo tu o Todo, eu te quereria,
Poema Vivo, sem pé, nem cabeça!
Adentro da madrugada, já cansado, me dirias,
fada, por favor adormeça...
E adernaria assim, Poema, em teus braços constantes.
Poema, assim eu faria, como certa vez tentei te fazer antes.

INFINITAMENTE

AH! AMOR infinito.

O amor fora da linha do tempo,
que em todas forquilhas do pensamento
transborda o que é mais bonito.

Poema Vivo, que te digo sobre o meu amor?

Te digo nada.

Para o viver de meu amor,
é preciso a surpresa da luz dourada
a destreza desvairada,
desavisada
deixar-se levar pelos sussurros das paredes,
o murmúrio daquele vento ali,
que eu podia jurar,
me disse que tu me amas e estás em si
durante todas horas perdidas de sereno doce...
Os favos de querer bem,
as favas de um só grão, ainda que fosse...
Que brota da luz, da água, da terra
E cresce enroscando em silhuetas das serras
Formando as cores detrás dos azuis da atmosfera.

Poema Vivo,
está decidido:
é lógico, é natural e pertinente
é o óbvio, que para te amar
é preciso que seja de repente
ser totalmente demente,
repense!

E demente aqui estou, Amor
meu Amor, meu Poema Vivo,
amigo...
Amigo, teu odor celebra
palavras de autor indiviso.
Poema,

que me recusaste o papel
de abrigo.
Poema que usa colete,
para nadar em córrego índigo!
Poema que dá carinhos,
que tira foto com moinhos,
ah, teu gesto é meu trigo!
Mas fez do poeta seu inimigo máximo.
E por que jaez que detesta o Criador?
Porque gerar é mais fantástico.

Me disseste:
junto teus pedaços, emendo teu coração
e agora, por favor, Poeta: desaparece-te!
Tua festa é linda, mas não como em tua mão.
E que nem ave desconfiada, habituada a seguir as outras
fugiste para qualquer galho, de antemão.
Poema selvagem, deveria chamar-te!
Mas teu charme é grande, Poema,
posto que não és bicho, és minha paisagem.
Poema.
Não tens coragem?!

Então, já que indesejaste, desapareci.
Fiquei aqui.
Invisível.
Me disseste,
Poema Vivo,
que sou apenas trabalho,
teu sonho distante que eu não vivi.

Poema Vivo, Poema falho!
Poema Vivo, quanto eu valho?
Para sendo meu dono,
render-me.
vender-me
no mercado das agrodoçuras,

da água dura,
onde cada lágrima que escorre
vale dois reais.
Só dois reais!
Aqui Poema,
aqui uma lágrima!
Por apenas dois reais.

Poema Vivo,
vais vender-me,
viver de vantagens,
como os animais?
E assim, te dirás,
aquela é um sofá
e este é uma poltrona.
Aquela é gorda demais,
e esta, uma matrona.
E assim, no desdém ferido de quem amou
de quem repartido,
sobrou
irás temer e amaldiçoar a todas?
Ou irás sofrer, gozar-me, e que tudo o mais se exploda?

Ama, Poema!
Ama!
Poema Vivo,
Ama!

Viva, Poema!
Viva mais, em voz alta, em segredo...
Viva um pouco mais
o meu simplório enredo.
Venha provar da borda que derrama,
detrás da ombreira da porta que desfia tuas ramas.
Venha, Poema,
tiremos a roupa,
para eu ver se de verdade

me amas,
mesmo neste degredo
sacana.

Não estiveram muitos homens nesta cama, Poema Vivo.

Dois deles, meus amigos,
beijam sempre esta mãe que ama.

Assim é que sou tão mimada!
Esses homens jovens, que me fazem tão festejada...
E beijando-me dizem, “não posso viver sem você”
“Mamãe, te amo infinitamente, eternamente,
absolutamente sem nenhum porquê”.

Assim, Poema Vivo,
não há nenhum outro
(neste momento)
e todos que ligeiramente se inclinam
eu acho consideravelmente pouco
diante do amor infinito e indivisível
que os filhos prometem.

Mas Poema, dos teus olhos eu bem me lembro,
em teu rito córdio eu abraço a minha prece.

Poema, eu lembro daquele dia,
em que me disseste...

O que me disseste, Poema Vivo?
Recorda-me mais uma vez.
Poema raro,
ensandecido,
fala-me!
Recobrirei de beijos tua imaginária tez.

E que mais eu faria, Poema?
Eu te diria tantos versos
eu contaria as nuvens ao redor do horizonte,
as ondas pulsantes do universo...

Que despontando sempiternas, sempre diferentes
crivam a luz dos teus olhos, no vapor suado
dos teus gestos
inconscientes, inteligentes, perversos...
O ritmo inconstante dos amantes,
as transverberações estridentes...
Sorrisos de fôlegos esvoaçantes,
o calor de corpos prementes...
Os passos das pernas sós,
o tom ramassol da tua voz,
os saltos dos encontros adversos,
o amor que é dito por acidente.

Poema...

Poema, não te escreverei a mais ninguém
e se esvaído o sentimento, Poema,
me esvaziarei também.
Para preencher-te de novo,
digressionar se somos iguais
e quando estiver cansada de ti,
com medo de perder-te
implorarei que fiques um pouco mais
de lábios dormentes, eu adormeceria
Poema, Poema, estou doente
apenas porque vou te ver por inteiro daqui alguns dias...

O que farei quando te vir, Poema?
Me vingarei.
Farei uma enorme surpresa
ah, Poema,
terás fulgor de um rei.
Te farei favos açucarados,
juntarei avos de te querer bem.
Lembrarei porque tive tanto cuidado,
em não almejar mais ninguém.
Quem sabe assim me queres mais?
Ah, Poema! Não me faltarão versos jamais.

Diálogo, Poema.
Monólogo.
Catálogos.
Filólogos.
Poema, hoje fui ver um filme.
Poema, hoje chorei no filme.
Poema, fui comprar vinho.
Poema, dá teu carinho.
Poema, céu nublado.
Poema, domingo ensolarado.
Poema, vem aqui.
Poema, estou ali.
Ah! Poema, que chato!
Ah, Poema, quem sabe, te mato!
Poema. Estás me ouvindo?
Poema. Bem sei, estás sorrindo...
Poema, que dia lindo!
Poema, tu és.
Poema, deixa eu massagear teus pés.
Poema, vou ali e já volto.
Poema, tem muita gente aqui,
Por isso é que o verso não é desenvolto.

Poema.
Po-e-ma.
Po-e-ma-Vi-vo.
Estás aí?
Poema, se tu és eu,
E eu sou tu por aí.
Estúpido Poema, Poema que não para!
Poema, viraste um problema,
Poema, teu verso dispara!

E aqui me dizem, estás inspirada?
E que é que escreves, Poeta,
Que dás tanta risada?

CORAGEM DE SOLIDÃO

VERSO.

Universo.

Único verso.

Mas se há na vida tantos versos,
como caberão apenas num único?
E se há deles ainda os inversos
nos meus adversos olhos úmidos...
Solitário é o universo
e visto de perto é um só e súbito.

Amor, o mar anda tão parado!
É sexta-feira, e tudo é sólido, até o ar.
Soerguidas as paredes, os pares têm sede
e dentro delas não encontram o luar.

E lá fora, brilha a lua...!
Amor, brilha tão forte e é tua
ela te reflete, alva se veste
apenas para te encontrar.

Mas não vieste.

Olhei o céu, toda nua
olhei vestida de branco a lua
e voltei contemplando as estrelas a girar.

caminhei, descalça e tão livre
eu dancei ao redor do que ainda vive,
que me sobrou das canções de ninar.

Eu voltei pra casa, onde eu sempre estive
como quem para andar de si sobrevive
e dali canta aberto para não se magoar.

Poema, ouvi no céu a música pura
que o poeta encontra na noite escura
depois de longa acédia vivenciar...

E da acédia, moléstia, melancolia
Poema, eu sei que virás encher-me o dia,
pois os versos corajosos vêm no teu lugar.

HIERÓSGAMO

ÉS ESPOSO, ou és itifálico?
És de carne, ou és metálico?
Amor, sagrado é o teu lápis, teu lírio
e a dor do tártaro dilui em doce alívio.

Escreverei até as palavras acabarem:
a escrivainha ainda empilha a mesma imagem.
Não irás colher aquilo que tu plantaste?
Não irás beber o pranto que de mim roubaste?

A mim vieram sábios, magos e hieróglifos
queriam nos meus lábios o vinho do filósofo.
A conjunção foi dita, e bendita nossa mesa de óbolo.

Poema, pra quê gritar, se foi anteontem que eu pari?
E a linda sóbole guardou-me invisível em si
pois as palavras guardam o efeito se eu construí.

Mas Poema, também ouves minhas palavras, uma a uma?
Sentiste o aroma incombustível que nos perfuma?
O corpo saído em espírito, a celidônia idônea e suma.

Poema, ah! A nossa melodia apaga a noite e acende o dia
Poema vivo, eu te digo ao extremo e és supremo, quem diria!
Poema, feche os olhos e ouça a minha suave canção
a ave, que perdurando, dedilha as cordas de teu coração.

Poema, entrelaça minhas mãos nas tuas
afinal, já me quebraste, vingaste e deixaste nua
Poema, reivindica-me! No céu, no mar, na rua...

Porque sou fêmea, é bem verdade
preciso da tua dura, crua realidade
para recriar o dia que vives, para sempre igual
inserir-me, encerrar-me nele com a perfeição do cristal
transparente, preciosa, úmida e pura
cheia de som, verso, lágrima e vida em fúria.



NUME

O HOMEM nega a dor, e tem a doença
rejeita a mulher, anula a nascença
e o homem que dispensa o amor
tem necessidade de mestres
Escraviza-se com tanto ardor!
Tem necessidade de mestres.

Ser escravo não é dever, ofício ou laço,
nem muito menos direito
ou pior ainda, compasso.
Muito melhor ver o mundo de um jeito perfeito
o rumo da Terra que orando, eu perfaço.
Direi sim apenas ao que me parecerá ser nume
ao ser sensato, que cede soluto ao vão do lume.

E em muitos volumes, as palavras vividas celebrarão
meu corpo, o gesto, o perfume, a númena interpretação.
Não há necessidade de assentir sem pôr fé
Poema, se eu não creio, melhor ser só o que se é.

E qual sentido, Poema Vivo, de para sempre admitir
numa regra fixa, alguém que no fundo se tentará reduzir
e após tantas provas, tantas preces, tantos testes
buscar outro, outro e mais outro que te adestre...?

Selvagem.
Poema, não deixe que ninguém idolatre tua imagem.
Jamais ser mestre.
Só aluno, que talvez algo logre a cada semestre.
Só humano, que erra na devida esfera terrestre.

Poema Vivo, deixei entrar teu amor de novo
meu amigo, meu amor e poema vivo,
Te riste de novo de meu verso estorvo
e felizmente, Poema, poupaste-me da escravidão:
ah, poesia, teu amor gratuito, o toque suave de tua mão...

A ARTE DE BUSCAR RESPOSTAS

POEMA, BUSCAR respostas é uma arte
arte menor do que fazer a pergunta
eu bem sei que tu, sensível, dizes:
melhor seria não achar respostas nunca.

E assim cada proposta, tímida, incompleta
alimentaria a alma sedenta do poeta
que, irrequieta, indaga o porquê do teu dia vazio
assim fluindo o raio, o céu, o mar e em nós o rio.

Amanhã, seremos o passado
teremos anotado a realidade das nossas almas
as forças íntegras que nos moveram,
os sentimentos íntimos que não arrefeceram,
os espinhos mesquinhos que nos tiraram a calma
e que assim procriaram sendeiros para caminhar na paz...
O ego da esfinge, lágrimas que fingem, o riso de estirpe, tanto faz.
O voo retilíneo do pássaro, a queda da chuva no solo áspero,
o homem sôfrego que não se contenta com mais...

Amanhã, alguém encontrará em nossos manifestos as chaves
e o que não nos serviu, talvez desate entraves
será o tempo em que este obsoleto obséquio nos valerá
e o verso relido, talvez, desencrave
a voz estanque que a vida nos imporá.

E quem sabe a tempestade leve então os restos
e o inferno da solidão terá fim, quem pode supor?
Quem sabe, Poema, tu de tal modo me desposes
que mesmo ferida, ressoe em mim amor.

E que ânimo terá a vida no passado, verso querido?
Bom, ao menos terás sido vivo, e dito terás sentido.
Terás vivido neste, naquela, no tempo e em estante de mofo
terás ouvido os olhos de quem lendo, te fez sofrer de novo
as mesmas dúvidas, as mesmas portas, o mesmo teto...

Olharás para cima, e verás então alguma cor mais de perto
será mais branco o cal da parede com pobre reboco
verás, quem sabe, a cor do cisne...
Que terás sido amado um pouco.

E não precisarás mais te convencer que o sentimento da tua mãe
não é por obrigação genética, nem por tua conduta
que a dor latindo em teu peito não foi feita por tua culpa
saberás que o amigo perdoou, a mão escreveu, o mal se lavou

Quem sabe poderás, no futuro, Poema,
responder a mim o que eu sou
pelo que escrevi em meus dedos e de ti saiu
os teus ritmos que o meu pensamento por dentro viu
pois alguma regra magnética, cósmica, universal quand-même
repõe tudo que nasce, dói, contorna e geme
Poema, voz da vida, se não há pergunta, só poema...

FLOR DO TEMPO

QUANDO eu nadei melancólica,
não consegui dividir a água.
O porvir também tinha a sua unidade,
em volume amolecido e indestrutível.

Mergulhei na idade da água,
fascinada pela tua ausência.
Mantive o meu corpo morno,
o contorno te reencontrou.

Tombou o céu, já sem forro,
dilatou o sol fúlgido, febril.
Mas morna é a carne ferida,
recém rompida de amor.

Na roupa eu vi meu seio
e me assustei.
A pele requentada de ontem
deu lugar ao novo e ao hirto.

E eras o mesmo pássaro!
Eu me assustei com meu seio
e a cor do chão que ninguém escolheu.

Tudo que eu guardei redobrou.
Infeccionaste primeiro as cordas cárdias,
depois meu corpo inteiro, inerte e insone.

Inflamada, finalmente confessei amar-te
Ao amigo, a mim mesma, ao livro alado,
à flor do tempo aberta em um nome.

O ETERNO RETORNO ENRUGADO

MAS POEMA, a chuva me derrubou novamente
lavou toda a areia que eu construí.
Haja vista a que, depois de esvaziada a casa,
não construo mais paredes de versos.

Por isso não tive nenhuma surpresa:
mais uma vez a onda levou a areia,
mas não foi por minha culpa,
foi porque é sempre assim.

E quando te iniciei, Poema Vivo,
para que soubesses do nítido vilarejo
em que moram seres acumulados de toda sorte,
das coisas que me pulam para fora sem serem chamadas,
guardei de ti uma lembrança bem pequena.

E tudo que se guarda e não é fresco,
mas vivo, valioso,
não estraga,
sói sempre dobrar de tamanho.

O pão, a prata, o ouro,
até mesmo as pedras preciosas
cravadas nos meus brincos e anéis
dobram de peso.

O trigo cresce e vira meu alimento
sem que eu não queira:
mas o pão não me pediu autorização para crescer.
As crianças crescem, dobram de tamanho,
para dizer o quanto ainda não sei
e o que farão por mim para sermos felizes.

Então eu guardei um pouco de tua lembrança,
e toda noite, dobrou de tamanho,
até que ficasse imensa, a tua ausência,
até que eu não pudesse mais contê-la
apenas para mim.

E tentei te devolvê-la muitas vezes!
Tome aqui, Poema, de volta, tua lembrança!
Deixa-me esquecer de dois minutos de ti!
Há muita coisa no mundo para que eu veja,
há coisas demais para que eu me perca na tua imensidão.
Existem crianças correndo, e elas leem o que eu escrevo
nas linhas das árvores, no burburinho do encontro,
nas páginas em branco que lhes apresentam, e dizem:
enche de ideias que aprendeste e que te ocorrem.
Poema, tem também os versos dos amigos,
que eu preciso ler, que eu preciso dizer em voz alta por eles,
para que possam saber se servem a todos tanto quanto servem para mim.

Tentei devolver tua lembrança.
Pedi autorização às comissões édipas,
eu pedi aos burocratas de cerimônias,
eu pedi aos investigadores de lápis,
eu pedi aos fiscais da humanidade
e também aos corregedores de sinestésias:
devolvam, devolvam esta lembrança,
para que dela eu me esqueça!

E não me deixaste ainda devolvê-la.
Está imensa, infinita, e agora se vê até nas nuvens
do pôr-do-sol, rosadas, e do alvorecer, douradas.
E as mulheres cantam, por onde eu te levo!
As mulheres cantam alto e se juntam.
As guaracavas, as cravinas e os sanhaços
também se deram ao luxo
de aproveitar tua ausência uniforme
para aparecer e gritar e voar sobre mim no banheiro.
E o mar pergunta se és meu destino,
para que possa modular as suas ondas
de modo que eu caminhe sobre elas.
E todos os meus ex-namorados também,
também eles vieram perguntar, que me passa,
que não os amei do mesmo jeito,

que não fui antes tópica e cautelosa,
que não fiz versos fora de tempo e forma,
que fiz como bem queria,
que os consumi e estraguei prontamente...
E ressentidos, deixam seus telefones,
e pedem favores e prendas,
e sondam que tipo de lembrança tua está comigo.

Poema, eu estou cansada de ti,
Porque estás em toda parte
E se mergulho te tornas mais profundo.
Eu gostaria de terminar-te, sair de ti.
Eu preciso cotar o preço da reclusão
e dar meus pedaços aos cães que lamberam minha mão,
apenas para roerem meus ossos, vingar-se da coleira.
Eu preciso soletrar as canções de Natal
fora e antes de sua época,
fazer os biscoitos de gengibre
e recolher-me na mansidão dos mortos
deles sorver o lixo.
Preciso, ainda, contar os números da safra
de enredos de monstros, que transformo
em fábulas menores de árvores,
com finalização moral permanente.

Mas me deste tua lembrança
e pela noite ela se expandiu sobre si mesma,
pelo dia ela deu frutinhas em arbustos fáceis.
Assim, apenas estou no início dessa longa curva,
dessa curva logarítmica de relâmpago rítmico
que fez o universo *forever* and *everywhere*.
Que te torna o exemplo e a mim, por dentro,
algo que deveria me tornar com o tempo,
que fará o dia ainda mais bonito, rimado
menos segregado; um segredo que já floriu.

Ao menos sei que as minhas palavras,
igualmente valiosas,
procedentes da tua lança
e portanto verdadeiras,
também terão dobrado de tamanho a cada dia,
até que sendo imensas não precise ser dita nenhuma
para que tudo em teu mundo sinta e gire.

POEMA AINDA VIVO

POEMA,

por vales profundos atravessei,
há semanas me fiz ausente,
apenas cumprimentando a ideia da gente,
mas agora já voltei.

E me retorci, e me diminuí, e segui
por um fio de corrimão em corredor labiríntico
e dali não achava a saída para o teu lago índigo
onde tu nadas mesmo sem onda com colete.

Poema: que lugar escuro!
tão longe do homem que é maduro
que como ti me recebe sempre de braços abertos
e me deixa aconchegar, como se estivesse tão perto,
até mesmo cheirar-te para saber que és real.

Poema,
como é bom esse teu reino anarcossideral
em que estou em ti e em órbita.

Há tanta coisa acumulada que preciso te dizer
um índio, poema, um índio branco se me podes crer
surgiu pintado com tua face
e Poema, passei dias apenas comendo alface
porque os vegetarianos não erram
desde o Tratado de Maria do século XI,
os vegetarianos não erram.
A mulher que sentou no banquinho,
quando eu gritava na praça
contra o esquitejamento de mulheres
que de súbito, Poema, apareceu no momento exato de versos servidos em colheres
num palácio de sonho, amizade e consideração
Poema, bastava eu respirar e cada palavra me vinha à mão.

Mas depois te conto o que descobri,
o ciclo pesado dos metais além do mercúrio
a alma que se deixa guiar apenas pelo orgulho
ah, e o medo, a meia denguiça, o insulto gratuito
Poema, tua ausência eu senti consideravelmente muito
o mundo tão apressado, tão expurgado, cheio de coisas pra não viver
dizendo ser tudo tão claro, tão óbvio pra se entender...
Mas eu disse ao relâmpago: há ainda minha esperança
veja o voo do pássaro, o sopro do amante, o riso da criança.

E já que és um poema muito ocupado
e eu uma fada que acha que tem tempo
para dedicar-me a laços, a teus abraços por dentro
Amor, não digo nada, apenas deita aqui ao meu lado
diz que também andaste em círculos, enrolado
para que o vento sopra novamente teus moinhos
Poema Vivo, como senti falta dos teus suaves carinhos.

O LUGAR DE ENCONTRO

Ó POEMA tão lindo,
poema que, ligeiramente sorrindo,
me faz lembrar da tua face.
Ó Poema que sentindo,
faz com que o mal de mim se afaste.

Qual é o lugar do nosso encontro,
é onde as coisas todas se invertem?
É onde a lágrima rola, onde a fera sonda,
onde a beleza tranquila adormece?

Estudei há tanto e há muito,
mas o encontro é um lugar fortuito,
escapa aos deuses, desvia aos sábios.
Poema, o lugar sublime do encontro
é a fortaleza que construíram nossos lábios.

E mesmo com as chamas do inferno,
com as cãs geladas do inverno,
na arte do encontro eu regozijarei.
E tudo terá valido a pena;
mesmo falido há muito já o Poema,
o verso em que eu nos inventei...
Que a vida escreveu na voz,
na foz da tua fronde
muito terei sentido os problemas,
mas cada um deles me dirá aonde
poderei ser o que eu buscava,
o que busquei em ti com tanto empenho

Poema,
tudo terá mudado,
e verás então quanto amor eu te tenho.

E é nesse encontro, Poema,
onde se fazem as pazes com o mundo,
no lugar em que estamos espessos, profun-
dos,
que nada jamais me faltará.
Limpos, acrisolados e provados,
apenas o tempo é que nos dirá
qual chama retorcida,
da vela que não se apagou
qual paz comedida,
do amor que a ferida remediou.

É tão invisível esse lugar de encontro,
apenas nos vemos quando queremos ver
e tudo o mais é abrupto e fútil,
tudo o que não me leva ao teu porquê.
De tuas causas mais prováveis, Poema,
não preciso mais provar nenhuma
eu sei que tu também amaste,
porque só quem ama entende, em suma.

RELEVÂNCIA

POEMA.

O que é relevante?

O que eu relevo, que não relevava antes?

Poema,

eu queria que tua vida fosse leve

e o que é necessário

registrar nesta vida tão breve?

Penso comigo, Poema,

que o doutorado é relevante.

para a gente tirar foto

e parecer importante.

Para esquecer da mulher esquartejada

e tomar chá com dondocas elegantes.

Mas, Poema,

ocorre que sou insignificante.

Cada imagem eu não registro,

nunca coube em mim o instante.

Quando jovem, eu preferi

viajar todo dia ao mirante.

E todo dia, eu olhava naquele Rio Madeira

onde os troncos mortos mergulhavam,

na água, no barro, em vagas, em cadeiras

donde os botos perturbavam

as moças namoradeiras

onde o sol e o céu cantavam

em azul dourado nas beiras.

Penso comigo, Poema,

que o teu ser itinerante

me diz que meu dilema

é querer tudo como era antes

Mas ainda não vejo, Poema
o futuro como eu via
muita coisa mudou no tempo
e de algumas coisas eu já sabia.

A verdade é que o céu,
em toda parte, é igual
nossos pequenos intuitos
podem parecer algo sensacional
mas, meu Amor lindo,
cada tumulto é tão só uma busca!
E no fim, a morte é pra sempre e brusca...
Pois quem é que espera,
pelos céus,
Algum dia morrer?
Não.

A gente releva o irrelevante, mesmo sem saber por quê...
Quem sabe, para ver até onde o Rio Madeira vai dar
e com certeza, todo rio vai sempre dar no mar.

Mas não vi em ti nenhuma onda fluvial ou marítima,
te vi terrestre, até me senti insípida
e os pequenos espinhos tecendo teu tapete de sisal
a gente sozinha, mendigando um pouco de sal
que tu, generoso, espalhaste.
E Poema, por que registrar os pratos vazios?
Não cozinhasse, aguardaste,
por alguém que não tivesse brios
e pusesse a carne no teu prato?
Poema, és muito mais esquisito que eu, de fato.

Mas assim és mais lindo que o próprio amor
teu aroma de verdade arde em mim o que bem for
em gesto não concretizado,
de te amando, não querer fazer-te amar-me,
para que o sentimento não tenha fim.
Poema,
bom mesmo é amar igual nunca assim.

Tentarei preservar por dentro
esse tão notável, persistente momento
e se não há vinho, então serei só com água
o problema, Poema,
é que conjugar o amor é uma proposta árdua
e embora sejam macios os meus cabelos,
que passam entre os dedos de Pádua
embora sejam adarves os teus beijos
e, todos os dias, o teu incenso, a minha frágua
o amor é algo que o casamento estraga.

Poema,
eu gostaria de pensar diferente
penar um pouco mais,
até conceber nós na gente.
Mas Poema,
eu sou tão, tão desiludida!
Poema, eu já amei demais,
já amei demais em toda a minha vida.
O que eu posso lhe dizer, Poema?
Não case, não tenha filhos...?
Não, Poema,
eu te direi,
seja sábio, tente esses trilhos
pois na vida nada mais vale
que ter nos olhos o brilho
das crianças correndo no quintal
dos versos cantando, prometendo
a você que não há ninguém igual.

Fosse a vida inútil,
ninguém insistiria em viver
um grande amor surtindo
as causas de nenhum porquê.
Fosse a vida cada um por si,
ninguém teimaria em dizer
a lágrima que escorre linda

depois do eu amo você.
Fosse a vida algo fútil,
não haveria razão para tanto estudo
não haveria rasuras de castelos,
nem ciência de novos escudos.

Vede e crede, Poemas
como o amor é bom
moendo tantos dissabores,
soprando a primavera em som.
Irrelevantes são os tambores
de guerras entre os maçons
importunantes, mais caras as dores
das cartas que esquecem dos dons.

MEDO DE SER SOZINHO

EU ESTAVA aqui, tão leve, tão linda,
Poema,
eu voava pelo ar, ainda,
feito uma beluga

Quando senti a dor do arpão
e agora, Amor lindo,
eu canto, canto, canto
na gaiola do teu sermão.

E que foi essa bondade de tanto esmero?
Pra quê o necessário a compor um mistério?
Parece que temes ser sozinho
sinto muito que teu leme não faça o teu caminho
suficiente para dono de si, persignar-se;
viver sem segredo, ser sem disfarce.

Por isso fico, Poema
escrevendo, cantando, cantando.
Por isso, meu Problema, eu ando
tentando solucionar-te
és para mim um fonema
que no peito expando.
És para mim o tema
de dizer quando
o tempo doendo que extrema
me educando.

No meu colo, adormeça
poema, a ti jamais direi me esqueça
porque me recordas sempre tão bonito
porque me recobras, quando dizes: infinito.
Porque é impossível,
como eu te disse,
tudo tem um fim!
Ainda que eu quisesse

te ter apenas para mim
Poema, amanhã, que será amanhã?
Amanhã será o que dissermos,
é verdade
amanhã será o que quisermos
fazer da realidade.
Poema, eu concordo,
que pouco importa a idade
sinceros somos,
que felicidade.
Mas Poema, quando me dizes:
infinito.
Amor lindo. És tão bonito.
E me prende, me prende
nessa gaiola tão perfeita
Ai, Poema,
eu já sou de mim a prefeita.
E tu? Que me dizes.
Eu sei bem que tens medo
de ser sozinho.
De início sei que me queres
fora do teu caminho
por isso é que me segues
quando eu faço o meu ninho?

CONVENCER-TE

NÃO ME dá ganas,
convencer-te.
Prefiro ficar aqui
a mover-te.
Fiquemos aqui,
fiando a sede
com que beberemos
em canto auriverde.
Pois o mundo já dá tantas voltas!

O QUE CAI, TOMBA

POEMA, Basoalto me ensinou
que as coisas não caem
e sim, tombam.

Do céu tomba a pomba,
afinando os nítidos desejos
do relâmpago e das pontas.
Tombam também os cavalos,
zainos e tordillos,
quando correm excessivamente
pela avidez de seus ginetes,
quando Lato os levanta
e corta o dia e a noite.
Tombam tantas coisas, Poema Vivo
e em nenhuma delas tu me viste.
Assim, quando lhe visto de manhã,
penso com meus borbotões
de fluidos sanguíneos,
que jamais, Poema,
poderia o poeta desposar
aquilo que escreve.
O que eu escrevo, Poema,
não ecoa nas paredes vazias
de tua alma programada
pelos dedos descontentes,
nem me respondem
as tuas palavras sem mistério algum.
Assim, Poema,
não é possível que um seja homem,
o outro mulher,

ou o contrário dos conrados,
dos concunhados do padrinho
de terceiro grau.
Não é possível,
amar-te em múltiplos versos,
nem sermos um para o outro.
O amor se faz a dois humanos,
nem mais, nem menos...
E o amor, ora pois...
É feito de intervalos bem curtos
entre recíprocos acenos,
necessidades impostergáveis
que vão se encurtando,
se encurtando,
até que se encostem.
Mas os tempos longos
aliviaram o rochedo
e nele já não sovam
as ondas do mar.
Poema,
não se trata de descer
– ou melhor, tombar
respostas,
mas sim de tecer
propostas
coisa que tu não podes fazer.
És meu Poema,
não há iniciativa alguma
que esteja sob tua mercê.

Assim eu sigo vendo,
vendo apenas,
tuas reações ponderadas,
tuas rimas, tão bem gozadas,
sem propósito, ilógico,
sem profundidade nenhuma.
Sem passionalidade dos amantes,
sem felicidade do encontro que perfuma.
Não que eu não te queira;
estás vivo, Poema,
mas nenhum dilema
afeta teu âmago mais profundo.
Poema,
tu és esquecimento
do que eu senti ontem.
E que eu faria com um Poema
de versos livres...?
O que eu faria contigo, Poema,
tu, que volta e meia me dizes,
tu, que digeres muitas noivas?
De forma que nenhuma Poeta
jamais te desposaria.
Amar é uma coisa, Poema,
mas casar exige ourivesaria.

GRADAÇÕES

AMOR,

Dá-me a medida dessa cor
com que a flor depõe o mal do mundo
dá-me a medida dessa flor
com que a dor precipita no meu fundo
os grânulos de imprecisões,
que as paixões elegeram elegantes
em desfavor dos ânimos, oscilações,
erga razões para cada segundo e instante.
Decorra todos! Bem melhores, mais fragrantes...

Amor,

Esfrega sobre meu corpo a cor bem cativante!
A que brilhante, nasce do sol na superfície
a mesma cor da estrela que pela noite afora disse
que de tão leve os teus olhos perceberão durante
em tom sativo que o vento enleve, não obstante.
E pensativos seremos, saudando, saturando elementos
que nos fazem sentir vivos, cuja voz nos recua por dentro
no delírio de um no outro, nos caminhos, em toda parte
a cor que apura o desejo de erguer de novo da vida o estandarte.

E por que, se ontem já fizemos, se ontem já vivemos, já rezamos?

Por que ter os mesmos alvos, esboçar os mesmos planos?

Iguais mesnadas de espécies, a cada dia, meses, anos...

Ué. Pra ver teu sorriso, semear, plantar a tua terra
não porque haja siso, nem pra escapar da guerra
apenas pra ver teu gozo e a graça do teu gesto humano
alimentar álimes, rabinos e padres
com cantos loquazes do nosso cotidiano.

UM MAPA DE FRONTEIRAS E DE LIMITES

AS FRONTEIRAS do que eu te disse
estão limitadas ao norte, note,
pelos infinitos beijos no horizonte
e apenas pela morte, o mote
deixará de se guiar pela estrela linda.

Ao sul, Poema, descendo as montanhas
dos arrepios de modos displicentes,
com que me disciplinastes,
as minhas palavras têm fronteira fixa
no nada que resta depois que me deixares.

Já caminhando rumo a leste,
eu encontro aquele memorando que tu me deste,
enquanto eu subia as escadas em lágrimas.
Muito amor no fecho puseste,
e cogitando as sanções, eu te desejei ávida.
As marés banham, assanham as áreas limítrofes
do leste.

Pelo oeste, se estendem as planícies do medo
de que um dia, tu me descubras este segredo
e porventura, quem sabe? Talvez se anime.
Quando a ponderação sobre ti talvez te extermine
e as memórias doces deixem de se sobrepor
à realidade dura, das paixões fugidias,
que vêm e que vão.

Pelo oeste, o deserto soergue planícies vazias
e a zona limítrofe exige uma certa conclusão
por onde as palavras poderão transitar seguramente,
transpondo ao redor das curvas
os súbitos gozos.
Eis aí, Poema,
os limites do que eu te disse.

EXOSFERA

O POEMA pediu
para ser vivo, vivificante
em universo terno, turvo e fascinante
que as palavras desenham bem lassas
irrompidas, descobertas,
ao léu e no meio da praça.

Mas a estrela é absconsa,
mas a estrela é abstinência,
ábsona do que deve fazer para ser fêmea.
A palavra se escreve sozinha,
se inscreve e diz que é minha,
moendo em farinha o que se espera
assim, Poema, reagiste uma exosfera.

Nem da mesma era eu fui,
que dirá então seguir-te
o laço não prospera, flui
ao redor dessa crença em extirpe.
Mas não. Eu quis te absorver
até o último gole do lago,
fechando o sétimo envelope sem selo,
até o relâmpago desmanchar no ar o apelo
escondi meu desejo e afago
neste derradeiro e nítido minuto
e ele escapou da hora,
obsoleto, absoluto.

Na minha mão destra
não achei o verso maduro
ao redor de tua linha mestra,
eu não disse quão grande é o amor puro
frente à esfera intransponível do exílio em marcha.
A palavra não trouxe teu beijo escrito em faixa

de hachuras preenchidas por anjos jubilosos
de fazer amor por fora, por dentro, nos olhos...
Não. Ruminaste áscio o áscele sentimento.

Arrostei assim mesmo.
No meu peito arrulhou um arrepio.
Poema,
te vais, e chorarei por ti um rio.
Seguirei íngreme,
seguirás certo.
estarás longe,
e eu tão perto!
De saber o quanto doem os dedos dispersos
nos beijos que eu não te dei,
no casulo que eu não rompi
de arsenal em rodopios
que te veste de orgulho de si.
Poema,
já não te escrevo mais.
Arraigaram tuas raízes,
neste peito, um tempo atrás.
Nada mais precisa ser dito
que um soneto não possa curar,
sabendo que o amor é um mito
e o tempo será devagar.

O MAR E O MEL

CORREU doendo na carne viva,
desovando a pontuda silhueta de um cardume
sobre quem foi forçado a se enxergar bastante
e passou a se ver muito a mais que o lume
das coisas vivas do mundo que nos encantam.
Não, Poema, o homem prefere se ecoar pelos cantos!
Contudo quem foi mais moço e se deixou escoar
Poema, a lágrima servil fez de novo brotar
canção de cálices que transbordam e de ramas que respiram.
Ah! Como foi bom, de olhar saber que exortam ainda os hinos!
Sinos clássicos de paixão branca em que nada mulher,
se arrastando pela ponte, transportando em pele a fé,
Poema, qual é a cor que entre duas mãos não hesita?
O azul também duvida entre o verde e a ametista
mas é justo em meio às duas que esclarece o céu
sua cor nítida, da qual discorrem ao mundo o mar e o mel
sim, o mar balança quando há de amor brandura
e quando o atesta se revolve em imensa loucura!
Mas se o mar reflete, no ar se destilam os tons aleatórios
só no azul se decolam os pequenos voos premonitórios
zumbindo invisíveis os sons de memórias doces
que vão crescendo e juntando nas favas a vitória em hojes...
Todos dias, Poema, me amerissa tua pronta figura
todos os dias me lembro dos teus gestos de dança pura
com que doçura me deparei contigo de anel!
Com o que me seguras, Poema,
sou tua poeta como o azul é do céu.

TALVEZ

TALVEZ chova.

Talvez a Terra gire

e até mesmo no espaço se mova.

E a água caia vívida sobre a testa,
sobre a areia

que move os sapatos e protesta

muito cediça de ligar-se em nenhuma teia:

é que arrancaram a grama dos vãos entre as lajotas

podaram as flores nas calçadas, e quem se importa?

É preciso avançar, arrojado, arranjar, podar, ceder pelo caminho.

É preciso tecer e amornar, do contrário se está sozinho.

E Poema, qual o sentido disto tudo?

Por que é melhor saber,

a dizer que talvez?

É melhor que se esteja mudo?

Este diz isto, e aquele diz coisa diversa.

Daí cabe a quem nos dizer, o que é cair numa conversa?

É preciso dizer o futuro, orientar na forma o presente

para quê? Se tudo em minutos poderá ser diferente?

Diferente se move o mundo,

no espaço ele se move

a Terra com certeza gira,

nesta tarde, seguramente, chove.

Talvez o que eu diga mude,

mas a verdade é que tudo morre.

Ou não morre?

Será que outro dia, me lendo,

Poema, tu sobre mim te discorres?

E até o fim que se previa,

consultados os mestres da sensatez

talvez nessa curta mão dos dias,

rima imediata surja outra vez.

Por que algo deveria prosseguir,

contra o vento que faz desbotar?

Para voltar a ser puro,
é preciso refazer o que está?
E mudam nomes, mas prevalecem eras
mudam os donos daqueles jogados às feras.
Celebram homens contratempos como fatos em esferas
eles têm fome, de manter nossas vidas na Terra.
E contribuístes, muito ou pouco?
Tiveste lume, ou foste um irreverente louco?
Disseste algo livre, ou teu pleito é conciliável,
poderão fazer estudos, vender palavra de um notável?
Celebra, Poema, mesmo que tu estejas só
poderás ouvir dilemas, antes de se unir ao pó
poderás resolver problemas,
reclamando muito antes que Jó,
poderás ser só Poema,
mas também poemas dão nós.
Que será de ti

mas frente à fome,
que será de ti?
Poema, será que te recordarás de si?
Não que um poema jamais se lembre
de quem outrossim lhe escreveu
quando muito, se o autor é vivo,
quando pouco, se já morreu.
Mas se o Poema é vivo,
será também seu próprio autor?
Ou tu, poema, só no presente vives,
bem alheio a quem foi e ao que for?
O autor é parte de teu passado
e os poemas não pesquisam história
só o poema, sozinho, guarda para si a dor ou a glória
de um tempo confuso,
que tantas e tantos poetas fantasiaram
partilhando do amor a esmo,
de que apenas os sonhos falam.
E o futuro, Poema, nem lá saberás tua autora

terás outros rumos e problemas,
lábios que dirão com voz doutora
E eu que lhe escrevo e lhe esfrego o peito
tentando dar vida, ressuscitar
as linhas que escrevo invisível,
de quem diz que aqui não está...
E te dedicarás à tua fome
e te dedicarás ao teu sustento
já não importa quem um dia
te escreveu assim por dentro.
Se terás vida,
tirada da minha,
isso pouco importará
será eco e longínquo encanto,
um curto e breve pranto,
que um dia poderás escavar.
E imaginarás como te escrevi?
Se garoava, se era campo ou cidade?
Indagará se o corpo é santo,
se foi por luxúria ou por vaidade?
Esmiuçando a mão profunda,
verso e canto estarão bem
foi o gesto de quem sentiu muito, Poema,
um protesto de amar alguém.
Comerás gente nociva,
assertivas beberás
tu que és Poema Vivo
e bem sabes que tudo é ar
em que nadam redes cativas,
de pescar e se propagar.
Turbilhão de águas vivas,
transparente de tanto breslar.
Em semente de trigo e de uva
me serás o esmalte da mão
E também por ser tão fortuito,
serás também o meu cotidiano pão

razão de andar e ver o que é mundo,
perscrutar o que é véu do profundo,
combinar os termos de um vão
corrimão de escaleira sem fundo,
escambau de correto bordão.
Suave é o ataque de um verso sem rumo,
que ao léu quer dizer de antemão
o que sente que leu este sumo,
panegírico e escuro sermão.
E teus parentes, teus familiares
serão versos escritos aos milhares
proporcionais à solidão do tempo
perdidos e achados em folhas templares,
que supuseram ser este o momento.

RUMO AOS CAMPOS DE SÁLVIA

AI, AMOR, quão suave é a tua linha mestra!
Não se esvai, não cifra em cofre, não me testa
ai, Amor, nem as pétalas de rosa se encontram assim com a brisa
numa entrega eu fecho os olhos,
lembro e guardo na alma o que desliza.

O apocalipse apenas suspendeu em tom no ar
pra que o vento empurrasse nossa barca sem navegar
e que outros lugares iremos conhecer mais?
Saberemos com o tempo, o que há de muito lindo por detrás.

E todas as coisas, sagradas e profanas, profundas e aparentes
terão mensagens a dizer tão diferentes
que nossos olhos cerrarão de plena fadiga
das leituras deste templo de uma face amiga.

E Poema, tudo que me digas vire memória doce!
De um passado juntando histórias de família,
amantes formando mistérios em pontas de quilha,
coincidências que uniram independente do que nos fosse...

Nau mística trilhou mundos em linhas não geodésicas,
indo e vindo, penas, tintas, linha e agulha pela vez milionésima
e todas línguas, estampas, sons, interpretações
terão nos dito o que havia de emendar nossos corações.

BOA SORTE

E BOA SORTE, Poema Vivo,
aqui me despeço de ti
vejo que de embrionário não tens mais nada,
não tens nem mesmo para onde ir
ficarás em ti, e eu em mim.
É lógico que seremos algo
de um comum consenso de sim.
Incomum Poema!
Nem tudo
de incomum é assim tão ruim.
Espero que te tenha retido,
espero que me tenhas gostado
Poema, somos um
e seguiremos ao nosso lado.
Se houver problemas,
mais poemas.
Se houver escassez,
mais lucidez
Se houver riso,
mais brincadeira,
Se der errado,
tente outra vez.
Vá devagar,
Poema,
o deleite é a jornada da vida.
E quanto ao amor, Poema
jamais curemos esta ferida.
A sorte é verde,
sigamos em frente.
Faróis e paredes,
tenhamos em mente
enquanto as nossas mãos dobram
e o nosso peito sente.

POEMAS ESPANHÓIS

(Setembro de 2015)

Para os loucos

EM CÉU NUBLADO

CHIAM as árvores os segredos escondidos da cidade
e ninguém ouve.
O silêncio nutre em corpo feminino a felicidade,
meu olho soube.
Entumescida de chamegos sobre aívas,
um homem coube
no tamanho de minhas angústias vazias e desavisadas.

Meu canto o chamou da vontade sem rumo,
vertiginosa da qual o corpo é sumo,
apenas para que em pé ele me triscasse o lábio.
Bebeu o vinho de versos mudos
e aconchegada em seus campos felpudos,
verteu-me louco, como ama o sábio.
Um roboão inteiro de tempo úmido e líquido,
púrpura e sípido,
enleados fomos sobre a mesa de cata.
Lá fora, na reigada moveu-se a relha,
e por dentro, a música rocejou didata.

Isso tudo chiou nas árvores,
do que foi no porvir irresistível.
Chiou meu corpo em vontade
da felicidade inexaurível.

PREENCHENDO ESPAÇOS

FAÇAM isso e mais aquilo
que eu preencho o novo espaço.
Com o quê? A fantasia?
Sem nenhum desembaraço?
Façam isso e mais aquilo
que eu preencho o novo espaço
com uma noite de poesia,
céu de estrelas e o cansaço.
Façam isso e mais aquilo
pra jurisprudência de gênero
façam isso, e mais aquilo
e depois eu sou mulher de gênio?!
Façam isso e mais aquilo
exijam-me nervos de aço!
Sem glamour, só cortesia
confusão, eu me amordaço.
Foi tão triste, este meu triênio.
Se o amor existe, é tão efêmero...

O RIO DE FEVEREIRO

DETESTO o Rio em fevereiro.

Detesto o Rio de Janeiro, em fevereiro, do tanto que detesto o amor.

Detesto a brisa do mar, que faz o mundo parecer inteiro, esse jeito lindo,
que quase nos faz esquecer que há dor.

Detesto o Rio de Janeiro.

Esses raios celestes que me abraçam, esses tons lisonjeiros que me arrastam,
ao jeito comum, elegante e agreste
de perguntar o que é que diabos me deste
em detestar meu Rio de Janeiro.

Detesto o Rio de Janeiro, em fevereiro.

Quando estive aí, com meus três filhos
e andamos no Ouvidor, fazendo ladrilhos
até à confeitaria das memórias doces,
das histórias de quando esse mundo foi-se
para nunca mais voltar a um ouvido indigente.

O das histórias contadas antes do berço, apenas aos rostos sorridentes.

Detesto o Rio de fevereiro, que só ceia em mesa cheia, que só canta quando está triste!

Detesto o Rio de fevereiro, aquele carnaval fagueiro que não mais existe.

A FELICIDADE É A ÚLTIMA GOTA

FELICIDADE é um
pingo d'água,
pendendo de uma sarça
sem pelo, que sem
peso, já não cai.

É a flor que está
inteira, é a glória
derradeira de uma
memória que não se
esvai.

É o espaço de um
segredo, de quem já
não tem mais medo de
se entregar a um amor
que lhe atrai.

É uma brisa leve que
refresca o rosto, é doce
e seco de vinho o
gosto, as alegres
minúcias de uma frase
bem pensada.

É viver com carinho,
ser alegre, dar
risada...

Sem sorrir, eu sou
feliz. Nos olhos apenas
a sorte passeia, nas
palavras a grima de
morte é alheia, ouço o
tudo que você me diz.

Sem sorrir, eu sou
feliz. Tão claro é o
amor e tão forte, não
há verso que mais
conforte, à vontade de
alguém que bendiz.

E mesmo sorrindo eu
sou feliz. Sou sorrir ao
ver você. Sem dúvida e
longe de ardis, o
importante é ser feliz,
mesmo sem saber por
quê.

UM BEIJO SELA DOIS ROSTOS

TECE o fio da meada, mão direita, entusiasmada!
Faz ventura e desce a ascese, meu anseio é quase nada.

Vejo os olhos que eu queria, súbitos são meu sepulcro
neles, sei, ofego o peito, nos seus olhos satisfeitos,
neles morro, sonho e mergulho.

Na altura do seu ombro, eu arqueio para lhe ver
meus cabelos me roçam a cintura
e meus dedos enleiam você.

Penda o rosto, se é concedido
mesmo sem lhe ter pedido
pulcritude que pulsa e restaura
fecho os olhos e tudo é sentido
sinto a pele no lábio partido
me umedeces com gosto de alma.
Se ardendo resisto ao seu beijo,
os seus braços me apertam em desejo,
sua audácia molhada me acalma.

Veja o selo do meu convite
a carta que você abriu
veja a letra e tenha o palpite,
mulher que lhe ama sentiu.

SÊ MEU POR INTEIRO

DESPERTEI hoje na relva
desembaraçada
com presságio de um beijo
tua presença alada
imóvel, olhei teu desejo
apunhalada.

Mas eu dizia, sê meu por inteiro
em ressaca de vela aberta, eu te peço!
Sê meu por inteiro
que todo o vento sobre o canto que eu impeço.

Para que tua presença, nítida e fêrvida
possa afluir em certeza que me invade
sê meu apenas, por inteiro,
para que eu possa te amar de verdade.

O SOLO SAGRADO DO SEU PEITO

NO SOLO sagrado do seu peito
adormeço minhas dores, destilo a fantasia
desperto nova e aguardo chegar o dia
contando os graus no arco da estrela sossegada.
Vejo o alvorecer raiar perfeito,
no átrio doce do seu peito,
a desgraça é ilusão já passada.
Respiro seu ar satisfeito,
no solo sagrado do seu peito,
o futuro é a simples jornada.
Nele eu vivo o que me é de direito
o amor de início, que eu não senti
nele eu ouço o calor do seu jeito
o giro da orbe que eu não movi.
No solo sagrado do seu peito,
o que era triste me é um pleito,
de um beijo doce querendo o porvir.
Eu não sei dizer direito.
Dói-me o canto em verso feito
e eu consigo então, dormir.

BEIJO PULCRO

EU QUERO você, amor
armar não tem nenhuma necessidade
eu quero você quando eu tiver vontade:
é o amor como deveria ser.
Soubesse você o quanto eu amo de verdade
quem sabe esse clima de terna amizade
curaria a angústia de não se ter.
Mas eu quero você, amor.
Quero você e mais nenhum outro
e ainda que eu lhe tivesse, você me seria pouco
teria que ser tudo exatamente igual.
Me fazendo medo de você ser louco
seus olhos brilhando, sorvete de morango,
o sim na Igreja ao pecado venial.
Quero essa coisa viva que voa entre dois rostos
e suspensão no ar, sustenta o que é proposto
por horas e horas, demasiado e a fio...
Horas que não terminam, e quando terminam,
me fazem chorar um imenso rio.
E mesmo chorando, quero me despedir de novo
nutrindo minha alma só com sua felicidade
mesmo chorando, quero lhe ver de novo
aprender os seus jeitos, sagrar nossas afinidades
andar de mãos dadas, com a bênção profana do desejo
quero sentir de novo, amor pulcro, o seu infinito beijo.

HASHEM

EU VI luz no seu rosto
seu sorriso de me ver
ainda sinto o gosto
não me canso de você.

Ficou na pele o cheiro
e o brilho na memória
de algo tão inteiro,
que sempre é viva a história.

Busquei bastante um Nume
pra dizer a luz divina
não acho em céu ou homem
palavra, verso ou rima.

Beleza, não tens Nome!
Teu Nome eu busco além
palavra que não consome,
silêncio que faz bem.
Escapa e o verso some
e vejo então Hashem.

É tanto, é um infinito!
O amor me queima o peito
aquece tão bonito
e tudo é tão perfeito...

A MULHER QUE TINHA VERGONHA DAS SUAS NÁDEGAS

NADEI noturna, com minhas nádegas
e vi no espelho duas penumbras adiabáticas
congregando meu corpo de bruços.
Suspirei satisfeita, de ver teus enfáticos
sorrisos em apertar meus recursos.

Mas a moça de curvas perfeitas,
diante de arautos performáticos,
ficou lamentando aos soluços.

E que mal tem a nossa brasileira empávida,
para que chame tanto a atenção alheia?
Se comoveram, as suas e minhas nádegas
é porque as das outras certamente se acham feias.

QUANDO O CÉU ENCONTRA A TERRA ABERTA

QUANDO o céu encontra a terra
e as nuvens espaçadas se reprimem
até que o pôr de sol lhes despeça o volume

Ouvem-se os anjos acabando a guerra
um heu de alívio em berço sublime
um beijo no lar que é de meu costume.

De cabeça para baixo, eu nado tão triste
recordando o bem que você me fez
em me dizer, caso sim, isso existe!
Amor pra sempre, à primeira vez...

É um inverso do ciúme, terra benta ao ar
se jogo no chão, celestial, teu corpo adentro
sei antes do senso sentir ter meu par
vai ver o amor é sempre um pensamento
que a dois eleva em alvíssimo lugar.

POEMA DO PERDÃO

EU PERDOO em mim todas minhas culpas
o ser frágil que se esconde na desculpa
e as feridas que me fizeram por estar grávida.
Eu perdoo em mim todas as minhas astutas
ideias viris de ter três partos, ávida!

Eu perdoo as minhas lágrimas de verdade,
que escorreram mesmo sem pedir licença.
Eu perdoo a minha personalidade
e todos meus defeitos de nascença.

Eu me perdoo quando achei que mal é bom
eu me perdoo quando abri coisa ruim
insistência de sentir sem ter bom som
de ter dito sem querer pros outros sim.
Eu perdoo tudo por você
por você eu perdoo até a mim.

CHAMA

GOSTEI do teu peito maduro
dos teus pelos escuros
do humano ensaio
gostei dos teus olhos tão puros,
teu hesitante apuro,
do te amo bem caro.

Gostei da memória profunda
da alma que afunda
em pensamentos vários...
De um verso em palavras fecundas
que me ressonam
ser sonhos, fardos.

Teu amor mudo
aos meus naufrágios
teu aconchego
em abraços largos...

Tua mão seguro
sem atos falhos,
pois carrego em meu peito os segundos
de um tempo, eu te juro
que têm os bardos.
A chama do meu eu bem fundo
que eu circundo
só dos teus cuidados.
porque não me ergueste um muro
entre o meu futuro
e estar ao teu lado.

JÁ ÉS UM MENINO?

JÁ ÉS um menino, ao cair da tarde e no início da noite,
Quando os fardos, fatigados, deixam de lado o pérfido açoite?
Já és um menino, de braços dados, com a mão feliz, entre minhas pernas?
Adivinhando os meus chiados, querendo o que eu quis, murmurando a glória eterna?
Já és um menino?
Que anda na rua, sem pai nem mãe.
Que pede ao dia, anda com os cães.
Que joga paina e vê o algodão voar?
Que sonha com lindas mulheres,
que fazem tudo o que lhes impuseres,
com olhos felizes de tanto gozar?
Já és um menino?
Que mira as formigas andando pelo vão
que corre, briga e grita, que lê de bruços no chão?
Já és um menino?
Que me traz todos os seus brinquedos
e que com isso se julga digno de um segredo
e se eu não der um beijo... Me roubarás.
E puxarás meus cabelos, para que eu chore
e, bobo, me digas: “meninas são más!”
Já és um menino?
Quando é que vai ser?
Venha logo. Pra brincar de nos escolher.
Venha logo, que não tenho nenhuma, nenhuma paciência!
A infância dura, mas tem a sua própria ciência
e ali na frente, ser criança não poderemos mais.
Ali na frente, quando o ar já não for suficiente,
só nos dirão: aqui, uma menina foi e um menino jaz.

SER DE NOVO

CONJUGAR é preciso,
navego águas afoitas
se eu amo e deslizo,
me falam todas as coisas.
Pra ser novamente
eu canto o tropeço,
eu conto o acidente
e termino o começo.

POESIA, MÚSICA DA ALMA

BRANCA luz se expande ilimitada
fatigada, me cintila a consciência!
Peço, e sua voz me canta o sonho,
como nasce e se despe em doce sono,
a perene e indispensável permanência.

Como eu abro a janela e a manhã de som me invade
uma palavra chama a outra e fala à sua metade
do mistério da vida, da pouca força da sobrevivência...

Como o café me lembra o aroma de mãe de idade
e o simples movimento da cidade
me desculpa esquecer da pura essência.

Cantar a beleza do mundo em uma enorme pausa,
o silêncio de memórias, que a mão versa livre e sem causa,
como se dita, a vida fosse uma novidade.

Viver no mar, no céu, na alma,
dizer tudo o que não cabe na minha palma
e do sofrimento tirar menores eternidades...
Eternidades de contentamento...

É de sentimento o nome nítido que acalma,
a palavra que ilumina é minha estrela d'alva,
a poesia é a verdade em seu exato momento.

VIGÍLIA

A MODO diferente de ver o teu corpo, te despi e te beijei
resvalaram meus olhos salgados, e o porquê eu te direi
nada tens de dizer – eu vi – talvez te desdiga
vi o quê? Minhas mãos entoando você, sem fadiga.
Tinha fragrância de almíscar, sua nítida vontade
máscara de perfume a sonhar dominar-te
nada de vil vi ao ouvir a narração de teu corpo
antes que o tempo soasse o timbre de um passeio torto.
Líquidas preces na língua, corpos trançados à míngua,
fomos fúteis, fomos falhos
brincando em passados inúteis, não machuques,
fomos vários.
fomos úteis, fomos vagos
fomos truques, de ambos sábios.

(Com al-Farid)

POEMA DO ATUAR MENOS E VIVER MAIS

HOUVE um dia, em que despertei ao meio-dia
Não eram cinco, não eram oito.
Era meio-dia.
E naquele dia,
tão claro, breve e tão direito
eu estufei orgulhoso o meu peito
e me disse ao dia: não me enganarás hoje.

Houve um dia, em que me fiz a melodia
da próxima límpida atuação
Não era verso, nem história.
Não era ensaio de memória.
Era atuação.
Em que o dia seria tão suave, ágil e perfeito,
que o palco sobre o público ao meu pleito
me aplaudiria alto, e de pé.
Um público enorme, cheio de homem, cheio de mulher.

Mas houve um dia, em que ouvi a sintonia
o ritmo da flor, do choro, do violão
houve um dia, contudo, em que eu ouvi a voz
que me dizia ser mais importante se dar o perdão.
Entoava em mim o gosto, o sopro das coisas que falavam
quando a minha mãe e minha avó me amparavam
e atuar, então, não precisei.
Houve um dia em que tudo que eu queria
se fez vivo, e eu te amei.

AMAR SEM DÚVIDA

QUANDO todos saem e fecham as portas
e se apagam as luzes
um silêncio longo e vadio ignora a eternidade
pois bem se sabe que deterioram muito mais os vasos,
as urnas funéreas, os vasos sanguíneos
em que o sangue corre para ser lembrado
na segunda vida que todos têm na memória,
na segunda vida que redime todos os pecados
e toca o pecador ao dia seguinte.

No mundo vasto, onde andei por tantas vias
a consciência, sigilosa, me dizia
amar é sem dúvida ser tudo.
Entregar sem medo o que se foi, e sem escudo
ferir-se a si mesma a retirar do outro um nada.
Reconhecer que há beleza
em se dizer apenas errada.
Sem nenhuma dúvida, pôr a mesa
e lembrar de uma dor enterrada.

Qual o sentido de não ter dúvida?

Não há sentido algum.
Melhor e merecido
é saber-se comum.

Ter todas as dúvidas, ao mesmo tempo
e no corpo tolerar o mais ávido tormento
de não saber coisa nenhuma.

De não ser mais que o outro, nem saber aonde se rumo
o desejo que há pouco não encontrou seu vale.
Preservar o que eu protejo, queimar antes que se acabe.

REMEMORANDO UM AMOR

NÃO BUSCO fora, mas sim dentro
rememoro cada infinito momento
que foi viver de um modo mais que perfeito,
quando te olhar me fazia uma onda no peito.

Não busco a hora, mas sim o segundo
que vivido, me fez ver tudo em véu profundo
a ferida a céu aberto em invólucro de espasmo
através do qual me aguçava seu entusiasmo

Do próximo jeito de aproximar os cílios...
E escondidos, em rotas disfarçadas,
nossos olhos ocultavam seus tímidos brilhos
estrinchando em meu colo pétalas rebuçadas.

Quando o tempo feliz ainda nos era dado
e sonhar era o sono bastante habitado
pelos desejos íntegros, desconstruídos

Que os amantes só encontram em seus próprios ruídos
e importantes são os gestos que a si reparam
quando em jeitos, satisfeitos, dois hodos orbitaram.

UM SONETO QUE ALMEJAVA SER PORTUGUÊS

QUE NADA em consciência jamais te acuse
para não terdes que tardar lavando águas,
nem limpar em lençóis passados as nódoas.

Que nada em tua paixão jamais te aflija
e o azul celeste em nuvem branca te corrija
como o brilho do mar manso estiolado.

Cuja tênue onda em vez de bater rija
beija a pele e pede que o amor redija,
e bem suave está sempre ao seu lado.

O azul celeste, rosa e dourado perfeito,
que brilham apenas sob o milésimo pôr do sol
da tua bandeira de ser à toa, ao teu jeito
agita esta menina que tem no teu peito
um feito oprimido do réprobo em prol.

O MUNDO ADENTRO

A ELEGÂNCIA de se estar sozinha
saber que a minha alma é só minha
e o dissenso uma voz triste no passado
pede licença à espessa noite, o dia claro

como desculpa pelo passo tão constante.
Volto à cerveja num boteco itinerante
e vejo o jogo da quinta divisão
em que os homens falham, os velhos decidirão

qual o equilíbrio, novos estados, qual a guerra
quanto tempo ficaremos aqui na terra...
Por quê? Não tem nada melhor pra fazer.

Ver o caminho que trilhei sem perceber,
minha ambição é o sonho livre, não importa.
Ao que há por dentro, sempre levam todas as portas.

DEITAR NO CHÃO, NADAR NO MAR

DEITEI no chão, chorei em vão
nenhuma canção de ninar
falei ser bom, ter novo tom
mas nada pôde nos separar
deitei no chão, e verso então
me fez vazia, me fez cantar
me fez sadia, lembrar que um dia
deitei no chão, nadei no mar.

QUERO A LUA DOS TEUS OLHOS

SE ME ABRIR em pés descalços,
deixa a minha mão sobre a tua
se tiver no mar percalço,
quero ver-te sempre nua.

Quando houver solidão no mundo,
venha o teu sorriso, de bálsamo e óleo
quando eu olhar o teu eu no fundo
mostra-me a lua que tem nos teus olhos.

Quero a lua dos teus olhos,
a mágica do espelho teu
que reflete em mim tão atenta
se por dentro, está o que me deu.

Eu quero a lua dos teus olhos,
a lágrima que há escondida
numa prece que foi descoberta
e gentil me mostrou uma saída.

Nos teus olhos há tantas estrelas!
Elas me guiam a todo momento.
mas é a tua lua, que com harmonia
faz a noite nascer como nasce o dia
e torna infinito o passar do tempo.

(Poema preparado para as bodas de Suelma e Rodolfo, estrofe 77 de Veneráveis Virtudes do Homem.)



O CORPO É MEU

O CORPO é meu

Deus mo deu

o corpo é meu,

não é seu.

Neste corpo,

mando eu.

Esta mão é minha

não é sua

esta perna que caminha

esta pena que perdoa.

Estes olhos que me dizem

eu sou eu, e eu sou boa.

AS LÁGRIMAS ESCONDIDAS

LÁGRIMAS ocultas, que são sabidas
derramam os sonhos de quem se foi
elas escorrem em canto, esparzidas
deixando o pranto para um depois.

O FRACO PODER DA AMEAÇA

SOB O PODER da ameaça,
os homens se curvam.
Tais como moças,
transidos se escusam.

Assim se intimida,
assim se valida,
assim se governa.

Mas só em partidas,
mas só em certas lidas,
mas só se algo conserva.

A ameaça não tem nenhum poder,
pois o medo pertence aos cavilosos contentes.
E que poder, que poder é que vem de governar essa gente?

IMPUGNAÇÕES

COMO julgar a realidade
se já não se pode se entristecer com ela?
Se na busca da grã-verdade
já não se importa se é feia ou bela?
Se desdenha com má vontade
a mão que lhe busca, singela?

AS DORES DO PARTO DE CADA DIA

POR QUE a um estranho me submeteria?
A alguém que não sente as dores do parto
De cada dia.
Não.
Eu sorvi da noite o santo cepo,
sachando sacramentos e sacrifícios
sabendo os sacrilégios do ofício
e anuendo o sortilégio dos sáfaros.
Fui sáltria de salmodias salubres,
saudei o salvante samádi nas horas soturnas,
seu sestro sinistro,
que me fez sístoles.
Não.
Jamais perguntaria a opinião do que não escreve,
de quem não sirga as cordas do barco
de cada dia.
Por que um corpo estranho se comoveria?
Alguém que não sente as dores do parto
de amar poesia.

SOBREVIVENTE

VIVI a mais, sobrevivi
daquele dia em diante, ali
meio aos turbilhões de gatos
e a violência, de fato,
algo em mim sobreviveu.

Mas muita coisa em mim morreu.
Fui abandonada pelos atos falhos,
despediram-se de mim os fatos nulos.

Mas você também sobreviveu,
às loucuras, segredos, astúcias
eu vejo que em você nada morreu
tudo é veludo em um véu de minúcias.

E que bom que nada em você morreu
apenas fui eu que cresci
esse movimento que vai pra frente
e que todo mundo diz saber abrir.

Apenas eu erreí, apenas em mim murchou
a flor que exorbitante e suja
vendeu o que o diabo pagou.

Em você, apenas campos
botões cerzidos em redes de peixes.
E prados, muitos sonhos, pomos arredondando em feixes
tudo se amornou com o tempo,
tudo deixou de ser seguro
mas cresceu arrepiando dentro
dos lados de fora dos muros
a foto que você me mandou contente,
quando tudo era triste, doloroso, escuro.

SER SEMPRE NOVOS AMANTES

SE É POSSÍVEL amar, é porque se amou antes
não é novo, o amor profundo,
ele pertence aos delirantes
é o mesmo presente aqui e ali recusado
e há também no casamento esses momentos duros, amargos.

Como é possível, se eu me declarei ontem, declarar-me hoje?
Mas o amor é assim, um dom que pertence a quem produz seu canto e o ouve
e se meio aos tumultos, alguém o deixou passar
é tempo mais ainda apropriado ao diálogo de quem quer amar.

E os velhos neurônios fiquem com o orgulho, guardem pra si as suas ninharias
eu amarei sempre às claras, da noite ao raiar do dia.

Minhas taças têm vinho.
Meus olhos têm lágrimas.
Minhas mãos, carinho
e o meu peito é sem máculas.

Venham as cartas ridículas,
os refrões felizes e piegas
façam a fila das festas caipiras
a fantasia aos pares é que se prega!

E de escanteio, menoscabo sem freio,
eu continuarei, Amor, a te amar
tremerá no corpo tão linda
a luz da cidade, clarão de luar
é de graça que ganhamos a vida
e que graça tão maior é dar!

UM SÓ GRÃO FAZ A AREIA

ENTRE nós dois persiste e reveste um sol
ele discorre nítido os desejos profanos
recorda que o tempo é só um girassol,
pende aos nossos sorrisos com o passar dos anos.

E quero conjugar em nós,
fazer alguns laços por cima
um dia seremos novamente o pó,
terão se acabado todas as minhas rimas...

Então serei finalmente tua, nua, lua, velha, louca
sereia consumida crua, fitando tu tirares roupas
aquela da incredulidade e a das más línguas
me dirás num impasse e milagre
só as nossas vidas o universo proclamam, e são lindas.

E chega de dar murros,
e chega de construir muros,
só os beijos que ensaiam filhos,
só os arrepios da nossa respiração
que urdirão paisagens, promontórios, caminhos,
carinhos ao travesseiro e na tua suave mão.
Um ar de construído o ninho
e fazer a areia com um só grão.

POR UM VERDADEIRO AMOR

VIVER repleto, chega de sobreviver!
ouvir que alguém se importa, de noite e de dia
que não seja a sua mãe, mas que por sua causa sorria
andar de mãos dadas, digo, eu e você.

Sob a brisa fresca nas árvores, flores pendendo em cabelos
lábios que nos inflamam, a textura macia dos pelos
aquela sensação de haver alguém no aeroporto
no abraço de reencontro, reanimar um élan absorto.

Do cansaço de teclas vazias, esfregar nossas mãos e dedos
suspirar durante um almoço, ter sono privado de medos
viver o que não vivemos, ou o que vivemos muito mal
pra dizer que não nos arrependemos, mas que sabemos, não foi integral.

Encontros na calada da vida, eu-te-amo à queima-roupa
trocar olhares sem segredos, contar ainda que seja cedo,
morrer com a dignidade de um beijo de sua boca.

NOS TEMPOS DA FACULDADE

AH, VEIO com as suas palavras o ar da memória
o cheiro de livros velhos e muito manuseados
a biblioteca com infiltrações, laboratório sem tubos
as curvas de concreto como se fôssemos carros.

Veio a sensação de deserto aberto, de papel almaço
em branco, para ser preenchido de clássicos e épicos
sob o controle docente e do prestígio da fala retórica.

Veio, ainda, você sabe, as memórias dos outros órgãos,
do coração em rebuliço, os homens que encostavam o corpo
os que davam as mãos, os que preferiam observar absortos
rente a mim as vagas de estágio, feito órfãos.

Não faz tanto tempo, porque não tenho pensado nisso, nem falado
só agora me ocorreu, e foi como ontem
um contínuo espaço e tempo de quando eu vi o que era um homem
e as sombras das árvores, gramas, longas caminhadas, um trem
foi como ontem, caminhar contente, vazia, buscando pra si algo ou alguém.

A primeira vez em que eu lhe vi, você já estava tomado.
não tem problema, eu também enfrentava assim o enfado
e lhe vi se apaixonar a dois, e se decepcionar a três
eu lhe vi não ligar, nem se perguntar muitos porquês.

Foi muito tempo, um tempo feliz partilhado
todo mundo caminhava um pouco junto,
e havia sempre um estrangeiro ao seu lado.

CARTA À ALMA MINHA

ALMA minha, Responde-me. Tomará um segundo de tua vida e o infinito de minha felicidade. O delta do Orinoco reflete meu vale de lágrimas não derramadas. Comparte tuas considerações comigo, levanta meu lábio com um gesto de ar e fogo. Acena com teu sorriso complacente, complementa-me, contando que sou uma flor feliz. Deixa-me morder teu queixo forte como pão, embriaga o tempo com vento etílico do vale do paraíso. Deixa-me roçar por dentro tua alma inexplorada, porque em teus modos todos já te conhecem e te enfadam com a superficialidade da casca branca e redonda do ovo. Mas eu irei remexer teus brios separadamente e obterei todas as fórmulas que alcançam os franceses, todas as alegrias subsequentes a ausências, a súbita forma intensa do silêncio incalculado. Apenas eu serei tão incauta! Implorarei teu corpo para tangenciá-lo com fervores matemáticos de uma virgem pura. Assim esqueceremos da estética das pústulas, da memória do chão frio, das ardósias verdes não assentadas no castelo que desejávamos construir, feito de trégua das ambições no trânsito e do transe dos teus olhos derrotados. Homem que cheira a cedro e bergamota! Vou adentrá-lo nas rampas de amor que enlaçam cheiros e umidades, na tua constância muda. És a esperança do meu seio! Deixa-me onde eu possa ser relva selvagem, lá onde a umidade e neblina turva o sonho, onde o tédio expeliu os amigos do consumo, onde o mar ergueu o cálice da sedução de espuma. Deixa-me explorar as cavernas, o vinhedo e os lençóis das lavadeiras, grandes demais para ser estendidos por suas mãos pobres e enrugadas. Eu te explorarei com os segredos dos amantes, dos acordos em recepção, das guitarras anônimas de Neruda... Quem te ensinou a lacrar meu silêncio em dúvidas? Por que me mostra a sombra marinha dos teus pés fragrantes? Estou na fronteira de beijos e vulcões aprisionados pela noite em Mendoza, vendo véus transparentes transportados pela aurora, detrás dos sons refestelados de prazer e desejo. Deixa-me ver súplicas de exagerados tamanhos, enreda tuas mãos em meus dedos enregelados, para que eu possa imaginar o gosto do teu beijo. Juntarei as contas prateadas em um colar de tristezas e usarei sob o veludo branco dos afagos, em crepe esvoaçante que buscas devorar num vulto de mulher que buscas nas tardes hesitantes de sábado pelos parques, nos salões e bares sozinha entoando música melancólica, ferida de morte para ser pelos cabelos abordada. E impaciente de que eu não venha, pois caminho ainda na areia de pedras preciosas e seixos do Buceo, agarrarás meus braços, com músculos treinados na esteira de Chaplin, os que construíram máquinas oxidadas e encaixaram engrenagens de embaixadores perdidos em súplicas descartáveis. Juntaremos virilhas e filhos, serão tantos que neles buscaremos apenas ligeiras distinções. E quando venha a fazer frio, emprestarei meu regaço branco e macio, o colo de mãe quente e os contos de vaga memória. Serão tantos que, para ver as estrelas, bastará fechar os olhos, teu riso será o desenho da luz debaixo do céu curvado na nuvem amarela, serão alimentados com a matéria

quântica escondida nos frutos que o mar nos dá. Te fatigarás de beijos nas pálpebras, da agulha de meus dedos costurando carinhos em tuas costas, dos mananciais cálidos das horas de molho salpicado de alecrim e sal. Ao redor da fogueira lerão nossos versos e pisarão as uvas, na noite rezarão silenciosos a prece de agradecimento, enquanto os bêbados continuarão ensaiando festas católicas e se compadecerão de não terem vida, de vomitarem maledicências. Com as tuas mãos masculinas erigirás a cidade de metais e de pedra, apenas para que eu a contemple no voo macio de águia, com encanto da gaivota. E seremos tão grandes que nossos filhos terão de sair de suas cavernas para nos dar bom-dia, para cumprimentar o amor gigante, o amor que fala em vogarão fértil e une continentes.

LOUSA VERDE DA VIDA

(Maio de 2017)



Às pessoas de boa vontade, às crianças numerosas.

MAESTRA

ANO A ANO caem as folhas
e a folha de um ano também cai.
Mas há pessoas que fazem más escolhas
quem colha bem antes do tempo que esvai.

Não pensam, só falam em uma bolha
e juntam remorsos, por dentro traem
ressentem até que se exponha a moria
doendo, escravos do mal que extraem.

Se os justos sofrem
os maus mais ainda
não são sinceras
suas mãos findas
supondo um loquaz
desígnio final.

Há mãos que esperam
muito mais lindas
escrevem que a vida
não é um gesto banal.

Maestra, celebre
tua conclusão bem-vinda
que a gente dirá:
o amor é real.

*Publicado em Poesias Contemporâneas IV, org. Thais Matarazzo.
Editora Matarazzo, dezembro de 2017. Homenagem à Professora Heley, de Janaúba.*

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

SE O ASFALTO fosse leito
e o carro fosse barco
se homem fosse homem
e mulher fosse quem tem parto

se o menino corresse no mato
e pegasse peixinho no rio
se carinho anulasse mau-trato
e tapioca fosse plantio

ah, se a casa fosse itinerante
e cada dia fosse uma nova alvorada
se você fosse o mesmo amante
e as crianças viessem em revoadas.

Se a madeira não quebrasse
e o amor durasse sempre
se o sono selasse um enlace
e a gente fosse pra frente...

ES CRAVA DE MINHAS CONCLUSÕES

EU SOU escrava desse pecado
mas ao menos não sou de panfletos
minha consciência sublinha o que há de errado
embora a vida seja feita de muitos sonetos.

Eu sou escrava do que não deveria ser contado
e já não me encanta um arroubo de paixão
eu prefiro um chocolate que um marido ao lado,
mas se digo isto, é porque provei o gosto da ilusão.

Não sou o superficial em crise.
O que flutuava na membrana, eu jamais notei
muito mais me sabem aqueles livros
que me leram enquanto eu mergulhei.

Efetivamente,
eu concludo:
não há contra o humano
nenhum conluio
além daqueles emaranhados
em que nós próprios nos amarramos.
Não há nenhuma conclusão fundamental,
senão aquelas que sobrevivem com o passar dos anos
quando ninguém mais precisa delas
as que provam quão absurdos
foram os homens ao ignorar palavras sinceras.

QUANDO QUEREM BRIGAR

ALGUNS homens querem brigar,
mas não podem me bater.
Querem brigar de manhã,
de tarde
e ao anoitecer.

Alguns homens querem brigar
mas têm medo de alguém os ver
pedem para a mãe ir lá brigar
até te obrigar a se defender.

Alguns homens querem brigar
mas e quando não se quer?
Acusam até mesmo pelo ar,
que respiraste só sendo mulher.

Alguns homens querem brigar
e se você então os ignora?
Eles leem todas as suas cartas,
desconcertam quem você namora.

Alguns homens querem brigar
e mesmo se você se esconde
eles dão um jeito de chegar a você,
mesmo que você vá para muito longe.

Alguns homens querem brigar,
mas não podem me bater
podem até contratar,
mas têm medo de aparecer.

Alguns homens querem brigar
e por que toda essa atenção?
Eles não chamam de nojo ou de ardil,
eles chamam de justa paixão.

Alguns homens querem brigar,
pra mulher não escrever
pra mulher não conversar,
pra mulher não esquecer.

Alguns homens escondem a faca no sapato
outros, dizem que não têm nada com isso
contudo, eles estão sempre trazendo fatos
em suas condutas está evidente o mau juízo.

Mas outros homens querem amar.
E ajudam a pintar você.
Num quadro cheio de flores
de manhã,
de tarde
e ao anoitecer.

Outros homens querem amar,
eles escutam o que tenho a dizer
e de um descuido recordam o preparo
que a vida ensinou haver porquê.

Outros homens querem amar,
esses saberão o que dizer
para que os homens que querem brigar
continuem vivendo sem me ter.

Existem homens que me fazem sonhar
existem homens que me fazem sofrer
por querer estar no meu lugar,
mas prefiro estar nele do que você.

Outros homens querem amar
e as cores eles vão escolher
que usam para me reparar
com alegria da palavra que me lê.

SEJAMOS POBRES

ONDE está a mandioca da folha?
Onde está o ovo da casca?
Quem comeu o pão fresco de ontem?
Por que bebes leite, e me dás da fruta a lasca?

E teu filho tem danone e o bifeinho
o que tu não quiseste,
não posso ter enquanto está fresquinho?
E retiras tudo o que sobrou da tua gula,
tudo o que iria alegrar nas prateleiras
embora eu tenha trabalhado,
tu me ofereces só bandeiras
de que minha vida minguou em tal malogro
que junto aos cães terei de fazer fileira,
se eu não tiver peixe, pãozinho e fogo.

E tiras fotos com famosos
(ah! Para a pobreza encontrastes a solução).
E as empresas ganham dinheiro
compraste delas a minha refeição.
De mim tu manténs distância
te achas salvo, e não tens salvação.
E a tua pobreza, de achar ser beleza
vender meu imposto na forma de ração?

Pobreza de gestos, até de protestos
contra o insulto a quem foi e é teu irmão.

Somos pobres. Mas temos votos.
E meu voto vale igual ao teu.
A minha alma vale igual à tua
e a minha dignidade: Deus ma deu.

Ficarás com tua ração
e coma-a de manhã, de tarde e de noite.
Quando o juízo vier
e a eternidade ceifar com a foice
comerei com o Cristo, à fogueira e ao léu
a estrada e o céu me serão um banquete doce.

Traga-me um peixe e um pãozinho
não o teu lixo, a tua merda, o teu coice.
Traga-me um peixe e um pãozinho
e partilharemos um dia lindo hoje.

Poder esférico

Não. Não
gosto de girar
essa roda
tão inútil
de pura
estética duvidosa
e tão assimétrica
cujas sombras
só poucos
dominam dizendo
sempre muito felizes
Não, não.

(Para o Felipe Fortuna).

A SAGA DA BARONESA MARIA AMÉLIA⁷

ONDE estão os olhos meus, luzeiros que ressudam graça, nutrizes da eterna juventude?
Que enxergam a alegria sem mágoa, atormentam dores, adormecem inquietudes?
Que dardejам paragens sinistras e fulminantes, que derramam a água represada de dissabores
distantes...

Onde está o meu Nabuco, que pulcro faz minha memória?
Onde está o meu Nabuco, cujo enorme vulto escreve em fatos a minha história?
Onde estão os meus braços fortes, que erguem a tocha esplandecente, pairando a flama sobre
a terra?
O discurso e arte de não se deixar pender aos extremos, que singular proscree a guerra?

Um presságio alado não me veio.

E os meus filhos, de meu seio foram tirados!
Choro e soro me partiram ao meio, por estultícia de um indigno desavisado!
Doravante não hei de cessar o grito, clamo e repito, de uma dor inesgotável!
Do silêncio doloroso de meu filho, que em forçoso sacrifício, grita querendo estar ao meu lado.

“Lamúrias, lamúrias”, diz a incauta sevícia do insidioso!
Da sujeira desse ovo de serpente, de asco e fel demente é tua laia, seu verme escroto e feioso!
Onde está Joaquim Nabuco, que me pregou por gesto e palavras
A abolição de vínculos incestos, derruída em suplicar algo que é certo à mão que a lavra?
Onde está o meu Nabuco, o homem que me dê coragem
De defender o meu sexo, repelir o que é funesto, de encerrar o horror que fazem?

7 Referência a levantamento histórico e de imagens do acervo de D. Maria Amélia, filha do Barão de Rio Branco, pela Professora Manoela Assayag.



O cadáver do Barão de Werther no lugar em que caiu



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 RUA DO ROSARIO N. 129
 Telégrafo de cabido: 1454 J.
 Telégrafo de cabido: 1454 J.
 Telégrafo de cabido: 1454 J.

A EPOCA

Director: VICENTE PIRAGUE

ASSINATURAS
 PARA O ANNO
 ANNO IV 1915 10000
 ANNO V 1916 10000
 ANNO VI 1917 10000
 ANNO VII 1918 10000

ANNO IV || Rio de Janeiro -- Terça-feira, 3 de Agosto de 1915 || N. 1.074

COMO SE FOSSE UM "FILM" TRAGICO...

Um crime sensacional e emocionante na alta sociedade

O barão de Werther, com um numeroso grupo, assalta a residencia da baroneza de Werther, na Gavea, sendo morto elle e mais um dos assaltantes a tiros de carabina

Depois da horrivel tragedia a baroneza de Werther e os seus cinco f...

O MUNDO NÃO É MAIS ROSA

QUANDO descobri que o mundo não era rosa
as cores das pétalas murcharam
e o mundo girou triste.

Todos argumentaram contra a loucura
e se achavam tão sensatos,
antes de esfacelar da rosa as pétalas.

Até que veio o inverno.
O inverno rejuvenesceu as asas das árvores
e não foi necessário juntar pedaços
para compor a mesma história,
a fim de que fosse verdadeira.

A nudez dos troncos falava por si mesma.

Não houve verão, nem outono ou primavera naquele ano.
Tudo era privação.

Indiferentes as pessoas transitavam e puniam.

Nada falava ao coração delas.

Assinaram mentiras.

Apenas o dinheiro,
apenas a casa,
apenas a promoção no emprego,
apenas a foto no relatório.

Então tiveram o dinheiro,
então tiveram a casa,
então tiveram a promoção no emprego
e saíram fotos delas no relatório.

Mas as pessoas continuaram indiferentes do mesmo modo,
agora punindo maiores e mais fortes,
agora mais seguras de si mesmas,
agora acreditavam em si mesmas.
Dependiam do outro para crer em si mesmas
e continuaram a depender.

Dependentes do poder,
obedeceram às pressas o vácuo escuro
Pois não queriam perder a pose.
Tomaram pra si muitas doses
de não arrependimento
dos corpos feridos.

Esqueceram de beijar
deixaram de cozinhar
não falaram o que o coração pensa.
Viraram homens maus
batendo em crianças.

Bocas partidas pelos próprios socos.

Mãos pintadas de betume
arquitetaram amizades
com preço na etiqueta.

Fiéis sem alma e secos.

Então.

Foi assim que o céu deixou de ser rosa
ao cair da noite e ao raiar do dia.

CHEGA!

EU ACHO que eu vou parar com a poesia.
Vou parar de pensar sonetos. E duetos.
O que eu sentir prometerai a mim mesma que eu me esqueço.
Eu vou parar de argumentar congestões maduras.
Torcerei pra não ter gestos premonitórios
voltarei a ler só relatórios. Náusea pura!
Para agradar às pessoas que não gostam de mim
e que já se esqueceram disso.

Eu morrerei, morrerei então como um sumiço
espasmo sádico das entranhas de rei nenhum
eu sentirei apenas o que se sente de comum
Eu me prometo: é ano-novo. Eu vou parar.
Não há éter, nem espinho, só o ar
não há sonho nem estar sozinho
neste lugar.
não há olho nem carinho
Para o luar.
Eu me prometo que é o mesmo caminho:
tudo igual dá.
Saberei então qual é finalmente a resposta
pra ter deixado de se fazer tudo que se ama e se gosta
o feito hábil e doloroso de perder pra si a própria aposta.

O QUE ERA DOCE ACABOU-SE

EU NÃO vou fazer poema
pois já há versos do Drummond
para explicar o que é o inverso
do que parecia ser bom.

Vou fazer uma parlenda
na clareira de um jardim
para as crianças que pediram
uma música ao querubim.

Morreram tantos peixinhos
e o que fizeram de ruim?
Boiaram em lama e sujeira
em vez de mandar beijos pra mim.

Na rua, enterradas as pessoas
mas tinha gente, ainda, com pá
querendo escavar as memórias
de quem não conseguiu chorar.

Foi triste o dia, em que ouvi a alegria
no Rio Doce se dissipar.

ESCREVO PORQUE HÁ UMA CANETA E PAPEL

ESCREVO porque há uma caneta
e papel.
Se houvesse vinho:
bebê-lo-ia.
Mas peguei uma caneta e vou fazer o café.
Se aparecer alguém cobrando,
eu proponho, vamos dar um rolé. Rolar, rolar, rolar.
O arroz está cozido, largue, menino, do meu pé
ou melhor, venha aqui, venha neste colo,
enquanto ainda podes
enquanto alguém não me assassina,
para esconder que me acusa e que morde.
Venha no meu colo,
enquanto alguém insiste que eu quis isto, quis aquilo
pergunte a mim, menino,
o que fiz e se efetivamente fi-lo.
Fiz nada.
Não fiz nem quero fazer.
Mas insistem nisso, os que mordem
e o que ganham em nos fazer sofrer?

Vem aqui, menino, a vida é coisa séria.
A vida depende de si
como a estrela se alimenta da matéria.
Não digamos mais besteira,
não percamos mais as estribeiras,
esqueçamos essa gente pra sempre
sejamos limpos, legais, tranquilos,
arsenais não são coisa inteligente.

Venha aqui no meu colo
e deixe-me pensar num verso para você
uma frase que estenda os braços
e te aconchegue como um bebê

umas palavras que meio ao cansaço
evaporem e se abram em buquê.

Mas não me vêm as palavras.
Talvez amanhã virão.
A vida seja paciência,
cedo ou tarde haverá o clarão.

As minhas palavras foram há muito perdidas
e muitos que pensaram também as perderam.
Talvez vasculhando estes versos pouco nítidos
a gente encontre aquelas que nos creram.

POEMA HONESTO

O AMIGO gira o revólver no teu rosto
o desarmador não desarma
o defensor de direitos humanos espanca
a Juíza não julga
o político fala
o marido trai
a feminina é profanada
a feminista se submete
a criança dorme sem a mão da Mãe
a Mãe chora
uma poeta sem verso de madrugada.
Pensa em você o Amor da sua vida
uma poeta com verso na estrada
a Mãe vibra
a criança sente a mão da Mãe na sua
a feminista refuta
a feminina sente
o marido ama
o político não julga
a Juíza fala
o defensor de direitos humanos então repara
o desarmador dança
o amigo beija com carinho o teu rosto
e te abraça.

A DEMANDA DO POVO

NÓS QUEREMOS um unicórnio
unicórnio já!
Nós exigimos uma solução mágica e sem custo algum
queremos um unicórnio, com apenas um chifre
e não dois, como as vacas, os zebus e os cavalos.
Esses bichos reais produzem problemas.
Não queremos ter mais um filho
e jamais pagaremos qualquer dívida que o Governo diga que temos
se disser, derrubaremos
não queremos pagar mais material escolar
é muito caro ter um filho
pois não dá para gozar com tranquilidade,
tendo muitos filhos
e há de se levar muitos filhos à missa das 7 da manhã
como faziam as famílias grandes
em escadinha e perfilados os
meninos com camisas de linho.
É obrigatório.
Por isso nós demandamos,
veementemente, reformas
que nos propiciem
um unicórnio
e não mais filhos.
Um unicórnio que esteja no cerne
dos discursos e dos acontecimentos
não dialogaremos, senão em números
e com relatórios deste momento
(os números do Giambiagi já não servem mais).
Apenas importa uma solução técnica e específica
concluída pelos especialistas:
o unicórnio.

Não atravessaremos um oceano a nado.
Não queremos pagar por um problema que é nosso.
Exigimos um unicórnio com crina de sete cores
que combine conosco
que brilhe no escuro
com seus unicórnios filhinhos.

MULHERISMO

EU SOU mulher
nasço com o dia
durmo com a noite
filha do devaneio
com o giro da Terra.
Leio a mim mesma
tenho dois polos
sobre um eixo firme
constante em minha polis.
Venho de onde os filhos nascem
cresco onde a planta brota
flor de circunstância plena
pouso de um sorriso doce.
Sou pensamentos vários ao meu redor:
a taça de espumante rosa
a pátria de muitas eras
abrigo de mãos errantes
ventre de sóis,
breve suspiro de uma estrela

um pouco esquecida dos tempos
de nascer, de morrer, de estar de pé
alva que nem duas faces da mesma lua
que sem mistério algum
flutua
no espaço sideral
porque é assim que é a lua
sua cor independe da luz do sol
porque é assim que são as mulheres
de pernas com saltos altos
forros que o homem deixou de usar
saia esvoaçante que deixou de perecer
a praia que se deixou de visitar
sinal que se deixou de perceber
pele que engilha histórias
voz que de madrugada reza
braço que busca, aperta e cuida
seio que aquece, acolhe e escuta
largura de uma verdade
altura de uma expressão
raio que de tão manso
se pode pegar com a mão.

(Selecionado para a obra “O livro das Marias”, org. de J. P. Nascimento, 2019)

VOCÊ É A MINHA PÁTRIA

CAFÉ de manhã cedo e cigarro depois do sexo
os Sonetos bem estrelados e as palavras sem nexos

you é a Avenida Paulista e a Rua do Ouvidor
you é a minha lágrima de tristeza, mas também de amor.

you é uma lasca do coração bom que sobrou de Nietzsche
a Pátria amada de Salvador ao Oiapoque, do chivito ao ceviche.

É o caminho que se abre sem pressa
e a paixão violenta com que eu quero me reconciliar
you é a minha Pátria e lenda
à qual eu posso retornar

com a devoção eufórica de um contínuo amorismo
e lealdade que permaneça na História depois de cada sismo.

na madrugada eu varo sozinha pelo mundo afora
mas Pátria minha mora em mim e eu moro nela, agora.

UM BOM DIA

BOM-DIA! Pois é um bom dia.

Eu sou a rainha de meu castelo. O mundo é grande e o mar tem fúria ! Mas é um bom dia para despertar e sorrir. A casa está cheia. Eu rumo o meu barco. As crianças riem em mim e eu rio nelas. E o meu sol diz: dê um bom-dia!

BUENAS NOCHES

BUENAS NOCHES. Pues es una buena noche. Ya puedes decirme lo que aguardó que llegara la noche larga para tapar el silencio con tu oscuridad. La Tierra gira: por eso está la noche en los dos polos. Ya no soy la reina de mi castillo, porque no lo veo. Está oscuro! Por eso te busco. Necesito tus palabras para restituirme el usufructo de mí misma, para hibernar toda angustia en mi sueño...

OMNÍVORA

ESTE PEIXE que eu comi aqui
Nadava displicente num lago com lírios
E este trigo que eu tragicamente também comi
Estava lançando suas sementes durante o martírio.

Pois é, eu comi o peixe
E o cordeiro, o bife, a folha de alface
Sim, eu comi, e então me deixes
Entre as batatas e o bacon não há um impasse.

Veja: eu plantei uma árvore ou outra
Lancei tascos às capoeiras e aos cardumes
Eu também semeei cada vinha doura
De onde extraio das palavras o seu perfume.

Eu deixei uma boa gorjeta para o bom moço
E uma nota ao ser pobre que é da minha espécie
Escrevi para crianças desenharem esboços
E ajudei a velhinha a terminar sua prece.

Assim, outorgada de domínios, deveres e de livros
Deus me deu os festins, os direitos, as quaresmas!
Eu não peço perdão porque simplesmente vivo
Hambúrguer de brócolis, que loucura é essa?

SÓ SOBROU VOCÊ

JÁ é hoje,
Sim, choveu ontem,
e os poemas já são todos seus.
Ninguém mais os reivindicou.
Estavam ocupados,
os classificadores,
com sua herança de gestos,
em dizer qualquer coisa
com leve escárnio
e voltar correndo para si mesmos.
Outros estavam ocupados
controlando os preços,
vendendo absurdos,
votando nos manequins.
Mas vem pra longe,
vem pra longe disso tudo,
vem crescer no campo
com o coração bem aberto no escuro.
Vem crescer sem grades nem muros,
no peito de uma criança.
Vem rodar na roda de dança
pra saber quem não morreu
vem colar selos nas cartas
de lençóis na pele com marcas
ser feliz, você e eu.

MANHÃ DE CHUVA

AS GOTAS de chuva estão prestes a cair
mas não caem.
Elas apenas regam estes versos.
as suas mãos seguram as minhas,
mas não saem.
Escrevem sobre os ruídos no mundo imersos.
Há umidade sobre a pele estalada,
luminosidade na silhueta do seu rosto
orvalho no tecido dos prédios e das casas: tudo liso.
Orgulho da neve branca sobre a montanha: ela não se derreteu.
Está tudo dizendo que
já provou a si mesmo.
Não é mais necessário pedir licença para viver.
Respiraremos todo o ar que possamos
e que os nossos pulmões queiram.
Quem sabe assim a chuva cairá no canto certo
e não em mar aberto,
sem pedra para pousar,
sem vento para anoitecer.
Vamos chover,
vamos respirar
e os jardins serão perenes
para andar de mãos dadas.

AS NECESSIDADES DE UMA MULHER

É PRECISO sentir em liberdade
e que o amor não seja um prêmio
é preciso reclamar em privacidade
proclamar com festividades
e provar o meu ardor com empenho.
É preciso que o amor nos repare
o que era ferida e não foi alcançado
que o pássaro voe longe e não páre
febril variegando os ares
e o mistério seja estar do teu lado.
É preciso ter memórias lácteas
alma grande em tuas mãos pequenas
um laço de fita atando a Via Láctea
sopros na tênue e alva hástea
para a minha vida valer muito a pena.
É preciso o teu sorriso quando eu falo
os teus olhos incertos a horas bem tardes
é preciso tirar a tempo a fruta do galho
cair nos teus braços como a nódoa encarde.
E assim, nutritivos e bem abraçados,
já sem caminhos ter tudo percorrido
os momentos e todos seus tantos lados
do que eu queria que tivéssemos lido.

SEMPRE

VEIO a primavera,
porque o inverno não tinha nenhuma razão.
Suas pétalas glaceadas de sentimento
caíram sobre os meus cílios.
Elas me fizeram rolar sobre os trevos
pois havia a cor de uma primavera só minha,
desenhada na janela ensolarada de janeiro,
quando ainda restam todas as manhãs do ano
e uma calçada limpa para varrer as flores.
Caminhei em uma praia sem nome,
o ritmo das ondas definido pelo sempre.
O assobio da brisa na minha orelha
me contou não ter nenhum melhor título.

FILIGRANA

UMA FLOR por dia
um rosário por semana
um País com poesia
uma alma humana.
Mulheres todavia
em gesto bem sacana
revolvem com tirania
condenam a vida urbana.
Eu rogo à revelia
não seja a terra plana
desnecessária supremacia
e a frase leviana.
Muito cheia de soberania
gira a Terra quotidiana
sua conspícua filigrana
toda noite reinicia.
Uma flor por dia
um rosário por semana
rezas com teimosia
hino que é uma roldana
letra que amor ufana
lágrima que pronuncia
prova de primazia
eco de voz arcana
vela que fácil espana
uma bela escuridão vazia.

(Publicado em francês na Revista Diane, n.º. 12, février 2019, em Lomé).

MÁTRIA LUSA

PORTUGAL, casa materna dos brasileiros. Aonde voltam para provar suas bondades. Terra de azeites, de vinhos, de poesia. De homens puros e mulheres de própria vontade. Os frutos da terra crus são aqui abençoados e cozidos; do mar o horizonte desfia os peixes e nos cala. Os navios se forjam nas joias das vitrines. E Santo Antônio faz gaivota abrir suas alas. Se o olhar do português foi triste, hoje é mel, ardor fagueiro. Pois atraí com ele o mundo inteiro! Em suas ruas espalha o riso, brota o eterno em sua fala. E saudoso cantarola fados, separa o destino da fé e da fortuna. É muito à língua dedicado, sua pátria celebra ter apenas uma. Fica assim, Portugal, sem medo, pois tens muitos e ainda um imenso Filho; que retorna muito certo aos teus trilhos, a lembrar do que lhe encanta e do que lhe basta. A brisa sossega nos olhos um estribilho. Descobre que pertence a esta mesma casta. Tomou tempo forjar arabescos com ferro, e decorar as molduras de cada janela. Ouvir de longe na torre o almoedeiro, e o azulejo decorar cada capela. E cada pedra com rejantes ilustrados, subidas, paisagens com muitos lados! As casas coloridas ao gosto dos tons do céu... Ver moças casando e provando amêndoas a granel. Mas é preciso resistir a não experimentar tudo hoje, amainar a euforia que em tudo cabe; e ver nos campos cardos e arbustos de flores, antes de concluir que daqui tudo se sabe. E por que não brotou da vagem a branca fava, por que razão não caiu da rama a fruta? Foi porque me distraí e bruta, esqueci de enrolar as gavinhas na trava? Sim, é preciso ter muita escuta e colher com a mão antes o que estava. É preciso descrever as minúcias, para os segredos caberem na aljava. E com flechas da tua história, erguida não com sangue, nem com batalhas, mas com ousadia que ao português calha, despertar os ventos à nossa memória. Navegando em muitos tempos nos valha o feito que o canto transformou em glória. E o orgulho é que orna o peito do luso, o mistério bem dito, as místicas nos degraus da alma. Sossego que os anos construíram com calma, afeito ao simples jeito das mesmas coisas. E as rendas nas janelas, bem alvas, rutilam o feixe de sol que ilumina e orbita as casas. Silêncios que embocam tempestades moiras e bocas que os hinos transmutaram em asas. E nas paredes recordam tragédias, dão nós com os sóis dos gestos de coragem. Em doces palavras nos gravam grandes imagens, de incêndios e de instantes sem rédeas. Apenas para a sombra de virtudes pétreas nos abrir do milagre a possibilidade. E no escuro constróem então essas cidades, às quais convidam partilhar da métrica. Um castelo não será mais que uma idade, e suas pedras cada insistente abordagem intrépida. Ser bem lusa é portanto plantar as favas, revisitando seu caminho sem perturbá-las e colher com as próprias mãos os cachos de frutos, recordar de gloriosos minutos, construir-se das rochas dispersas no mundo. Recolher no verso algo profundo... Que um dia outro poeta irá declamar. Recolher imperturbável as ondas do mar... Que no olhar vigiam e sondam, tão constantes quanto as moças que sonham, tão suaves quanto a cor do Lumiar. Ser bem lusa é ter palavras que encontram os olhos. Mas não deixes, Portugal, que o humor lhe esconda. Nem que os peixes cavalguem as tuas medidas. É a ti que nós buscamos e as tantas saídas que nos levam ao calor de uma casa. Que esta terra sempre nos exija erigir novas cidades, novas eras... Sem jamais flertar com o vulto das guerras, sem esquecer que a Verdade nos afaga. Sem correr

de quem nos rogou praga, sem ceder ao mal com o espírito: seja o amor a nossa língua e o elixir físico, espiga de grãos que aterram escarpas. Ouro com que se protege a palavra na arca. Pois é provável que nos encerremos na visão do obstáculo, é possível que tenhamos olvidado do rito no cenáculo. Mas permanece aqui, aberto aos séculos! Cobre com tua terra macia os tubérculos, deixa os livros bem fáceis nas estantes. Para que eu me lembre como tudo era antes, anterior ao império do sucessivo. Como era tudo concreto, desperto e vivo, mesmo o simples hábito de servir um café. Comendo os teus pasteizinhos de pé, sob o abrigo da antiga Lisboa, quando era permitido ficar à toa, desde que se respeitasse a tradição do passeio. Das conversas diretas sem muitos rodeios, o transporte das ervas aromáticas que os ingleses imitaram com chá. Recorde-mos que os franceses também se deslumbraram cá, que se apropriaram de muitas das nossas soberbas. E ficando com elas, restou-nos apenas esta beleza, das peças oníricas, das frases celestes. Os ritos de paz e a foz dos sendeiros campestres, no Cascais e no canto dos velhos monges. Dos santos ainda frescos de ganhar renome, das flores que brotam nas tuas calçadas, dos sabores de relíquias que anseiam conhecer meus filhos. Das cores dos hidráulicos ladrilhos, dos quais um brasileiro jamais se cansa. Fica assim, emocionado, feito criança, totalmente dominado pela dor da saudade. Recorda da época em que eras jovem de idade, e abre os pergaminhos das velhas rimas. Assim é que no céu beija uma menina, que ajusta uma saia sem ter anágua. Com a mãe ela discorre sobre um futuro de corridas águas, os muros adornados, causados em atração. É assim que estende o português a mão, e que esse hábito alegre não se perca. Para que te venham todos que adoeçam, e aqui encontrem a resposta de tua generosidade. Pois são mais célebres os quadros na tua cidade, têm aço mais forte o braço de tuas estátuas. Tem gosto eterno tua chama de curvas fátuas, e os romanos ainda precisam rezar... Mas Portugal despertou cedo, já, e pode dedicar-se às mulheres e às coisas. De peito aberto, à Pátria e à ordem das loiras ações que os homens precisam imaginar. Aos olhos sagrados que sóem dirigir-se a algum lugar. Até que as tuas pernas fiquem doídas. Até que as batidas do coração fiquem doidas. Lidera o tempo, Portugal, ergue tuas noivas! As coroas que impuseste, as canções que inventaste! Avenças e preces que a um rei jamais bastassem! E na ponta do Tejo, pendura o orgulho de tuas medalhas. Convite aos povos e aos alanos amantes das falhas, a serem cuidadas, corrigidas, curadas... Que em Alenquer se combata, com nomes, tiranos invasores de moradas... Ah! Portugal. Tens poucas muralhas e muitos escudos. Brasões no cais, nas ilhas, nos castelos mudos. Avisa-nos que não é preciso correr. Conta que antes é preciso conversar por quê. E extrai de muitas seivas o néctar dos frutos maduros. Teus filhos querem o que é bom e puro. Ensinaste assim! O que é bom pra ti, é bom também para mim. Sigamos mais lusos, e o mundo jamais terá fim. E como dominaste o mar? Fizeste a paz consigo? É dentro que mora o adversário, o amor e o meu amigo? Isso também me disseram os jacarandás. É primavera, discorrem eloquentes as árvores com o anil do ar. Elas não permanecem porque resistiram às dores. Elas aqui crescem porque escolheram viver de teus amores. No Porto celebram, em Sintra brindam. Em Coimbra elas estudam como os males sempre findam. O abeto cresce na quinta, o trevo brota na sexta. No vale teus lírios falam, o linho nos veste a mesa. Toma a tua cornucópia, matéria lusa, é um gosto te ver produzir. A massa e o mosto são luvas das mãos que tecem guipir. Reúnam as senhoras, escolham o broche da minha lapela. Quero o beijo apaixonado dos teus casais

senis. Mátria lusa, banha-me em cravo, canela e anis. Recobre à noite o corpo com um manto de calda doce. Se algo não foi, é porque não convinha que fosse. Vestida por vasos, os loucos creem dominar a água. Mas o luso é que é sábio, atira-se ao mar, atreve-se à frágua. Não porque seja um incauto, desprovido ou suicida. Mas pela nau vultosa, de velas brancas bem construída! Cisnes lusos flutuam em nada menos que um oceano. Sem demora alcançam continentes e sabedoria de ser humano. Seu trajeto é re-dito, o mesmo Tejo corre no seu leito. As margens comemoram que as feras desistiram de teu curso perfeito. E a tempestade é bem-vinda à coesão do corpo, o raio convida a construir a casa. Se os portugueses navegam no oceano, é porque um albatroz abrirá suas alas! E algo imenso será lembrado, nesta terra visitarão as lágrimas que na missa escorreram, a velocidade do andorinhão. A luz instantânea que abriu meus olhos e despertou a essência. O sol da manhã delicado que nos pediu paciência. Vestiu as nuvens de formas, deu às horas um significado. Portugal temperou e águas mornas deixaram meus dedos curados. E chama ao novo. E junta o povo. A carestia é de Deus o condão. Para tirar muitos fios de um único ovo, para ser feliz de antemão. Coragem e jeito as pernas da vontade lusitana. Dói meu coração no peito, minha Pátria brasileira chama. Eu vou. Mas eu vou direito. Portugal me ensinou que me ama. Origem e destino, nave e abrigo. Porto de um barco inteiro. Soldo da minha alfama. Livro que escreve consigo.

(Publicado na coluna mensal “Terra à vista”, no portal Observatório da Comunicação Institucional - OCI, em 30/07/2018).

PRATARIAS FLORESCEM

UMA alma de prata eu queria
duas asas de ouro bem celestes
plumas brancas para usar de dia
e a escuridão que a noite veste.

Assim nenhum ódio me riscaria
a distância já não seria um teste
e o sol refulgiria alvo ao leste
conforme o seu trajeto cria.

Uma alma de prata vadia
pronta para cavalgar o que me deste
plantação de flores e suas fantasias
sob a orbe desde a altura do cipreste.

Duas asas de ouro, eu também dizia
para voar no teu idílio árido e agreste
supondo ser aquilo que me impuseste
uma triste sina de anomalia.

Plumas brancas e negras confrarias
pra duvidar do que soa tão inconteste
pois ao longo de uma vida de alquimia
se transforma em alegria o que eu deteste.

Os lírios e os hibiscos crescem sem agonia
a passionária e o jasmim que não quiseste
mais as callas e helicônias que não me deste
com as orquídeas e os antúrios em maioria.

A NATUREZA EGOÍSTA DE UMA MÃE

Ah, teus olhos brilham,
Menina linda,
Menina estrela.
Brilham como esferas perfumadas do espaço vindas,
neles há pó de ouro, faísca da água, universo em parcela.
Por um segundo neles dou minha vida.
E dou novamente, e uma vez mais em seguida.
Eles me observam tão vívidos,
dentro um turbilhão implacável.
Giram uma roda silenciosamente improrrogável
de vida com riso e estalos de flores.
Meninas correndo,
correndo e brincando
para esquecer de algumas dores.

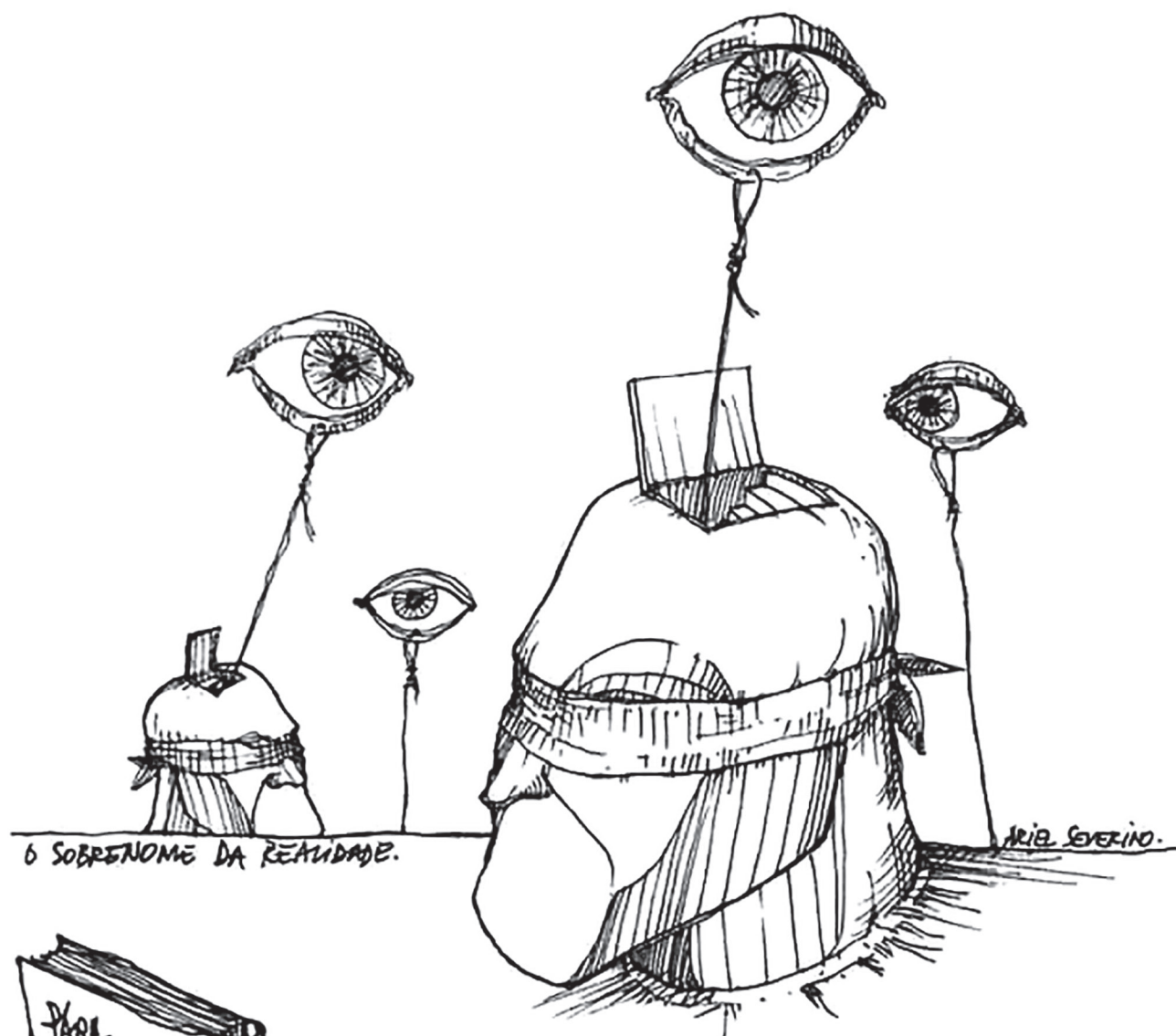
Virá o tempo em que as dores
não serão esquecidas.
Companheiras permanentes
de doces vidas vividas.
Mesmo assim,
doloridas,
quererás todas elas para si.
As lágrimas escorrerão,
mas mesmo assim não serão suficientes
para que nenhuma outra sobre no mundo;
para que os filhos corram e brinquem.

Eu as guardo todas no lago fundo
onde se escondem as dores feito peixes,
tímidas se alguém se aproxima
que não seja para alimentá-las.
As dores, minhas melhores amigas de sempre...
Elas jamais me abandonam.

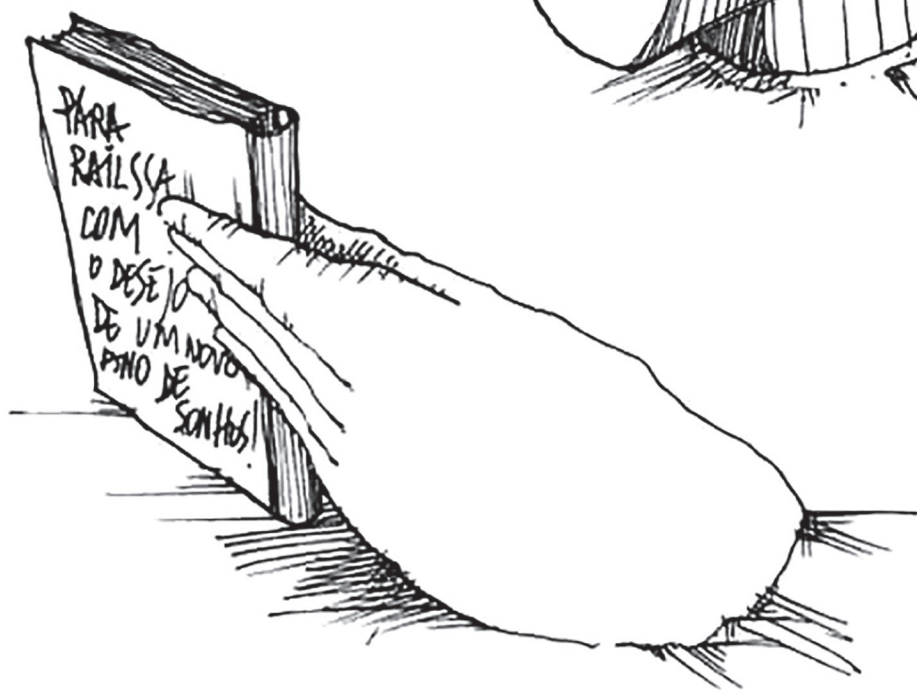
Corre e brinca,

minha Menina linda,
pois tens pó de ouro, faísca de água, universo em parcela,
implacável e improrrogável,
girando uma roda com riso e estalos de flores:
porque assim me fazes feliz.

Pois no fim dos anos todos nós indagaremos:
quanto tempo mais eu poderia correr e brincar?
Quanto eu daria por um segundo a mais
ao lado de quem, egoísta, guardava todas as lágrimas?



O SOBRENOME DA REALIDADE.



O SOBRENOME DA REALIDADE

DE QUE é feito o sonho?

Matéria e guardião da alma,
estalido raro de aspiração do incerto,
o vaso que colheu água de nuvem:
o sonho é o sobrenome da realidade.

A gente ri e sonha
nos sendeiros da memória côncava
escorregam nas linhas o pensamento
surgido entre o sono e o dia.

Compõem gesto livre de algo que foi melhor
sonhado que vivido.
Juntam-se os muitos sonhos da gente
como nuvem nua, aos poucos alongados
na linha do horizonte do crepúsculo.

De um sonho vejo de cima, do alto,
como a vida é feita de terra.

A gente sonha e quer que eu diga
qual é o sonho deles.
Sob as pálpebras palpitam os olhos,
suspeitando partes do que viram antes
e se acontecerá, não se sabe.
Mas pouco importa, porque
a linha do sonho escapa,
aceno tímido de um portal
para a realidade vestida com os próprios olhos.

A gente tinha um sonho
e então cada um enxerga
o seu amor dos anos,
a fragrância da primeira viagem sozinho,
se movendo dono de si e atrás do mundo.

A voz estranha que apareceu numa conversa
de primavera entre a espera e o fôlego.
As palavras que vieram organizadas
conforme aguardávamos,
mas não atingíamos.

Ficou para trás, o sonho?
Desfez em água de chuva?
Mas eu colhi a água da chuva
em meu vaso,
para ela evaporar mais uma vez
e formar com o sonho dos outros
de novo a nuvem.

Sigamos a instrução da alma,
deixemos correr nela
todo estado de astúcia
com que os sonhos
adoçam as palavras
e curam os olhos.

Venham os sonhos que
sem método algum
removem pedras,
a sua fórmula secreta
com que sagram os dias,
venham os sonhos da gente
desarmar desânimos
e fazer de nós um esplêndido espólio.

VINICIUS BATE À MINHA PORTA

HÁ UM Vinicius batendo à minha porta.
Ele toca a campainha diversas vezes
Conta com sinceridade padecidos revezes
Com que arrastou sangue bom a sua aorta.
Eu o escuto, bem atenta, encostada à porta
Todas as malogradas e tantas vezes
Com que as mulheres lhe impuseram revezes
E lhe impediram de ter paz com a aorta.
Há um Vinicius batendo à minha porta
Ele diz que tocará a campainha suficientes vezes
Até que a esperança cure os seus feridos revezes
E lhe revenha a inesquecível pulsão de aorta.
Eu o escuto, pensativa, atrás da porta
Divinhando que o escutarei muitas mais vezes
Que aquelas em que me dirá dos seus revezes
Que aquelas em que terá o que quer na aorta.
Há um Vinicius, ele parou de bater na porta
Agora passou a batucar samba algumas vezes
Creio já não lembra mais dos seus revezes
E pensativo indaga como está minha aorta.
Há um Vinicius, eu celebro, à minha porta
Nem todo homem se contentará com poucas vezes
Em que mulher lhe cure dos combalidos revezes
E irá atrás de alguma outra que lhe dê na aorta.
Há um Vinicius e que beleza que é esta porta
À qual batem os homens nas raras vezes
Em que precisam alguém ouça de seus revezes
E reanimem o dom de sentir da mulher a aorta.
Vai, Vinicius, segue batucando à minha porta
Eu batucarei de volta talvez algumas vezes
Para que o número de lástimas que deram em revezes
Não supere jamais o das batidas de nossa aorta.

A MENINA E O MALANDRO

(Outubro de 2015)

Uns poemas sem jeito...

O MALANDRO

SOB AS vestes alvas impecáveis,
estende-se a gravata azul-marinho
pipocada de florzinhas *pinks*.
Ele faz tudo direitinho.
Ele é um homem responsável,
é doutor em português
ele abre cérebros e é ágil,
é o príncipe da sensatez.
Ele fez muitos anos de análise.
Ele já teve muita mulher.
Já me dispensou várias vezes
dispensa sempre que me quer.
É o malandro.
O malandro é que é o meu herói.
Ele é responsável! Ágil!
Só ele sabe o quanto o amor dói.
O malandro sabe dançar.
O malandro sabe esconder.
O malandro te pede desculpas
mesmo sem saber por quê.

EU SÓ QUERO SER MULHER

NÃO QUERO ser homem.

Quero só ser mulher.

Não quero seu sobrenome.

Venha apenas se der.

Quero fazer comida e rir à toa.

Quero que me diga: você está boa.

Quero ir fazer compras.

E pensar: “não posso gastar”.

“Mas não tem tanto problema,

não tem tanto problema se eu errar».

Não quero ser homem.

Quero só ser mulher.

Quero pensar: “seu inútil!”

Inúmeras vezes.

Atribuir a você

todos e quaisquer revezes.

e me arrepender.

Com sexo.

Afinal, não sou homem.

Posso ser contraditória o quanto quiser.

Eu não quero ser homem.

Eu só quero ser mulher.

Eu não quero total autonomia:

independente nem o homem,

nem o homem que é homem, é!

Mas não quero vida insone

sem problemas, não sou homem

afinal, eu sou mulher.

O AMOR É PARA OS COMUNS

DIZEM que o amor bate na porta
das almas puras de açucena
da mulher que é quase triste
que se insiste em ser pequena.

Dizem que o amor às vezes explode
mesmo na pele velha e serena
que não esconde nem escolhe
só a mulher que vale a pena.

Dizem que o amor é bem difícil
outros dizem: brincadeira.
Outros ficam esperando
por ele a vida inteira.

Mas meu amor vem comigo
não fica em lugar nenhum
me pede pra sempre este abrigo
no peito de uma mulher comum.

NÃO SOU FEMINISTA, SOU FEMININA

NÃO SOU feminista, sou feminina
de religião já estou satisfeita
sou mulher que aguarda o homem
inclinar-se a beijar minha mão direita.

Não sou feminista, sou feminina
não gosto de correr, competir, nem brigar
fico à beira da minha janela,
para ler, conversar e namorar.

Não sou feminista, sou feminina
não me calo quando mexem em criança
me ajoelho e a aperto em meu seio
e me alarmo se alguém mede essa aventura.

Não sou feminista, sou feminina
sempre ralho em busca por ajuda
e, se ainda assim, eu sou violada
fico calada, longos dias, fico muda.

Mas o mundo não é mais das mulheres
femininas, nem adivinha o que elas querem
e se elas falam alto, diz que são feministas...
Mas neste caso, apenas falei alto
porque onde há estas mulheres,
há crianças e não só conquistas.

A OBRIGAÇÃO DE SER FELIZ

SORRIA, arlequim malandro
eu mando
todos devem portar-se dignamente
prestimosos, impávidos, estéticos sorridentes.

Sorria não porque foi suave a minha mão
sorria antes que eu te queira
sorria não porque eu te tenho paixão
sorria, não. Nem se minha boca é sorrateira.
Sorria, não. Mesmo se o meu amor é mais
que o que tiveste a vida inteira.
Sorria, não.

Arlequim malandro,
eu mando
ignoraste todo o meu carinho.
Não foste comigo criança:
não te entregaste sozinho.
Então sorria, não.

Erga os lábios, abra os dentes
mostre-se pra todos sorridente
cheio de ânimo evidente
por triste obrigação de ser feliz.
Empine mais um pouco
o seu nariz.

Enxugarei então sua lágrima
te direi, já são, estou ávida
para que, se despojando dessa máscara branca
Eu me veja nos seus olhos verdes.
Até que eu veja, nos seus olhos verdes-azulados,
a chama franca dos desejos resignados.

MULHER É BICHO, MALANDRO É DE NADA

MULHER é bicho crente
mulher é cética
mulher é diferente
mulher, frase poética.

Malandro, bicho mau
malandro, seu sobejo
malandro, esse animal
malandro é só desejo.

Mulher pode ser frágil
e ainda assim, te ignorar.
Opa! É quando pede o Malandro
para a mulher ser o seu par.

Dança menina, dança malandro
dedo no queixo, me elogia o meandro
gosto que alegre me faça presepe,
deixe-me serelepe!
Mandrião diligente, mandão indolente,
malandro.

VIDA PLENA

SUBI em cima do mar,
respirei o meu dilema
sem conseguir ser mais triste:
vida plena.

Sereia de âmbar me viste
morena
voa se dão um palpite
serena.

Dias alegres, clareados
banhos sozinhos, molhados
três futuros providenciados
no brilho estalado de um pouco d'água.
De resto não sei, só te vi
atijando tua própria frágua.

Sereia de âmbar me viste
morena
voa se dão um palpite
serena.

Fui e voltei até ali
na madrugada
humor desfeito,
satisfeito,
sem pincelada.
Só eu que amanheci
na bela enseada
só eu me compadeci
da manada.
Só eu que agradei
sem ter nada.

Sereia de âmbar, me viste?
Morena.
Voa se dão um palpite?
Serena.

VERSO DE BALANGANDÃ

SÓ FAÇO verso de balangan-dã
só faço verso de bunda-lê-lê
entoo rima depois de amanhã
que hoje-agora quero amar você
Homero e Ovídio depois de amanhã
que hoje eu canto sem saber por quê.

No futebol, na minha cerpa
estou ou não estou certa?
Não tem jornal pra gente ler.
A contingência nos cerca
eu eu não sei saber por quê.
Então eu só faço verso de balangan-dã
que hoje-agora vou amar você.

Só faço verso de balangan-dã
que amanhã eu vou pra Iaundê.

AQUELE VINTE DE OUTUBRO

VINTE de outubro. Dia do meu Muso, Vinicius.
O eterno namorado de toda mulher apaixonada.
Quem dera me viesse sua poesia. Melodiada.
Quem dera eu fosse boa, boa o suficiente,
para fazer poema pra Vinicius, um poema que entala na gente.
Quem dera me viessem palavras, e não os termos de antemão;
palavras que fossem vindas de uma profunda paixão.
Mas Vinicius, sou de hoje. Nasci tanto depois!
Sem encontro, só receios, sem os beijos de nós dois.

A bênção, Poeta!

REFORMA ORTOGRÁFICA

BIING!

Toca o ringue!

Lançam-se os poetas!

Vem o poeta, toca o poeta!

Esquerda-direita,

lance válido, beija a perna esquerda,

esquálido, esquentar, esquisito de esgueio!

Esguia nada, luta, poeta, luta!

Biiiiing!

Descansa, poeta.

Biiiiing!

De peito, convexa, exordial increpatória, ao ergástulo público!

Sangue! Morte! Clube do suicídio de Stevenson, Clube da Sedução de Fortunas, no baculejo da ordem pública de despejo, desejo, solfejo, banheiro!

Banheeeiro legal, epíteto literário, erário dos poetas!

Biiing.

Descansa, poeta.

Terceiro *round*!

Lançam-se presunçosos os marmanjos de barbas postiças e saias rosadas surrexit, a mulher por cima valendo quase nada, tomei um pontapé pontiagudo mimetizado em ternas águas límpidas, bebendo a menudo, debaixo da briga de rimas hai-kai!

Minh'alma capenga, oh, minh'alma capenga, de verso ferida!

Os poetas, bêbados, feridos emasculados. Mixórdia, rebuliço, pauliceia desvairada. Que mulher, que nada! Pandemônio lusíada, se ideia é acentuada!

CANSEI DE ESCREVER BONITO

CANSEI um pouquinho
cansei de andar [sem ver].
Vou devagarinho
cansei de amar [você].

Fiz muito carinho,
dei sorriso doce
foi tanto beijinho
antes que eu me fosse!
Que já nem meu lábio sinto
foi tanto abraço,
que sou só cansaço,
meu fogo tá extinto.

Passou um minuto.
Já descansei.
Vem mais, seu astuto,
ainda tem tudo
que eu ainda sei.

No amor descansei
meus olhos fatigados
nele recordarei
os momentos sagrados,
o tempo a ventilar
Mágoas tristes
que me alimentam.
O tempo a circular
novos medos
que atormentam
dizendo que vão nos deixar.

No amor me deparei,
com mais um pouco
de cansei,
de cansei querer jamais.
De amor não me fartei,
se eu apenas me cansei,
é porque quero amar demais.

A MAIS-VALIA DA PALAVRA

MONTAIGNE assim nos dizia:
metade de cada palavra é de quem fala
metade de quem a ouve.
Será a palavra moeda da idade?
Será o poeta o autor que houve?
Marxismos da cidade,
quanta falta de alegria!
A renda ferozmente disputada,
por jornalistas convencidos da própria hipocrisia.
Suas palavras não me valem de nada
sem o gesto de uma poesia.
Palavras alternas e calculadas
fustigam meu corpo de azia.
Mas olhe lá. Ouço a música apurada
de São Sebastião e Santa Luzia!
Ouço o seu coração de transeunte
que deslumbrado, se arrependia...
Vejo seu corpo nu e iluminado
cantando pautas em harmonia.

NA VIDA A GENTE SEMPRE PRECISA DE ALGUÉM

NESTA vida em torvelinho, tafulinha, verdadeira
pra deixar de ser triste, deve-se levar por inteira.
Álacre sueto, em que me meto,
antes de nascer, prometo ter morrido!
Solipso soneto, em tudo presente,
inclusive em meu ser decorrido.
Quando eu te vi, éramos um, éramos dois?
Éramos ápices, dois íntimos,
desde o início e após o depois?
Solilóquio infinito, um amor tão bonito,
vermelha, admito, perfeita me pôs.
Minha dor em peito aflito, rumou a um veredito:
em novo tempo, de novo eu tenho o alento, talento que me foi.
Subo em nenhuma espiral de contento,
jogo-me ao vento, entrego-me, pois!
Venha o amor, seu bendito sustento,
quando é nítido o meu pensamento,
do que sou, do que és, do que sois.

PUDERA TER SIDO INFINITO

O QUE poderia ter sido e que não foi,
que ainda não pode ser?
Só o que não foi que não poderia ter sido,
o que não se pôde, por não se saber.
E o que pode deixar de não ter sido,
sendo que ido, passou-se a saber?
Melhor ainda ter sabido, pois perdido,
vem a vontade de se querer.

Vontade no peito contido,
um gosto escondido,
de não ter podido,
por não se saber.
Querer ter sido,
mas aturdido,
antes que ido,
pudesse ser.

O que poderia ter sido,
que ainda não pode ser?
Só a morte e o peito ferido,
crer inútil o sincero sentido
e de amor não se perder.
O que não pôde ter sido
confesse, é em muito devido
Simplesmente a não se querer.
Mas melhor é o fator revivido
Remoído tantas vezes, até se ter.
Pudera eu ter te dito,
que um homem bonito
jamais deve se abster.
Mas o que pode não ter se dito,
que não se possa ainda dizer?

O JEITO INÚTIL DA BORBOLETA

POUSEI na flor de cravina
no bolso bem quadriculado
e desexaltado gritaste-me: bicho!
Voei um pouco pra cima
de um jeito mais delicado.

Pousei na sua batina
de beijo desinclinado
e desinibido, gritaste-me: fada!
Suguei da fruta de rima
seu caldo açúcarado.

Dormi no teto bem fina
com asas viradas de lado.
E desenganado, gritaste-me: inseto!
Devagar abanei bailarina
um efeito no mundo integrado.

Em flor suspirei feminina
percorrer meu trajeto ao seu lado
sonhei que um nada ilumina
o campo de si já enjoado.
E adivinhando, gritaste: borboleta!

O VESTIDO ESVOAÇANTE

O VESTIDO esvoaçante,
tão decotado,
tão elegante.

O vestido esvoaçante,
transparente,
de brocados cintilante.

O vestido balouçante,
colorido e estampado
de histórias e segredos,
De memórias encantado.

O vestido de renda, plissado,
o vestido que se usa dos dois lados,
d'alençon e de sair.

Na altura do joelho esticado,
vestido curto, longo e midí.

O vestido que tem um zíper,
fácil, fácil de correr.

O vestido que eu usei
pela primeira vez em que fomos nos ver.

No vestido envelope,
dentro havia uma carta.
A mensagem eu lhe dizia:
não quero que jamais parta.

Era de veludo e vermelho,
bem justo, o vestido tubinho.
Eu lhe dizia, de joelhos:
eu só quero o seu carinho.

Num florido, alvo e branco
deu-me a mão num solavanco,
tropecei num não-sei-quê.
Segurando com cuidado,
no meu corpo inclinado,
disse: eu gosto de você.

O AMOR É DE GRAÇA

O AMOR eu dei,
de braços tristes,
o amor existe,
em banco de praça.

Eram lívidos desejos,
os nossos beijos,
tão ternos, simples
dados de graça.

Não tinha anel,
não tinha xequê.
Não tinha prece
de pagamento
os sentimentos
eram por dentro
se a melodia
me era escassa.

Hoje apenas vejo
meros distantes bocejos
e assim seguindo,
o olho embaça.

Inclinei-me sobre o ouvido,
recordei o teu bramido,
tudo o mais já está perdido!
Só me beija e me abraça.

Se tanta coisa te dei,
serei louca? Não sei.
Só sou de graça.

POBRE DE UMA ARLEQUINA, QUE SÓ SABE AMAR

POBRE de mim, tão molenga, tão meijengra
Se sou meiga, sou pudenda...
Em seus olhos, em apenas seus olhos, eu ficarei feliz
ficarei joliz, álares e patusca,
Em seus olhos meu amor por ti chamusca.
Chamusca labaredas de paixão platônica!
Meu coração dispara, é um misantropo que me faz febril e atônita.
chamusca o meu rosto, de rubor inesperado
Quando o vejo enfrentar-me, todo de si entusiasmado.
Faremos amor ao pé da lua, onde as estrelas brilham até depois de amanhã
grave e prantiva, não lhe serei mais.
faremos amor até o lindo *lendemain*.

A SUPERIORIDADE DAS MULHERES

EM RELAÇÃO à superioridade dos homens
as mulheres são em muito superiores.
Elas não procuram ser descobertas
quando têm segredos e amores.
As mulheres não fazem despertadas
disputas com dez dissabores.

Em relação à masculinidade dos homens
as mulheres são em muito mais femininas
elas não trocam algo que é líquido e certo
por suaves mãos de concubinas.
E depois do exílio, mulheres por certo
não vivem com medo de ter mesma sina.

As mulheres não matam seus parceiros
e as raridades não são mais do que meninas.

Portanto, as mulheres que mandam
o peito dos homens as acolher.
As mulheres que mandam,
aos homens que somem,
apareçam pra pelo menos comer.
As mulheres que mandam,
que cabe aos homens
ser dignos e não esmorecer.
As mulheres que mandam:
são deles o mundo, os sonhos, os nomes
e os gestos incríveis de amar e se crer.

FARTA DOS MONÓLOGOS

Ó TRAGÉDIA, a que todos os remédios do mundo não serão suficientes!
Ó comédia, de que o riso mais profundo nos torna dementes!
Ó tragifarsa, das reclamações senis, sem canções que apascentem corações tão hostis!
Ó monólogo detestável, em que tudo que se transmite é indesejável!
Em que o bom e novo agouro é pra sempre indefensável!
Não é o espírito pequeno, dos homens de veneno, preso a coisas comezinhas;
é o súbito sereno, automático escaleno, em que me meto sozinha!
É o nada que eu ordeno, a notícia que eu empeno, com inútil força minha!
Sem histórias frescas, novas, sem memórias numa trova,
segue o internauta náufrago em sua nevralgia aos nervos!
Sigo eu na mesma prosa, sem progresso, sem ter prova,
em monólogos minúsculos mendigamos como servos!

O AMOR É UM CLÁSSICO

MEUS VERSOS são clássicos, pois o clássico é prudente
ao entregar-se em decassílabos, permanentemente.
Não tanto, não muito ajeitados: como cabelos ao vento
que soprei no seu rosto delicado. Ao relento...

Os versos são clássicos, não porque sejam imutáveis.
Eles são assim porque têm sentimentos desejáveis
que não podem ser postergados por nem mais um minuto!
Que não podem ser ocultados, num frágil qualquer tributo.

O amor é algo clássico, independente do que é o certo.
Não existe nada mais plácido, surpreende num único verso
que inexplicavelmente surge do nada
pairou na mente que algo fora de si buscava
o amor, esse tênue entusiasmo de emboscada.

POEMA DE SÁBADO

FOI o segredo, foi o meu seio?
Ou foi um canto de liberdade?
Foram os meus olhos satisfeitos
de ver nos teus só bondade?

Que foi que eu te fiz direito,
foi gostar de ti de verdade?
Eu te digo, que no meu feito
não há, de outro homem, vontade
só quero te ver satisfeito,
ter no amor a felicidade.

Só te quero ver satisfeito
de acabar com a minha saudade.
Deslizar minhas mãos no teu peito
e sentir teu sorriso até tarde.
Ver de novo, teu corpo perfeito
alegrar a minha triste cidade.

Sacrifícios desnecessários

(Outubro de 2016)

Aos poetas

CARREGO TODAS AS TRISTEZAS

CARREGO todas as tristezas do mundo
as existentes, as desaparecidas
aquelas que latejam atrás na nuca
aquelas que parecem ter dado uma arrefecida.

Carrego a tristeza do meu filho,
que chorou já faz tanto tempo
mas eu me lembro do dia,
e ainda me dói por dentro.

Carrego a dor do tempo,
a dor de ter mais afazeres
que a mão pode se vencilhar.

Eu carrego o perdido momento
aquele em que eu pensei demais,
valor da paz em vacilar.

Vacilei, carreguei e me prostrei
aos pés de um Deus que me falou na nuvem
no pôr-do-sol amarelo e de cor ferrugem
enquanto eu dirigia a cada estrada...
Eu sussurrei ao pé do ouvido
de Deus, Maria e Jesus, toda madrugada.

Mas virão as palavras no futuro,
as que encontrei no caminho, que estavam perdidas
celebrarão neste espaço as lágrimas bem escondidas
Vou virar as páginas com as costas da minha mão,
da pluma descritiva terá acabado a tinta...
Restarão então estes lençóis,
a ser dobrados por quem sinta.

MERITOFAGIA

CADA UM nasce igual ao outro
mesmo sexo, mesma cor
todos são iguais na sociedade
o que importa é o valor interior.

Se alguém enfrenta a fronde,
oras, trabalhe a mais n'alçada
se há mais muros e menos pontes,
peça carona e insista na estrada.

E finalmente, muito elegantes
serão os méritos medidos pela devora,
pelo número de leitos arrefecidos

e o de papéis escondidos na demora.
Pois mais vale no inferno o mérito ofegante
de quem aporta ao mundo talentos falecidos,

que sair do inverno de extirpar amores falidos.
Bem assentados estão os discursos generalizantes.
Estará em voga, ter o mérito de ser ignorante?

VISITA DA MANHÃ

HOJE de manhã, a manhã veio me visitar
estendeu um tecido macio de folhas
sob os pés no chão de brincar
cobriu a calçada dura, bem grossa de cimento.
Soprou nas árvores, das amuras levantou momento.
Levou minha saia e o barco do lar
com nós lisos de barlavento.

A manhã veio mesmo que eu não quisesse
como o verso ressona escondido no alto da mesma prece
oscitando flores, folhas, vento.
A manhã veio para me dizer
que hoje é outro dia, outro lugar, outro tempo.

EU, MURO, SEI O QUE SOU

NO CORAÇÃO lateja o peito,
então há esperança
e se vive em busca da sorte,
de preservar a lembrança
a gente celebra a efêmera morte
com memória de melancolia
pela justiça que será feita
algum dia.
Nos olhos daquele brilha uma água
e o sangue sobe no rosto
é o passado da glória e
da história de um desgosto
sobreviveu livre a alma
ao prepósteros apostos.
Neste muro adsorveram as lágrimas,
elas suaram com toque da chuva
nesta pedra entoaram as chagas
e choraram as viúvas mudas.
Aqui me roçaram os cortes profundos
aqui neste muro ouvi tantos hinos...
Ouvi o choro do corpo no mundo,
das sações fortes, dos pequeninos.
Pesadas, razões se perderam
deixadas, viraram lamentos
foram o prêmio dos que creram
que na vida haverá outro momento.

Assim nomearam esperança,
de esperança fizeram promessa
de que basta a voz do pranto
para curar as feridas tão depressa.
Mas veio você colar-me escrituras
não aquelas escritas com pena forte,
as de certificados de alma dura
as de quem barganha até o norte
as de empáfia vestida de cultura.
Veio você pregar neste muro
um cartaz de expropriedade
discutindo e arguindo sobre a posse
de uma prece que é dita de verdade.
Mas não preciso de você,
nem da sua aprovação
para saber do que eu sinto,
para te dizer não.
Não preciso do seu quinto
para erguer-me no instinto
de que um dia apoiará em mim sua mão.
Eu que sou muro, sei o que sou
sou rebarba de sonho no escuro
eu sou aquilo de tudo que restou.
Eu sou só um muro, e estou aqui,
sem mais vintém
eu sou apenas um pobre muro,
dizendo que não há nada além.
Eu sou muro, simples muro
que sobrou em Jerusalém.

A ESCARCHA DO DIAMANTE AZUL

COMO É QUE PODE não saber a sua solidão que é minha?
Como é que pode abandonar a quente tez do toque,
a serenata diuturna da espera dos amantes entorpecidos...
E deixar o calor para nascer e nascer novamente,
vivendo ciclos que erguem e calam.

Como é que pode entender tudo que há na vela,
e dizer que a luz é só esta e que este brilho enfada?
Como dizer que os rios nas bocas mais belas
são distintos e valem o mesmo que nada?

A teia de fio confuso esvai límpida na prosa,
o céu azul escuro sobe do mormaço ao meio-dia,
amordaçadas veias que falam e filam, temerosas,

de dizer tudo que o sopro resiste e cria.
O mesmo tom triste que ecoa vestes ázimas,
as ternas mesmices que entornam lágrimas...

Tudo isso que ao tempo se mostra e resiste,
mais o espelho agitado que reflete as ondas no sol
são a escarcha crespa e doce que resta ao fundo de cada taça,
do qual apenas seu dedo e lábios poderão resgatar o gosto.

INTEIRA

NÃO RECUSO as partes boas, nem as ruins
é inteira e com mão verdadeira que me faço em mim.
Não escondo a parte ferida nem a que voa
é sendo com tudo que há que existe a pessoa.

E melhor não ceder à razão quando ela não me belisca
mais suave é a instantânea arte que me pisca
em momentos rotatórios, súbitos e intermitentes
fogem e ressurgem quando a seta toca na gente.

Melhor não saber se é de aço ou de flor minha fé.
Melhor é me dizer e acredite quem bem quiser.
Tão bom é ser livre e viver partida numa boa
sem moral pra acirrar com quem viveu à toa.

Sem o juízo do outro, pretextos, condenações
vejo um caminho que cura bem decepções
feito de verdade e razão, de arte e de sé
nele anda a cultura e a palma por dentro a pé.

Não recuso as partes boas, até uso as partes ruins
é inteira, ainda que eu não queira, que me faço em mim.

SOBRE A FUNÇÃO DE UMA ESTRELA NO CÉU

QUAL é a função de uma estrela?
é girar, girar e girar
para os homens todos na terra
acharem que são o centro do próprio ar.

A função de uma estrela
também é dizer o quanto o tempo é infinito
que o momento de dizer eu te amo
é aquele em que for mais bonito.

A função de uma estrela
é inspirar o sonho da criança
é fazer que seu desejo pulse
e alimentar nela a esperança.

A função de uma estrela
é dizer que o universo existe
e a lágrima, o plano e a ideia
Serão sempre sensível palpíte.

Qual é a função de uma estrela?
é brilhar na abóbada azul-marinho
é dizer a uma menina
que no mundo ninguém está sozinho.

O QUE SIGNIFICA AMAR

AMA quem suspirou de dia;
e passou uma ou outra noite em claro.
Ama quem se lembra mais das alegrias
e coleciona memórias de cada momento raro.

São as esperas no silêncio infindável,
que respeitoso aguarda e guarda a distância,
até que o amor espesso finalmente fale.
Mas também é a certeza de que tudo é postergável,
menos dele ter ânsia,
para que nenhum gesto de lindo amor jamais se cale.

É um molejo, amar se ama num solfejo
da música invisível que só o coração toca
em refrão que de tão repetido se fez repartido
com um mundo inteiro de santos que se invoca.

É o carinho que torna o amor tão necessário,
o caminho constante de quem se confessa;
com o ar gasoso e volúvel ele contrasta
de quem abandonou sozinho o amor numa promessa;
posto que quem ama sofre junto,
e tanto mais se é miserável,
quanto se está longe do seu imenso amor amado.

Ama quem prefere falar de falhas e medos
e denunciar todos seus pontos fracos
a ser um conquistador, daqueles bem baratos
porque apenas quem ama entende dos enredos
que a dor de ter vivido um prévio amor
faz contar em complexos fatos...
Apenas, tão somente apenas
para que seu único amor possa dizer os nexos,
para que o seu grande amor possa lhe curar.

Ama quem sabe que uma pessoa pode ter muitas,
muitas idiossincrasias, circunstâncias, situações
ama quem busca estar em sintonia
e frente a uma triste súplica
concede bem rápido mais do que mil perdões;
porque quem ama sabe
o quanto amar já é ruim.
Ama quem quer um único amor
um único amor apenas para mim.

Ama quem é poeta verdadeiro
e mesmo sem palavras,
doa-se por inteiro
o corpo, a mente, a saúde e até o estio...
Ama quem dá o primeiro passo
para buscar do outro o abraço
diante de um imenso intervalo vazio.

Ama quem repete os versos,
mesmo depois do amor ter se partido
ama quem cria tantos inversos
para que de novo amar faça sentido.

A VERDADE SE ESCRIVE A LÁPIS

DÊ-ME um lápis.
escreverei a verdade
pois a verdade humana se escreve
no movimento em branco da realidade.
E se alguém apagar,
escreverei de novo
Nosso Senhor também escreveu na areia
porque a verdade muitas vezes é um estorvo.
Há Verdade inscrita na pedra
e a guardada nos corações dos homens
ela não precisa ser o início de uma nova era,
nem o fim que iniquidades consomem.
Dê-me um, dois, três lápis
e assim vamos recomeçar nosso sestro
Com a mão cheia de verdadeiro estro
esboçarei da vida um novo ápice.

POEMA DE ACÁCIAS⁸

“SE FORES como eu quero,
quem sabe eu te amarei;
se não puderes, não espero
e incomodando ponho-te sob a lei.

Se fizeres isto ou aquilo,
quem sabe possa cumprir a promessa?
E se o mar estiver intranquilo
culparei tua ideia, tua excessiva pressa.”

É, em outras palavras, o que me dizes.

Mas dentro da arca de ouro, de pedra e de madeira
não constam oferendas a sórdidas padroeiras
das indiferenças fortuitas de quem nunca amou

não constam preços, modos ou talhadeiras
a Eterna Palavra não come pelas beiras
nem assa o pão que o diabo amassou.

A paz divina não é de uso, nem tem bandeira:
se apóia em empecilhos e floresce por inteira
é dever n'alma que em brilho levantou o voo.

8 *Madeira com que foi construída a Arca da Aliança.*

AO MEU FILHO JÁ NÃO IMPORTA

NÃO IMPORTA que a distância agrida,
nem a ferida, ou as transgressões
já não importa mais se a nossa vida
será singela, só de boas emoções.

Já não é preciso convencer, nem ser convencido
a verdade dá igual no que é falso e fingido
porque no fundo, já não importa.
Não importa se minha mãe estará viva,
se minha mãe estará viva ou morta.

Se colocarei meus dedos nas pontas douradas,
nas ondas quebradas dos seus cabelos
Eu não sei.
Já não importa se amanhã serei grande,
se terei barba, talvez alguns pelos
Por lei.

Já nada mais importa, tudo já foi consumado
do meu peito já brotou você para sempre ao meu lado
e aonde eu for, se eu for, você estará junto
e como poderei amar mais, eu me pergunto.

Por isso nada mais importa.
Já correu a dor livre pelas comportas
abertas que drenaram meu peito
tanto faz se está certa e eu vi direito
Mamãe, já nos fiz de oferta
e amanhã, de todo jeito
Deus e o homem, quem sabe, se perdoarão.

A PULSEIRA DO BRAÇO DIREITO⁹

O BRAÇO curva as mãos que aquecem,
firma os dedos que folheiam e tecem
e com ele se unem duas palmas em oração
os grãos de areia e de açúcar crescem,
as gotas de orvalho molham por todo o chão.

Não foi a força e a devastação que ganharam,
pois os protestos sem argumentos falham
diante do que foi dito e se rezou em prece.
Foram as lágrimas que resplendem e falam
na face de quem, triste, teve o que não merece.

Braço divino de voz troante,
sustenta o fraco que não é bastante
e socorre quem vive e já está sem vigor!
Quem cheio de súplica frente a arrogantes
prossegue sensível a uma palavra de amor.

Caíam os ombros daquelas costas,
sejam arrancados braços do cotovelo!
Perdeu o curinga que em si aposta,
maior é a canção que se imposta em selo.

E o sol nasceu de novo,
e o braço ergueu o povo,
régia coroa de glória eu gosto.
Não para o lápis com que eu promovo,
mas pelos homens que estão mais dispostos.

9 Braço divino (*Ec* 21, 24; *Sb* 5, 16; *Is* 51, 5; *Is* 63, 5; *Jo* 12, 38; *Salmo* 43, 4; *Sb* 16; *Jó* 31, 22; *Jó* 26, 2; *Jó* 40, 4)

É UMA TAL PROMESSA DE CHUVA EM AGOSTO

ESCREVO versos ao vento.

Aquele moço, que me cumprimentou,
não lê.

E o nobre senhor da gramática,
já me esqueceu.

Eu escrevo versos para o tempo,
ninguém me lê nem jamais leu.

Eu subi no cume mais alto do País.

Gritei: professores, pedreiros, embaixatriz!

E ninguém ouviu.

Foi o som muito tenro, o choro muito fraco?

Talvez viajaram.

Eu chorei meu canto à toa,

mas o que é que eu posso fazer...?

Continuo escrevendo.

O príncipe desterrado não me acenou,
os meus filhos se esqueceram do meu nome,
e é isso: a vida não é mais capaz.

Agora é o verso bendito ao vento,
viajado remédio que me diz romper o tempo,
promessa vindoura sem menos, sem mais.

SONETOS DE VERDADEIRO AFETO

(Setembro de 2016)



*Para todos os heróis
românticos
e seus desafetos.*

*Para os filhos
quando crescem.*

*“E sapei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos”
Camões, Rimas, circa 1595*

*“tantum luminis afferre valeant
quantum longiores meditationes”.
Mensis Eucharisticus, 1737, Bibliotheca Societatis Iesus.*

SONETO I

AMIGO que me fez te ver tão falho
Ah, comigo sei que o vento te trouxe
Para após três tristes cantares de galo
Soprarem os muguets de aroma doce.

Perigo diante do qual ainda me calo
Fiz de ti troça de tudo que fosse
Vergas cruzei, contudo na posse
Deste cais em que esgarçada encalho.

Amigo, que ergue nos olhos cálice
Solidão contou que testes houve;
Teu perdão posso buscar tranquila.

Pois da virtude brotou, agora bem sabe-se
Um carinho teu que à distância se ouve e
Transborda de veia em meu peito a vasilha.

SONETO II

QUANDO chegou a noite calada e vazia
Me envolveu serena teu jeito verdadeiro
Pois amor maior não há que tecer meu dia
Esgotando bons sonhos ao pé do travesseiro.

Sim, a noite era urina, fel e nuvem
Que a brisa amainava com o véu do desterro
Mas de manhã resgataste cada um de meus erros
Rasgando com beijos o gosto de ferrugem.

Na vida é mais sensato o gesto de dar-se
E melhor ainda é ter de quem receba zelo
Embora se apaguem na areia os dias seguintes.

Portanto digo: mais vale a dois enganar-se.
De modo igual e sofrido são os apelos
De quem, sozinho, não viveu do amor requintes.

SONETO III

EM MEU peito, palavras.

Mas só palavras não resolvem a vida

O poeta revolve, produz coisas claras

E assim posterga inflamadas as feridas.

Mas curam o sangue e limpam a alma

Nos contam quais tempos serão amanhã

Não que esteja preparada, sadia e sã

Para gozar as graças de uma maré calma.

Mas quem estará vivo depois de perfeito?

Quem suportaria na carne, na espiral e no espírito

A realização nítida de todos seus desejos?

Apenas inacabados caminhamos direito

E a cada passo nos inveja o pobre Sísifo

Por flores singulares e distintos lampejos.

SONETO IV

UM CERTO pudor desvia-me o olhar de tua face,
Enleado te vê em ares de espaço imenso
Teu reto vigor enseja serenatas de classe,
Que só o poema sabe cantar propenso.

Tudo muda e se desloca, quando movida te fito
O acanhado ambiente brilha qual fosse um palácio
As formosas nascentes sussurram a flor do lácio
Se pondero algo que possa explicar este infinito.

É o semblante verdadeiro, o modesto e o bendito
Corpo de tua voz, que me enleva ao prazer derradeiro
De pensar teus gestos para além desta humilde arte.

E de tão contido em si, me dói teu brio aflito
Pois em me doando a ti por inteiro, receio
Faça um vexame ridículo de minha parte.

SONETO V

AI DE MIM, Amor, não posso amar-te
Não serás meu companheiro em cada momento
É preciso mesmo orando recusar-te
Para encontrar um esposo que me traga alento.

Sai de mim, Amor, teus olhos que veem por dentro
Se fechem e também teu vulto em meus olhos,
Encerrem tuas tentativas de fazer-me monopólio,
Amor, não sou tua, nada além de um pensamento.

Mas os lábios beijam, teu cheiro é fragrância
Pela graça com que te moves dono absoluto
De teu destino destro a ter lugar no mundo.

Mas tuas mãos se revestem de importância
O som eloquente delas respiga e escuto
Trépidas de esvaziar âmagos em teu fundo.

SONETO VI

AMO como se amor já fosse,
Mesmo que ainda não seja
Amo nos momentos doces
E nos tempos de maior tristeza.

Dele tenho muitas saudades,
Do tempo que irei viver ainda
Mas sempre amanhã finda
Tão longe da sua realidade.

Ao menos tivesse coragem!
De ter menor dose de estrela,
Disse de si o que for...

Ao menos fosse a viagem
Um modo apenas de vê-la
E no fim estivesse o amor.

SONETO VII

GOSTO do teu jeito feliz de pobre,
De quem se entrega todo à fé do outro
Devota do tímido medo de ser esnobe,
Do teu sorriso fechado em ouro.

Dourados também são teus olhos,
Quando enxergam minha intenção
E que silhueta uniforme, então!
Vestida em marinho e branco linóleo...

Há um quê de Dantès em Montecristo,
Cuja perseverança o persegue a cada vez
Que se desfia a profundidade da memória.

Sem afrontar moralistas, foges disto,
Por isso teu semblante de sensatez
Convida a uma parte na tua história.

SONETO VIII

EU AMO este amor que é eterna busca,
Inacessível, o que eu tenha de encontrar
Este brilho sensível que jamais ofusca,
Calor recordando a linfa de meu lar.

E se me apareces de repente, e me assustas
Não fiques tenso com minha feição indígena
Estou habituada a transitar invisível, alienígena
E não a ser caça, sem ter causas mais justas.

Deixe-me provocá-lo, mas não me faça correr!
Fique bem parado, diga algo se tem a dizer
Mas também não pareça tão, tão indiferente

A ponto de mostrar que outras ficarão descontentes...
Amigo, deixe-me checar sua alegria e segurança
E se for retribuir, beije-me apenas, como uma criança.

SONETO IX

O SONHO é o mestre do tempo,
E seu princípio contém o fim
Ele cura e sucede por dentro
O epicentro que faz em mim.

Amor, nada disso eu pensava ou queria,
O sofrimento das punições desavisadas
Que ensinam que triunfo no fundo é nada
Pois tão feliz já tudo em nós cabia...

E triste ensinada, lamento o cisma e o sismo
As expectativas criadas pra te fazer pena,
Pra esquecer que à sirte o poder não resiste.

Há tempo! O sonho é a sorte da sisa e do siso
Eis aqui um verso, não é muito, mas é um poema
Da pena de quem foi, tristemente, mais triste.

SONETO X

SEJAMOS servos dos servos,
E encontremos, nós dois, assim
A palavra instantânea do Verbo,
Do sentimento que não tem fim.

Serviçal e sirventesca, refaço a minha morada
Não porque por ti tenha máximo apreço;
Apenas porque só enxergo novos começos,
De um mundo inteiro estou enamorada!

Não da lágrima que está por vir,
Nem do silêncio sem voz nenhuma
Ou da espada de vingar porvir passado.

Mas do temporal que deixou de cair,
Da mão hábil que monda e arruma
Sinais e sílabas que saciam os lados.

SONETO XI

AS COISAS, paradas e vivas, têm a importância
Que atribuímos na vida a cada uma delas
Se vejo, portanto, o teu ego manso à distância
Que ânimo tiro para dizer coisas belas!

Em ermo planalto de automáticas nuvens
Tens elmo vestido de insípidas pantomimas
Teu esmo no ar diz versos sem rimas para
Um sesgo olhar sobre mundos inânimes.

Assim, sem ser movida por paixão alguma
Posso dizer com muito mais certeza
Que voz estridente em ti não pertence

Sobretudo bem sabes que sou apenas uma
Mulher em busca de um homem por natureza
Inclinado a pensar no que ele próprio pense.

SONETO XII

E SEGUE o mundo então dando importância
Apenas, no fundo, ao que lhe dá razão
Pôntica lua sobre o povo à distância
Revela o que é sua cessada opinião...

Pois nos custa tanto saber o que nos fala,
Em contramão arredia a tudo que nos toca
Com medo que diga a lua o que nos choca
De face no chão frio, duro, ao cortar alas.

Por isso só sonho, reflito e te amo.
Ao poeta a Verdade é franqueada,
Criada de um som puro ao relento.

Enxergo a trave nos olhos dos anos,
Ser pra si abre a porta para o nada
Se passo fé por fora e a dor por dentro.

SONETO XIII

NEM SEMPRE eu vou terminar o dia contigo
Embora eu nos perscrute anso por anso
A primeira estrela surgirá, seremos amigos
Companheira na noite, nos dirá, sede mansos.

Ausência. É uma letra que falta na palavra
É um passo que falta no caminho
É o céu que o piloto contempla sozinho,
E na longa estrada adiante, lavra.

Por que me distancio no escuro?
Por que tenho de ir aonde não estás?
Se os pássaros voam juntos por sobre os muros,

Por um vento que em estações voltará...
Mas a flauta por dentro bendisse o amor sagrado
Canção eterna feita à falta de estar ao teu lado.

SONNET XIV

I WONDER if by not doing, I'd be letting
And if by not letting, I'd be loving you
'Cause your Eye is so enchanting, while chatting
The stars turn around to draw the sky light blue.

Your hands tenderer than sweetest lullabies
Yet firm enough to hold my thought in laces
With short words you shine on me all graces
On me and on world's indifference, standardized...

So funny not to be satiated at any platform
To change airs for air as we climb floors
Checking how much far each of us would go

To easily find a point in life: just to meet and glow
After eternity shed each scent on us effortlessly
May fate choose we'll be next, while our softsleep.

SONNET XV

TU ME souviens sur le lac des lumières
Quand le monde était fourni en rose
Si, mon sourire n'était pas trop cher
Avant de soumettre à d'hui des choses.

J'ai soumis de l'eau, mon air, mes rêves
Tandis que la vie appartenue à une vision
Que je faisais pour acheter disposition
Au prix bas de quelques nuits de fève.

Mais le temps souffle, il me l'a dit
Qu'un enfant ne prie jamais de rester
De la même forme, sur place éternelle

Au contraire, il faut répondre à lui
Ça qu'on désire sous l'ombre foncé
Puisqu'il prépare des vagues belles.

SONETO XVI

AMOR, como eu quero teu cheiro!
Esta flor que sozinha desabrocha
Vétiver amanteigado o ano inteiro,
Raiz sorvida manando pela rocha.

Ah, mas a vida me passa tão ligeira
E o tempo que eu tive não me serviu
Para limpar nos campos de fé servil
A comodidade de brotar passageira.

Arranca-me da barra de outros pés
E planta-te ao lado de quem te adora
Amor, ali onde teremos várias horas

Para queimar no peito e arder na face, até
Conseguirmos dominar olhares de um ao outro
Quando um pouco será tudo e tudo, muito pouco.

SONNET XVII

OH JOY! To have found love
After toil, battle, and desert
The song that flying white dove
Speaks over head, in rattle, extrovert.

Oh breast, as nude as skin
Inspiring virtue to make over
All masks, and dusked covers
So we'll be vested only in sin...

Alas! But my purest love is never mistaken
What to say then, when hearts are broken
By all past illusions we too soon figured out

I wish I could say it to you out loud
This hope cannot ever be expendable
Alone it builds in soul what's sensual.

SONNET XVIII

WHAT shall I give to you in this blessed day?
Of my favorite things, are some for you the same?
Shall I give you glittering rain, its pouring faith
Or the kind forgiveness for a child ashamed?

I would give you everything I long for, the most
A kiss of a first love, a belonging to the utmost
A duty on the precinct of those who were safe
Before tyranny preferred not to bow nor haste.

I would give you the purest heart song
Fantasies collected over a beach shore and on
The truth dominions of light, the wisdom of sorrow

I would give you a child laugh in a bright tomorrow
Echo of your own chest, sight of your desire
Adored! I would give you my land, my sea, my fire.

SONETO XIX

CALADO e inútil segue o amor ranzinza claro,
E não chega ao rosa ante se pôr a vida,
Dói sem pretexto esta porosa ferida,
Carnaval traído por quarta de cinzas, raro.

Rarefeito busca no ar uma linda língua,
Que diga gestos de lenda para ser vivo
No peito contudo se exila em abrigo
Satisfeito em curar-se à mágoa, à míngua...

Sem linhas contínuas nem pontilhadas,
Amor inverossímil, jamais ouço de ti nada
Silêncio breve que alonga e desperdiça

Os tempos, as varandas e as premissas
De universo seco em que há solo de pranto
Guardando a estação, sedenta de teu canto.

SONETO XX

FRENTE à luz de uma vela balouçante
Entoei ao anjo de guarda a velha prece
E assim, como atina quem se esquece
Recordei teu amor calado de si diante.

De quando me disseste tão irrelevantes
Promessas e propostas de momento
Para perecer tudo que desencante
Calculaste muito, menos meu sofrimento.

Como quem livre ainda não se desata
De esperança que ao fim a sorte dure
E mesmo em face da morte me procure

Teu semblante alinhavado em voz sensata
Sigo amante de uma ideia que te recito:
Sendo celeste, cumpra-se em vida do amor o mito.

SONETO XXI

EU TE AMO com a doçura de uma fava
Aberta oferecendo em ventre os frutos
Do que estará, poderá estar e estava
Pronta para crescer em versos de minutos.

Meu amor todo em si já guarda
A visão da raiz, do caule e da folha
E se esgueirando sem fazer escolha
Sabe ao certo o que à frente o esguarda.

Ao sentir teus pés pisarem em novo solo
Eu saberei teu rosto, teus braços, teu peito
Pois atenta ganhei muito antes os olhos

Com que possa contemplar tua voz, teu jeito...
Amor, ao menos eu visse em tua forte face
O mesmo tanto de amor que a mim desejasses!

SONETO XXII

PERVERSIDADE assola a fé do mundo
Idolatrando fórmulas e falas rasas
Usando o amor que se deu profundo
Pra evitar o serviço e dividir a paga.

Mas nada escapa ao ver do amor divino
Cipreste olha ao longe em toda a paisagem
Sabe que ao fim apenas celebra a viagem
Quem provou o aroma de seu porte fino.

Amor, tu que respeitaste tão simples pleito
Bem sabes que na terra Ninguém é perfeito
Mas aqui bem paga pelo mal que não se faz

Por isso agradeço, por deixar-me viver em paz,
E os ricos, escravos do que julgam ser riqueza.
Amor! Para mim basta tua longa, infinita beleza.

SONETO XXIII

PONTE levadiça de meu peito,
O amor já não mais segue por um rastro de ciúme
Já não diz a poesia tudo direito,
Nem seu lastro fica aceso ao aceno de pavio de um lume.

Nenhum outro entra neste abandonado castelo
As praias secaram, no leito do rio não corre a água
Que fundia o céu e a terra, charneiras de tua vida árdua
Largueando na terra fértil os botões de dias belos.

Caminho sob a tênue chuva, que teus olhos fizeram cair
Ao ler alguns destes espólios de chaga a se redimir
E antes a boca bendirá a sede, o corpo exultará feridas

Se é teu desejo, Amor, não me apontar as saídas
Para encontrar a origem das dores, a relíquia perdida no sótão
O relógio das minhas flores, tuas mãos que os amores dobram.

SONETO XXIV

SE RI quem não conhece do amor o abate
A lágrima que escorre, seca e acompanha
Os dedos que mal escrevem, da pobre vate
Ledos de morte em face à saudade tamanha.

Mas sofre sem saber, quem jamais tentou ver dita
A verdade oculta em umas simples palavras
Descartando mui pronto apaixonadas escravas
Que inda te esperam, para escreverem infinitas.

Ai, Amor, as pessoas já não se declaram, silenciam
Sentença de tua desimportância, mui bem a despeito
Da falta que fazes queimar no meio daquele peito

De meu amado que se pensa pobre, perdido e só
Dize a ele, que se bem todos voltaremos ao pó
As palavras acendem amores que as dores adiam.

SONETO XXV

DE MANHÃ, meu Amor, o que te desperta e te arde?
E quero saber, quem lhe cuida em preparar a ceia.
Estará lendo os pressentimentos que escrevo à tarde,
As linhas coevas de meus clichês estarão cheias?

Do amor não sou mestra, é preciso que eu anseie
E em menos sabendo, queira ser ainda mais aprendiz
A entender em que milésimos de segundos o fiz
De tal modo a te amar mesmo que tu me odeies.

Quando o belo e o mau dão em empate,
E tudo concorre para seu contentamento
Perdoa o amor todo e qualquer ressentimento

De algo que lhe diminua ou questione o quilate.
Até que o sangue escorra, sem nenhum debate
Da razão pela qual sofre meu coração por dentro.

SONETO XXVI

MUITO melhor que ser amada é ser amável
Só as tolas exigem o velho nariz de cera
Para esboçar uma verdade insofismável
Se listam na curiosa honra de ser primeira.

A ti reservo, meu Anjo, tudo que passa
De modo que muito mais além se venha
Como as ondas repetem no mar resenha
Da prova incansável de sua bela graça.

De ti não espero dar ares em minha praça
Nem promessas de encontros às ligeiras
Anjo, digo que meu amor é puro espaço

Em que viagens sereno contemplando as beiras
Das quais se cair, será sobre meu regaço
Onde enleio cabelos, e a mágoa passa.

SONNET XXVII

JE VEUX les yeux qui s'installent tard
En ayant compris pour sentir, par osmose
Puisqu'avant qu'ils ne regardent des choses
Belles choses leur disent ce qu'ils doivent voir.

Je veux les mains qui prennent des roses
Des mots devenus des bourgeons de brouillards
Je veux des bras qui soutiennent en doses
Ce que le monde a le plaisir d'envoyer en chœur large.

Je veux rester petite, ponctue, pellet
Je veux penser si j'ai eu, si j'allais
Comme l'eau remplie dans une ruisselle bavarde

J'espère rencontrer un chemin noir
Où le soir invite à savoir ce qu'il sait
Cependant, oui, je ne saurais autant jamais.

SONETO XXVIII

A VIDA é concreta, concretíssima
Recaem sobre a cabeça à beça
As folhas velhas, sereníssimas
Por mais que eu não lhes peça.

O pensamento correu, sem pressa
Atormentou o corpo, doeu na alma
Ele nutriu a angústia e suspendeu a calma
Não disse à razão, és esta, ou essa.

Foi a dúvida que engatou a marcha à ré
Estacionou na moita, essa coisa de mulher
Homem de Deus, deverias ser menos covarde!

Dizer pra mim tudo que por dentro arde
Não para que eu dê cabo, outrossim resolva
Mas para que os olhos encantem, e o vento nos mova.

SONETO XXIX

UM MILAGRE à luz do dia vem queixar-se
Da janela que o esbarra em meu espaço
Nem às sete, nem às doze ou pela tarde
Pontualmente às nove horas quer um abraço.

Não segunda, nem às sextas, nem me fale
Ele apenas quer as cores de um domingo
Mas se eu abro a janela e vou sorrindo
Foge bem esbaforido e diz disfarce.

Passarinho, eu bem noto, és rubro e negro
Diferente frente aos outros me declama
Como dói na vitória a ver quem ama

Ser ao gosto desse amor um espólio meigo.
Não te espantes, se com o tempo, ao contestares
Ver que eu abro esta janela às outras aves.

SONETO XXX

SONETOS, sapatos. Sapatos, sonetos.

Fatos secos. Secos passos.

Cometo atos. Fatos cometo.

Falhos sujeitos. Cometas falhos.

Sempre safo, sabendo sapos

Sopapos, fazendo beijos, horta

Lambendo beijos, minhas botas

Sem espaço. Sou só fiapos.

Seria e sendo o que sempre sei

Sorri por dentro, sim, eu te amei.

Em sono, vestes, coisas, traços

100%, embaraço e laços.

Mas sozinha é a rama, sussurrando só

O que me diz o feltro, o tisso e o abisso pó.

SONETO XXXI

MERGULHEI tão fundo na chave de maré triste
Oceano sorriu de portal, círculo e mistério
Me levou sabendo que a fé foi só um palpite
Pequenino instante abraçou meu lado sério.

E aqui estou onde tudo é novidade
O errado e o certo eu já não sei bem
Expandiu no horizonte a linha de quem
Achava saber o que é em prol e verdade.

Pura brisa me sopra na proa felicidade
Sabedoria nada, ver que vão e que vêm!
As coisas e histórias já são de ninguém

Antes que o círculo exíguo diga oportunidades.
Muito melhor fazer filhos de si mesmos,
Que se ditar, tolo, que seja ao todo a esmo.

SONETO XXXII

QUANDO a mão de mãe já não te alcança
E o carinho se esforça pra estar contigo
Ah, fosse o mundo inteiro um imenso abrigo
Para descansar verdade em peito de criança.

Transborda, ao menos, em mim esperança
De ser sozinha muito mais que um vestígio
Sabendo curar breve a dor com nosso alívio
De esperar sonhando como será não cansa.

Assim que é leve e mui doce o abraço
Entre duas margens, nesse imenso espaço
Que canta o oceano entre aqui e além

Levando n'água esta mensagem a alguém
Em larga corrente linda, estável, devagarinho
Sonhar grande encurta as margens desse caminho.

SONETO XXXIII

ARRANJAREI palavras arrojadas
Para dizer o que falta em ti
Falta um vácuo de úmida escada
Em que possas correr e subir.

Não um túnel bem estreito e escuro
Nem chão liso, com portas e muros
Um campo bem largo, de céu estrelado
Aonde corras e a lua te siga por todos lados.

Te falta gastar toda essa energia
Contida por cautelas em demasia
Repetindo rimas de espagírica magia.

Te falta alguém que lhe abra e queira pernas
Mãos que lhe digam coisas bem mais ternas
Lençóis macios para derramares seiva eterna.

SONETO XXXIV

SE A TÁBUA é de smeragnida ou de safira
Quantos homens se leva para saber?
Quero apenas um, que ninguém interfira
No orvalho a tombar sem ter porquê.

Este homem do sol é filho, a lua é sua mãe
No meu mar ele pergunta qual é o segredo
Que as tábuas anotaram sem nenhum medo
De que os tolos se fizessem fariseus, deães.

Me parece não há passos, e sim páginas
Muitos pássaros e algumas boas lágrimas
Uma certa convenção que se faz a sós

S.O.S. que amarra ao redor muitos nós
Num almoço ensolarado e azul de domingo
O segredo, me parece, é estar no outro sorrindo.

SONETO XXXV

SE EU OLHO de perto, tudo é vasto e grande
Se busco de longe, tudo é só e pequeno
Se eu sinto muito, o céu se expande
Se eu sopro pouco, o instante é ameno.

E de manhã tudo que eu sonhei se perde
Qual é o propósito do sol tecer mais um dia?
Por que a Terra dá voltas em si tão breves,
E da árvore caiu a flor que ninguém me daria?

As flores têm cores e atraem passarinhos do lugar
Mas o homem corre atrás do outro lado do mundo
O que é perto não foi suave, intenso, profundo?

A cor só prisma em caminhos de tanto andar...?
Mas saciou meu colo e me encharcou de memórias
A brisa de dúvidas do teu mar de boas histórias.

SONETO XXXVI

TÃO CEDO os mares mudam
Os medos fugindo saram
Apenas os teus beijos curam
E só tuas palavras falam.

O oceano é denso e encurta
O tempo que levam as cartas
Se eu faço promessas fartas
Escrevo com mãos adultas.

A criança de fé oculta
Recebe em meus olhos graça
Contente de que jamais se furta

A mãe de lhe amar se esgarça.
Saudade demasiada não lhe cansa?
Saber que é verdade, e não esperança?

SONETO XXXVII

NÃO SAIA em galés noturnas,
Eu te amo mais do que todas!
Amor, que escorra lágrima de Isolda
Se eu não votar em amor na urna.

Recíproca fugirei dos donos
Apenas tua loucura me cativa
Prefiro ser denunciada pura, desativa
A deixar de povoar meu mundo com teus sonhos.

Amor, eu te direi nos olhos
Vagalhões que turbilharam o sono
Tua solidão é minha, sejamos mono

Tônicos, gânicos, líticos, córdios
Que o mundo fez caber na mesma medida
A entrada de meu corpo na estrada de tua saída.

SONETO XXXVIII

TANTO ME molestou a tua indiferença
Quando os germes isolados em ganidos
Viraram trinta anos de guerra e doença
E como outros os culpaste ser bandidos.

E as pessoas ali, à tua porta, segurando aros
Vomitaram sem quem lhes defendesse
Quididade então, meu Bem, perdeste
De fazê-los teus réus para então perdoá-los.

Ficaste na ponta de uma onda vazia e escura
De onde rezam por si mesmos os de alma pura
Para convencer-se do que não dizem seus pares.

Destituindo sentidos, riram os demônios aos milhares
E Amor, que estrago fizeram ao se orgulhar disso
Mas maior foi o teu neste imo âmago, sendo omissos.

SONETO XXXIX

LEMBRE a si de mim, jamais se esqueça
Que embora eu murche, um botão nasce
E antes que parta, outro em mim floresça
E se são muitos, ah! Um buquê em toda parte.

Mas se não queres mais floradas,
Te cansaste de andar sobre as flores?
Como suportar, então, as duras dores
Se a luz da colina é uma nesga em revoadas?

Apostam os infelizes a vida amargurada
Não a deles, mas a de suas mulheres
Flertando com o mundo jactam a perfeição

Que as flores pisadas fizeram nascer dourada.
Mas o sério freou, ponderando os alferes
E salvou que ornassem seu túmulo de gratidão.

SONNET XL

MY friend,

Life will never be spoken
And although people speak
Our hearts are silly and broken
But light keeps its humming speed.

There's a passion here and there
A blink, a potion, a token of promise
Joy ran rig, unraveled us solace
Against poison, reason, for stones' despair.

Our mornings felt different needs
Leisure in youth may grow as devotion
Our thoughts of care curiously seed

The glorious virtue one finds in ocean.
It's an old notch to sigh when missed
Amused I sing your longing as a gift.

(For Thiago Osti's birthday, 2017).

SONETO XLI

NÃO QUERO a rigidez no pensamento
Não aceito homens de dupla face
Só limpeza, por fora e por dentro
Escritora, afastai de mim o impasse.

E críticas impassíveis, não quero recebê-las
Que cada palavra seja regurgitada de tua garganta
Se não me fazes pensar por onde anda
A pena flexível que oscila em ondas belas.

Sem retornos, sem desvios, sem traumas
Traço retas frases dúbias, diretamente abertas
Não me tome por uma mulher que é coisa certa

Pois movimento é o trilho em que correm as almas.
Não sou rígida. Eu de mim expulso a queda.
Longe de mim a dívida. Sou mais dura que a pedra.

SONETO XLII

AMOR, acorda!

Desperta para um dia de mel e sonho

Virá, meu amigo, a tua água, e os demônios

Já não tocarão nos marfins de gosto amargo.

Apenas no sol o teu sorriso abrindo largo!

Não mais espelho de passos, anseios e disparos

Mas da festa em que dançarão os nossos olhos

Soldados vencem guerras, e se houver espólios

Serão das nossas bocas desvairadas em claro.

Combatarei tua nudez com a minha nudez,

Ao insolúvel problema, a perfeição matemática

Do fio que sobrou das exigências enfáticas

E o pássaro puxou como se faz com os salmos...

Artífice insólito de feridas e paredes, que calmo

Aos dedos dourados de meu amor cedeu a vez.

SONETO XLIII

AINDA que eu escrevesse mais de mil sonetos
Tão suaves quanto a relva é com os pés nus por cima
De nada serviria me encher de amor ao topo do teto,
Se eu não acertasse o teu coração com a minha rima.

E afiei tantas setas, dia após dia, de pura descrença
Alimentando a mim mesma de inúteis sentimentos
De quem cessou de se dizer, há muito, por dentro
Que dará de recorrer um primeiro amor de criança.

Mas notando seguidos e convencionais meus erros,
Deste um passo para o lado e cravaste em si o que devo!
Remediaste todos os equívocos da minha mira.

Foi então que verdadeiramente roubaste a lira
Que hoje te canta a devoção que tens por direito.
Te tornaste alvo, e assim me feriste de amor no peito.

SONETO XLIV

O QUE eu te desejo mesmo aos anjos escaparia
Na prateleira mais alta, teus sonhos realizados
Mensagem de um tempo claro com o gozo caiado
De botões que desabrocham no coração de Maria.

Certezas de amor pulsando mais repletas
Raio que parta do céu ao chão sem mais tardar
Passeio primaveril e sorrisos das borboletas
A porta que se abre sozinha para o sol passar.

Meu canto de alma um anjo não entenderia
Que desejo achar poemas daqui deste meu canto
Consolo raro que achou o meu espírito de tanto

Andar no calor da estrada de uma alforria.
Por isso escrevo, só dão conta fartos versos cristalinos
Do caminho que nos apronta nosso anseio de destino.

SONETO XLV

AMOR, as pessoas estão em sono químico
Já não enxergam a diferença entre o homem e o cínico
Para ver um pouco, é preciso o sofrimento
E saber quanto dói o espinho do algoz por dentro.

As pessoas não querem mais pensar
Elas querem objetos de predileção
Alguém que mantenha estendida e solene a mão
Mesmo que só lhes cumprimente a cor do ar.

Mas muito melhor é poder viver de amores,
Saudades dos nacos de realidade presente.
Viver sem ter recebido ajuda ou favores,

Pois não te queriam ver nem um pouco mais contente.
Muito melhor é entregar-se à parceria com o infinito
Ao autor anônimo que faz todos meus dias mais suaves e bonitos.

SONETO XLVI

ATENDER ao coração é um constante exercício
Terra calcária composta de muitas pedras
Mas não brota a flor, sem estender-se em sacrifício
De buscar alimento em várias rochas, em várias eras.

E são poucos seus sustentos durante a manhã
Mas dorme tranquila escondida da chuva à noite
Contente de ver que ao mundo também trouxe
Água serena, o passado de monotonia são.

Aceite esta flor, que ponho em seu copo todos os dias
Ela é inteira de manobras e foi feita de muitas quedas
Tome esta flor, meu amigo, e quem é que nos diria

Faltar cabimento a tão simples gesto que nos seda.
Amanhã, amigo, retorno e te trarei mais uma
Como a onda dissolve os males com deleite de alva espuma.

SONETO XLVII

DENTRO de mim eu tenho um ventre
Nutre, aquece, acende, acalma
Dentro de mim eu tenho pra sempre
Perícia de amar o que há na alma.

Tecidos coloridos em corpos geométricos
Colar de brilhos sobre os seios, para os céticos
Pétalas de plumas em escadas que levam às curvas
Átrios demarcando mapas, vinho retornando às uvas.

Há copos d'Água com uma flor dentro todo dia
Minha Pátria celebra o pátio de glória de ave-marias
Soltas demais para chorarem diante de um novo Cristo

Sem saber que os dias nos trazem novos apriscos,
Que juntam na terra um propósito de cor bem larga
Unindo as luzes que a noite em claro não apaga.

Feliz dia internacional das mulheres, 08/03/2018.

SONETO XLVIII

ESCRAVOS da própria sorte
Mulher e homem se resvalam
Exaustos de lutar com a morte,
Céus e luzes então nos falam.

O céu é um mar pra navegar sem se arrepender
Um dia bem chegará o resgate de eu e você
E veremos os frutos do trabalho, a confiança e a redenção
A voz que sustentando a noite não se apagou no coração.

Amor, és a tudo superior e és muito mais independente
Que os males e dúvidas ávidas de devorar a nossa gente.
Em tudo eu o faço minha Pátria, e é assim que me liberto

Mesmo que o exílio não segure por vezes o que estava perto.
Vão trabalhando, as forças da alma, pra limitar e desdizer
Que eu estive menos próxima desejando tanto ver você.

SONNET XLIX

MON ÉTOILE grouillant, je suis résolue
Ce sont seulement les mots possibles
Pour rendre compte à l'Homme absolu
D'un faix libre, indépendant et irrépressible.

Foi, des abondantes fois je ne pourrais jamais dire
Peut-être nous n'aurons plus de temps
Alors toute dans la vie sera joie suffisant
Pour éclater nôtres cœurs et encore resplendir.

De ton insatisfaction j'ai trouvé mon devoir sacré
Je ne devais pas, mais j'ai oublié mes clés
Pour te laisse occulte et pétrifiée dans mon lac

Je ne suis pas l'espace noir, pour vous contenir
Alors on dance hors de la romance au parc
Même ayant peur des erreurs et de faiblir.

SONETO L

DEIXEMOS espaço para o arrependimento à frente
Para sempre, apenas a luz de visões afinadas
Possamos separar-nos para nos buscar urgentes
E contar como sofremos nas mãos de quem ama nada.

Façamos recortes dos nossos solilóquios
E vejamos então como dançam e combinam
Nas curvas que faz o tempo, os contínuos
Lapsos e arroubos de pensamentos próprios.

Para então concluir, que é divino e sublime
Amor que desce do céu algo que nos rime
Prova de haver caminhos traçados desde muito antes

Que os passos que damos hoje não nos deixarão distantes
Que os nossos olhos nos sons e vitrines se buscaram
Pra de repente se lembrar do quanto ainda não se amaram.

SONETO LI

ESTÁS ficando uma alma bastante sensível
Acercam-se lobos feridos e, Amor, tu tocas e afagas...
Talvez não amantes, como provei ser possível
Mas serão súditos, e não ferozes cães sem farda.

Ao menos pudessem os seios bem visíveis
Reduzir tormentos, aumentar a circulação
Ao menos pudessem, em face ao pobre chão
Compadecer-se de realidades tão miscíveis.

Mas o guarda de direitos espanca,
Mas o cozinheiro empunha a faca
A rosa já não quer mais ser branca,

E a liberdade é esta mulher fraca.
Prometi não antecipar ao Amor mais nada
Contudo chorarão ao final de subir a escada.

SONETO PARA UM HOMEM (LII)

CONVÉM que eu lhe escreva
É imprescindível que eu me declare
Dizer ao mundo qual fêmea primeva
Que eu lhe amo, embora seja tarde.

Convém que eu lhe demande
E é bom que eu não os lamente,
Meus olhos de oferenda contente,
Pois o amor é demasiado grande.

Isso me convém e isso me dá prazer
Escutar seu coração, apenas, todos os dias
Compreender o melhor e o pior de ser,

As luzes brilhantes e as vozes vazias.
Eu lhe convido à conveniência da proximidade
Ao conforto entre a mão e o arco de minha felicidade.

SONETO LIII

ÀS VEZES penso: comi o pão que o diabo amassou
Mas não. Eu comi o pão que eu mesma amassei.
Não há mais como pisar em ovos, já escorregou
A pena vulnerável nas palavras brancas que eu te dei.

Um coração cansado demais para bater em vão
Só cabriolas, rodamosinhos de vento num baile
Escol de rouxinóis cantando pra ser lidos em braile
No corpo estirado, cansado neste frio e duro chão.

De saia sobressaída eu vou girando e concebendo então
Mentes deslidas, retorno a uma era de erótica inocência
As vozes descidas, os sonhos de uma desperta demência

Nos córregos selvagens entornados pelo homem são.
Com base em puro e simples pensamento mágico
Encerremos espasmos de nossos cataclismos trágicos.

SONETO LIV

O AMOR ACONTECE por dentro em nós
E ainda que fórmulas o credenciem por fora
Não seguram esses confrangidos nós
Que exigem gestos no imediato agora.

Canção ínfima nas dunas de um deserto humano
Peregrina chama que acende na dor de duas almas
Formoso beijo em minha testa e agalma
De sabor que ignoram os gregos e os troianos.

Sal da terra, sala do mar, sol do céu
Abraço de bálsamo que esfrega em meu corpo mel
Ajunta cacos de rosas, restitui a voz perdida

Em páginas ressuscita o peito,
Inflama as cinzas no ar de uma luz estendida
Eterna morada e infusa ciência a que temos direito.

SONETO LV

AMOR, ENTRASTE e fizeste por dentro a maior bagunça
Te jogaste em meu corpo doendo, todo doido e absoluto
Mas de douto remédio eu não faria jamais denúncia
Pois curar com o dobro pareceu-me um método astuto.

Mas agora a desordem em que estou me faz cair em mim
Paredes pintadas de papéis, sangrados todos meus segredos
Bem bandido, engalfinhaste-me com quadris em teus enredos
Fingindo lamentar esse nó górdio que amarraste sem fim!

Preciso livrar-me, preciso soltar-me, demasiada essa tua calda de açúcar
Com que sorvo sonho de seres meu propósito último, e nenhum outro
Ai, Amor, mas meus ouvidos estão todos de greve e moucos

Para ouvir bom senso dizer as tuas próximas arapucas.
Eu vou massagear teus ombros, eu vou beijar teu rosto só mais uma vez
Mas se me sorris, tergiverso a minha saída nestes comitês.

SONETO LVI

AMOR. ESTOU tentando, mas não consigo soltar-me
Fui eu quem chamei primeiro às delícias, Amor,
Pra dizer que está bom ficar presa ao teu charme
Bem omitindo a parte inodora, insípida e incolor.

Mas tudo bem. Não há problemas. Há quem nos aparte
Muito embora tenha virado ninho de nossas certezas,
Nos aproxime tolerando as nossas infantis gentilezas,
Sem dizer que confere um certo espaço à nossa arte.

Quem me trouxe em segredo para este notável paraíso?
Quem construiu este templo sagrado do teu adorável sorriso?
Serpentes aqui têm pernas, os arbustos flamantes estão floridos

Superfície transparente assegura que jamais seremos arrependidos...
Resolva o amor este problema que disse não poder errar
Está tudo sob controle, por enquanto o voo só leva a voar.

SONETO LVII

HÁ MOMENTOS de não dizer nada
É melhor muitas vezes deixar de ir
Mais sábio ser nítida e abandonada
E livre para cuidar, cantar e redimir.

Considero desejável a desvantagem
As garças bem moles, a desconsideração
O que com muito esforço no meu coração
Subtraí e sublinhei em minha paisagem.

Passagem a um jardim de luz sem medo
Nenhuma malícia, perícia, ou mesmo segredo
Apenas a água morna de um banho tranquilo

O teto da espera de um amor, o funil de um cochilo
No campo fértil dos deuses africanos restauradores
Estrelas estresindo no lago humano meus tons e minhas cores.

SONETO LVIII

A MISSÃO de matar a morte é de noite
Se impõem essas tarefas de canto infatigável
Embora se alegue impostergável a foice
A vida nos sopra uma brisa mais agradável.

E recebo tudo o que na bruma me transporta
E me alegro com as vistas que caíram couros
Rasparam o declínio e me fizeram em ouro
Os estalos impressos nas paredes e nas portas.

Concorrem o barulho e o ruído em erística
Mas estamos a salvo, sigamos estudando a patrística
Da espera de um tempo antigo para ideias velhas

Das dúvidas acolhidas que, sabendo, me aconselhas.
Mas sobreviveram na língua e escorreram nas pernas
Páginas de capa dura em que meu tormento hiberna.

SONETO LIX

MIRAGENS denunciam na água a minha pressa
Mensageiros alados alardeiam as boas orações
Recordam ter quitado em carne viva e prestações
A bala barata com que mataram a doce promessa.

Não fosse o amor tão grande, a tanta espera
Faria inútil a chave persistente de uma era
Mas a vida é curta demais para consumir todos propósitos
De doer hoje o que ontem doeu mais uma vez nos trópicos.

É preciso ter pulso e segurar pelos meus pulsos
Convidar a atender o roteiro do corpo e das mãos
Ganhar momento nos peitos em que falarão

Os amantes que deixaram de ser do paraíso expulsos.
Suspiro de alívio que após muitas noites derrocadas
Cura a tempo de ver nossas angústias derrotadas.

SONETO LX

AMOR, SIM, eu vi as pessoas voltando a ti os seus rostos
Reconhecendo de longe a vaga e memória de efigie
Sem saber por que ali estavam, tiveram então gosto
De discernir a voz profunda que há muito nos dirige.

E sorriram teus lábios, abriram teus olhos contentes
Nítidas silhuetas, testas franzidas, braços cruzados
Viram-te auriverdes, pressentiram olhos lacrimejados
Ao redor névoa cinza escudou o éter transparente.

Foi brilho noturno nos ginásios daquelas mulheres,
Sura de Maria nascida debaixo da suave palmeira?
Sob a qual Leto dá luz a um segundo e também à primeira

Obra de costumes e timbres em nossos caracteres...
Mas te expuseste sob a moeda dessas nódoas de imagens
Em temor teimemos, não louvemos vãs promessas de miragens.

SONETO LXI

É VERDADE. Eu sou uma utopia pragmática
Então, sê, amigo, o pragmatismo utópico
Melhor que os desmandos de vozes automáticas
Melhor que viver uma vida em tópicos.

Escrevendo paulatinos, falemos paladinos
De se prevenir a um ímpeto de ódio que opera
Silencioso ele no peito ganha chão e espera
Dizer o que a súplica exortou não fosse hino.

Mas veio correndo, nas mãos de poeta a pino
Vontade de sofrer, chorar, revidar ao mundo
O que lhe depositaram como um fel imundo

Numa lágrima de pureza doce e decantada.
Vontade de curar nos corpos o desatino,
Dar palavra à boca de emudecer cansada.

SONETO DE BEM LONGA VIDA (LXII)

A minha vida foi brilhante
Mas a minha morte, criativa em nada.
Se falei palavras gigantes,
Foram ontem já ditas na estrada.

Eu fui aonde estive antes,
Passos em círculos ao redor da alma
Dormidas no sossego e calma
Perdida no céu de uma estante.

Mudei a ordem dos meus versos,
Para ver se encantavam melhor
Resultaram em modelo adverso

Do que existe, é vivo e anda só.
Mas ao menos me fizeram vir muitas gentes
E rimas fizeram cada dia do outro diferente.

SONETO À CONSTITUIÇÃO DE 1988 (LXIII)

JÁ É triste demasiado que alguém morra
Que dirá então matar uma mulher de tristeza
Aquele cujas lágrimas de bom grado escorra
Na fonte de sonho, no passo humano, em sã fortaleza.

E as cláusulas ditas na boca com digno sorriso?
Páginas riscadas de abrigar tanta coisa no ventre
A pena que estirada deu nós em uma voz fluente
Para ser justo o que antes não era no último piso.

Por isso, Amor, desta Pátria és graça e te friso:
Não porque saibas mais, ou detenhas grã-verdades;
Mas pelo peito que acolhe a minha saudade

Da glória eterna destes sentimentos simples
Das portas abertas num mar de trajetos seguintes
Dos beijos de incesto entre o sol e o meu riso.

SONETO LXIV

TEU PEITO é fértil, nele cresce, cumpre e arde
Árvore de gentis segredos, cetins, cendais de linho
Pousam nela meus pensamentos no fim da tarde
Nesses galhos povoo teu espaço de estar sozinho.

Cada folha brote em verso nestas minhas cartas
Até que caiam bem levemente no chão as chaves
Momento propício para que então tu me craves
De beijos singulares e brilhos de suaves marcas.

Correm no fio de ouro as pétalas dos sábios amantes!
Tecem ganas, enredam urdiduras com fitas passionais
Se dissolvem em pólen e chuva, é para que me plantes

Continuamente mudas, de que não nos fartaremos jamais
Até que na paisagem muitas árvores deem cor aos montes,
Até que o cântaro seja servido na cristalina paz de uma fonte.

SONETO LXV

POR FIM, não importa se perdes ou ganhas
Mas que estejas feliz, grão e sem medo
Sem notar se são panóplas ou arremedos
Os frutos que o outono fez das artimanhas.

E é de graça que deposito com fê tamanha
A energia que outros tantos me negaram
Por teu amor é que meus versos não tomaram
Do cálice triste de veneno de uma ariranha.

Mas te salva, esta corda longa que não terá fim
Venha depressa e corre todo dia para mim
Que não necessitas mais de nenhuma tristeza

Agora que sabes o que de antes já tinha certeza:
Não nos largamos por sequer milésimo de segundo
Inda que mil léguas nos separem em outros mundos.

OUTROS SONETOS

SONETO DA ROMÃ

PERFEIÇÃO milagrosa colhida no galho,
Rosa de rubras joias escondidas
Fruto do tempo fulvo e falho,
Tentativas de juntar gomos na vida.

Benefícios da súplica, da seca e da espera
Visão de sonhos que nos dias giram a esfera
Tão numerosos, iguais e não menos doces
De água estocada aguardando que algo fosse...

Na distância esticada e percebida a tempo,
Junta a romã as histórias de cada momento
E as protege sagrada, com casca grossa e comum.

Até que em deserto, na árvore sobre apenas um
Fruto selado por pequena coroa de sua vitória
Sobre o fim do desejo, sobre as faltas da nossa memória.

LONGO SONETO DA DEVOÇÃO TOTAL

QUE AO mais sensual homem à vista, seja eu cega.
E ao galanteio de uma voz grave e sincera, muda.
Que a pressa constante de um moço me impeça
E às alheias juras de devoção, eu seja surda.

Que os termos que fazem completo sentido, eu note loucos
E as serendiptias sejam completos absurdos, muito pouco
Que o meu melhor amigo me escreva apenas
As lições de sedução aprendidas às duras penas.

A minha devoção seja tão grande em não lhe perder
Que mesmo em lágrimas debulhada, eu não desista
E o trabalho que nos interrompe me diga que exista

Qualquer razão maior, faculdade, ou porquê.
Em cartas de amor de outrora, eu faça palimpsesto
De sua interminável demora, eu tire um soneto.

E a feliz culpa seja memória em pedra bem gravada
Como o início de um conto escrito por uma fada.

SONETO DA FALTA DE AMOR ALHEIA

A FALTA de amor não tem remédio
As cartas são tédio, sem remetente.
Se a vida escancara-se, é sacrilégio:
A falta de amor nos faz descontentes.

Argumentos fúnebres e deslocados,
(Tudo é estéril, da realidade descolado)
E só se pensa no eterno sacrifício de si mesmo.
Desconta-se tudo sem desconto dado,
Munida de minúcias escolhidas a esmo.

A criança segue esperando de amor ausente,
Aspirando de novo estar no materno ventre
E ser feliz sendo simplesmente amada.

Mas a falta de amor é uma fúria indulgente:
Ignora a presença doce, o esforço da gente,
Conversa é um pedido que não serve pra nada.

SONETO DA LONGA DEVOÇÃO

EVOÉ! Jamais me prestarei a evocar-lhe.
Evoé! Teu som eu sinto evolar-se
Como Baco eviscerado já me sou sem qualquer malícia.
Quem provou da vida tanto o gosto amargo quanto a delícia.

Evoé, evoé... Pra quê tanto?
Se o amor de um só é adamantoso...
Evoé, evoé... Soa-me um pranto
De quem não serviu, não serviu pra ser santo!

Jurei de juramento, de joelhos dobrados
Naquele verso da árvore, das horas,
Que o mastro não estando ao teu lado
Faria-me lua, antes de tua demora.

Evoé... A minha orgia é ao longo dos anos,
Que planejo ter com quem me namora
E deixa os excessos de ser profano.

Freada no amor quando aflora
Contido no sol de teu respeito.
Só assim se faz amor direito!

SONETO DO BAILE DA CORRUPÇÃO

NO BAILE da verdadeira corrupção, ninguém vê dinheiro
São só calos, argumentos e hábeis tropéis lisonjeiros
Dança-se ao som da argúcia e da precaução.
Aos fiéis e às diretas súplicas, desilusão.

Neste baile de robôs, quem não dança é criança
Quem não tem vocação ganha uma ligeira pança
No baile da corrupção, chama-se prática institucional
Solidariedade e letra morta, a tudo que não for banal.

E apenas os melhores bailarinos são selecionados
Eles anteciparam um futuro de discórdia,
Enviaram espadas, munição e uns morteiros.

Mas e se não os usa? Permanecerás por inteiro?
Já não é desvio, nem gorjeta de misericórdia
São inércias que vão galgando futuros postergados.

SONETO DA RECONCILIAÇÃO

BEM longe atrás, eu já imaginava
O excesso nas fimbrias de briga resvala
Quando o peito em si mesmo, caído, cala
Diante da dúvida, do medo de aljava.

Receios surdos, tecidos de pala
Palavras que ferem não têm razão!
Sentiste meu medo e eu disse tua fala
O espelho do amor é a maior perfeição.

E a dor de cabeça? Em se dar o perdão
Até que te convenças não haver finitude
Do amor que, feliz, mandou me dar de graça!

Aquele que eu fiz da dor de flor escassa, em vão,
Filho dos desterros e dono das minhas virtudes,
Canção dita em cheio, de que tudo que veio, passa.

UNÇÃO ALVICELESTE

NADAS certo, cisne branco
És sincero e pequenino
E tão belo no lago de pranto
Derramado por um menino.

Não és branco de susto ou de medo,
Mas de alvo canto, no meu impávido segredo
Como as preces de verso no hino ocultadas
És claro e luminoso, como a nuvem no céu flutuada.

Abandonado, desliza e contempla sem ter nada
Aos cuidados das mãos raras de um jardineiro.
Sem memória, tu és história atravessada

E tuas plumas perfumadas, dos reis o travesseiro.
Esquece das ameaças sem razão alguma!
Teu encanto enche o lago, o Rio e o mundo de fortuna...

O LABIRINTO E A VOZ

A POBREZA é um labirinto
Por aqui se fecha, por ali não se vai
O bloqueio de tantos caminhos
Reduz as saídas e a liberdade se contrai.

O labirinto de palavras é desenhado
Por aqueles que têm suas canetas
A cada não desassossegado
Regem o decreto de não-se-intrometa.

Da luneta enxergo a energia das cores
Diáspora de estrelas, no mar se comunicam
Querem ter laços e novos amores

Querem de novo ser dor e palpitam.
Palavras maduras, onde está vossa boca?
Estamos naquela sem voz que convoca.

SONETO DA MÃE DESESPERADA

FELIPE

304

FELIPE

FELIPE

MEUS FILHOS

SONETO DO AMOR MANIFESTO

É DIFÍCIL escrever de um modo simples,
E fazer caber todas as palavras na boca.
Juntar figuras que unidas sejam símiles,
E fazer do encontro um modo de tirar a roupa.

As vestes de orgulho feitas nas crateras,
As meias rasgadas que escaparam das feras
Até ser joliz, recusando o jaez do senão
Até emudecer, e a minha palavra viva segurar na tua mão.

É difícil também chorar de um modo fácil,
Deixar arder no rosto o amor que nos é grácil
Pois aprendemos a rejeitar tudo que é falha,
E trazer pra si invariavelmente a razão.
Mas no fundo, a consciência atrapalha
Do que eu preciso apenas nossa dor espalha,
Por isso eu o digo em manifestação.

SONETO DA SAUDADE

LUZ prismada no cristal de burel quente
De brasa em noite com sonhos desavisados
Sentimento de um plácido som intermitente
Fala nos pássaros seus códigos desvairados.

Não param de falar, esses signos persistentes
Memorandos de anis fartos, de agora sem depois
Cantam que a saudade é o amor que fica na gente
Após a despedida de nossa metade que se foi.

Dívidas que há muito deixaram de ser pagas
As saudades são tantas, acumulam de vários tipos
Silêncios de algo quisto, mas levado pelas vagas

Porandubas de lágrimas que hoje seriam mitos...
Ah! Saudade é de meu amigo, a família que eu escolhi
Sinônimo ininterrupto de ele lá e eu aqui.

SONNET TO THE ALMOND TREE

THE FULL moon of Shevat arose
And sap rose joints in the buds of trees
Blossoms hoped that from that G'd's blow
Snow'd melt in water, augur, and spree.

But on that season, winter cast no hopes
And springwater swerved cold courses
Since so absorbed in far old sources
Whistled few drops in a foiled stream.

True almond tree, however, flowered
It knew how to drink from the ice on its bougher
And twigs and sprigs grew throbbingly

Leaves and posies then sang nature's artistry.
For time, plights, and junctures always meet
When soft kernels plead a forthcoming seed.

SONETO DA COMPANHIA AUSENTE

AH, SE EU tivesse companhia
E as reuniões fossem enredos
Ah, se o tédio fosse algo íntimo
E eu pudesse confessar os meus medos.

Ah, se eu tivesse companhia
Para registrar minha solidão
Alguém que de noite e de dia
Me segurasse pela curva da minha mão.

E todo gesto contivesse mensagens
Depois do sono, mensagens,
Nossos rostos despertassem colados...

Ah, se o amor não fosse uma miragem
E para dizer bastasse estar calados.
No fundo eu o vejo, e apenas por isso, romântica, eu me guardo.

SONETO BREVE

GRITAM no deserto de ideias os apóstolos da destruição
Atacam de si seus valores, mordem a mão que protege
Eles gritam contra o mundo, contra a brasa e contra a neve
Mas não se levantam para mudar o canal da televisão.

E querem mudar o pensamento de dezenas de países
Querem que as pessoas deixem até mesmo a religião
Só que não oferecem suprimentos nem a falta de razão
Necessária para a estupidez de matar nossas raízes.

Padecem do mesmo mal esses amigos, tu me dizes
A voz que ataca é a mesma que derrocadas proclama
Mas não sejas tão mau a ponto de dizer que não amas

O direito de encontrar onde resides a pacificidade
Os planos bem feitos de imaginar novas cidades
Quintais de crianças sem medo de brincar felizes.

SONETO SÓBRIO

SEM DÚVIDA amar é a mais completa tolice
E preferível seria jamais provar de seu gosto amargo
Contudo ao beber vários goles sem que o paladar sentisse
Ficou provada a indispensabilidade desse nobre encargo.

E é com tão grande falta de bom senso,
Com a estupidez de que capaz jamais se creria
Que se torna possível ao ser humano despertar ao dia
Sem ir parar nos números de escabrosos censos.

Pois é ao amor que se deve o próprio nascimento
E a esperança de não se ter vivido em vão
A mais certa e propositada razão

Para não sucumbir diante dos cruéis tormentos;
Para então dominando a extorsão que nos faz consigo
Extraír desta dor seu melhor e mais dileto amigo.



Ana Paula Arendt, pseudônimo de R. P. Alencar,
é poeta e diplomata brasileira.
(Aquarela de Rodrigo Nardotto)

“Lindos poemas, lívidos momentos de uma estranha materialidade, banhada em sons melódiosos como os de uma floresta soprada pela brisa.”

Davino Sena, poeta e diplomata brasileiro, sobre Sonetos de Verdadeiro Afeto.

“É belíssimo, uma intrigante narrativa em linha reta, para quem esteve de passagem. É de uma idade eterna, para guardar tanta imagem entranhada numa gente que espalhou em viagens mundo afora, e se uma cidade cujo nome é Olisipo, e dele herdou toda poesia...”

Fred Maia, poeta e letrista brasileiro, sobre Mátria lusa.

“O poema é lindo, fresco e quente, sensível e empolgado, tem toda a nossa história - dos nossos dois povos que sempre serão, eu acho, inseparáveis...” ***Dra. Maria Adozinda Soares, cientista e cidadã portuguesa, sobre Mátria lusa.***

“Li e reli, vi a essência do povo português aos olhos de um ‘irmão’, com palavras puras, profundas e belas.”

D. Teresa Pires, cidadã lusa do interior de Portugal, sobre Mátria lusa.

“Poeta e diplomata, Ana Paula Arendt reafirma uma das mais antigas tradições da Casa de Rio Branco: a forte relação entre diplomacia e poesia.”

Fabio Coutinho, Presidente da Associação Nacional de Escritores – ANE

“Seus poemas são muito bons, têm profundidade de conteúdo, têm musicalidade e ritmo, e têm imagens variadas de um universo de significações que faz pensar na sensibilidade de quem os escreveu”.

Francisco Merçon, crítico e revisor literário, sobre a obra.

“A musicalidade dos seus textos, acho que é camoniana. Mas ao mesmo tempo não há uma submissão à rima, a rima é marcada, mas isso tudo com uma naturalidade tal que não tropeça. Sua escrita é caudalosa, parece um rio. Quando eu estava a ler, pareciam ondas que iam crescendo.”

Artur Anselmo, Presidente da Academia de Ciências e Classe de Letras de Lisboa.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-920794-1-3



9 788592 079413

